



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Centro de Educação Física e Desportos
Campus de Vitória – ES

RANDLEY RAY DE CASTRO CRUZ

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ESPORTES
NÁUTICOS:
uma experiência pedagógica

VITÓRIA - ES
2023



RANDLEY RAY DE CASTRO CRUZ

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ESPORTES NÁUTICOS: uma experiência pedagógica

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para o título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientadora: Ana Carolina Capellini Rigoni

VITÓRIA - ES
2023



RANDLEY RAY DE CASTRO CRUZ

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ESPORTES

NÁUTICOS: uma experiência pedagógica

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Ana Carolina Capellini Rigoni

Data da defesa: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Ana Carolina Capellini Rigoni
Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Titular: Humberto Luís de Deus Inácio
Universidade Federal de Goiás

Membro Titular: Paula Cristina da Costa Silva
Universidade Federal do Espírito Santo

Local: Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desportes
[CEFD – UFES Campus Goiabeiras]

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C957e Cruz, Randley Ray de Castro, 1987-
Educação Física escolar e esportes náuticos: uma experiência pedagógica / Randley Ray de Castro Cruz. – 2023.
170 f. : il.

Orientador: Ana Carolina Capellini Rigoni.

Acompanha Produto Técnico: Cartilha : Educação Física escolar e esportes náuticos: uma experiência pedagógica. Modo de acesso: <<http://www.educacaoofisica.ufes.br/pt-br/produto-tecnico-educacional>>

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos ; [coordenação] Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

1. Educação física. 2. Aventura e aventureiros. 3. Esportes aquáticos. I. Rigoni, Ana Carolina Capellini. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. IV. Título..

CDU: 796

Dedico a todos e todas que gostam do mar.

AGRADECIMENTOS

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica e a todo corpo docente e técnico-administrativo do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, em especial à todo corpo docente e técnico do polo UFES.

À Professora Ana Carolina Capellini Rigoni, pela inestimável e sensível parceria, por acreditar nas minhas ideias e pela orientação cuidadosa, inteligente e acolhedora.

Aos estudantes da turma do oitavo ano C da EMEF Orlandina D’Almeida Lucas e seus familiares, que abraçaram e se dedicaram a esse projeto com todo coração.

À Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Vitória por possibilitar a realização dessa pesquisa, reconhecer suas contribuições e torná-la conhecida.

A Cartiane Martins da Escola de Vela Vix Náutica, a Carlos Augusto da Agência Alma Nativa e ao Corpo de Bombeiros Militares do Espírito Santo, que sem eles, esse trabalho não teria sido o que é.

Aos Professores do ProEF Polo UFES que acompanharam mais proximamente o desenvolvimento desse projeto, Prof. Ueberson Ribeiro e Prof^a Paula Cristina da Costa Silva e ao Prof. Humberto Inácio de Deus, da Universidade Federal de Goiás, que me ofereceu valiosas contribuições.

A Zenilda Santos, Romilda Teles, Fernanda Perini Santos, Ana Luísa Abreu, Sandra Cristina Fonseca, Prof. Alexandre Flores, Amanda Barbosa e demais colegas da EMEF Orlandina d’Almeida Lucas, à Prof^a Aline Vieira e a Marcelo Del Maestro pelo seu valioso apoio.

Aos professores Luiz Gustavo Nicácio, José Alfredo Debortoli, Elisângela Chaves, Silvia Ribeiro Santos Araújo, Silvio Ricardo da Silva, Helder Ferreira Isayama que me inspiraram, acreditaram em mim e me abriram portas.

A Wallacy Prado, pela ajuda cuidadosa e substancial no projeto gráfico do produto final.

A Danilo Ramos, Juliane Nunes Leal, Naiara Paola, Lucilene Alencar, Marianna Lobo, Raphael Coelho, Ludimila Sartori, Deisi Raquel, Amanda Alcure e a todos os amigos que em algum momento participaram da minha trajetória e das minhas escolhas.

À minha família, em especial meus pais, pelo amor e incentivo aos estudos.

“O mar é tudo. Abrange sete décimos do globo terrestre. Sua respiração é pura e saudável. É um imenso deserto, onde o homem nunca está só, pois sente a vida agitar-se por todos os lados. O mar é apenas a personificação de uma existência sobrenatural e maravilhosa. Não é nada além de amor e emoção; é o 'infinito vivo’”.

VERNE, Júlio, 1963, p. 54

CRUZ, Randley Ray de Castro Cruz. **Educação Física escolar e esportes náuticos: uma experiência pedagógica.** Orientadora: Ana Carolina Capellini Rigoni. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

RESUMO

Esta pesquisa parte da constatação da realidade de uma escola pública municipal e periférica de Vitória, Espírito Santo, onde o pesquisador atuou como professor de Educação Física. Durante o planejamento participativo do ano letivo de 2021 foi diagnosticado que a maioria dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental relatou não conhecer, não ter nenhuma experiência prévia e não ter curiosidades acerca dos esportes náuticos, muito embora a cidade em que vivessem figurasse como um dos principais polos náuticos brasileiros. Nessa ocasião, o professor-pesquisador percebeu que muitos deles não tinham o hábito de ir à praia e alguns afirmaram sequer conhecer o mar. Tal diagnóstico instigou uma pesquisa-ação que buscou situar os esportes náuticos e as práticas corporais de aventura aquáticas como conteúdo da disciplina de Educação Física, assim como refletir e intervir sobre as barreiras que limitavam o acesso dos estudantes a essas atividades em sua cidade, a fim de que produzissem sentido e significado para elas. Foram desenvolvidas 20 intervenções didático-pedagógica junto a uma turma do oitavo ano, nas quais os esportes náuticos foram abordados no percurso curricular da Educação Física no ano de 2022. As intervenções incluíram brincadeiras e jogos com o tema dos esportes náuticos, simulação de movimentos, construção de brinquedos, visita a uma piscina e à praia para vivência de caiaque, *stand up paddle* e vela e a organização de um festival escolar, dentre outras iniciativas. Foi avaliado que a unidade didática contribuiu para que os estudantes não só conhecessem e vivenciassem parte dessas atividades como também lhes permitiu produzir significados sobre elas, estabelecendo um rico conjunto de relações com as modalidades, seu equipamento, o ambiente aquático e a cidade onde vivem. Também se tornou evidente que, embora esse seja um tema de difícil desenvolvimento no contexto escolar, há possibilidades e alternativas viáveis para sua abordagem pelos docentes de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Esportes Náuticos. Lazer. Esportes.

CRUZ, Randley Ray de Castro Cruz. **Schollar Physical Education and Nautic Sports: a pedagogical experience.** Master's Supervisor: Ana Carolina Capellini Rigoni. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

ABSTRACT

This research starts from the observation of the reality of a municipal and peripheral public school in Vitória, Espírito Santo, where the researcher acted as a Physical Education teacher. During the participatory planning for the 2021 school year, it was diagnosed that most students in the final years of elementary school reported not knowing, having no previous experience and not having curiosities about nautical sports, even though the city in which they lived figured as one of the main Brazilian nautical centers. On that occasion, the researcher realized that many of them were not in the habit of going to the beach and some claimed to not even know the sea. This diagnosis instigated an action-research that sought to situate nautical sports and aquatic adventure body practices as content of the Physical Education discipline, as well as to reflect and intervene on the barriers that limited students' access to these activities in their city, the order to produce sense and significance for them. 20 didactic-pedagogical interventions were developed with an eighth grade class, in which nautical sports were addressed in the curricular course of Physical Education in the year 2022. The interventions included games with the theme of nautical sports, movement simulation, construction of toys, visits to a swimming pool and the beach to experience kayaking, stand up paddle and sailing and the organization of a school festival, among other initiatives. It was evaluated that the didactic unit contributed for the students not only to know and experience part of these activities, but also allowed them to produce meanings about them, establishing a rich set of relationships with the modalities, their equipment, the aquatic environment and the city where they live. It also became evident that, although this is a difficult topic to develop in the school context, there are possibilities and viable alternatives for Physical Education teachers to approach it.

Keywords: Schollar Physical Education. Nautic Sports. Leisure. Sports.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Figura 1** – Piquenique no Parque Horto de Maruípe
- Figura 2** – Piquenique no Parque Horto de Maruípe
- Figura 3** – Brincadeiras com água na escola
- Figura 4** – Aula "A relação histórica e geográfica da cidade de Vitória com o mar"
- Figura 5** – Aula expositiva "Esportes Náuticos de impulso por força humana"
- Figura 6** – Aula "Esportes Náuticos de impulso por força humana"
- Figura 7** – Visita à piscina da UFES
- Figura 8** – Visita à piscina da UFES
- Figura 9** – Jogo da Pesca Esportiva
- Figura 10** – Jogo da Pesca Esportiva
- Figura 11** – Aula "Esportes Náuticos de impulso por força do vento"
- Figura 12** – Palestra com a velejadora
- Figura 13** – Palestra com a velejadora
- Figura 14** – Aula "Oficina de nós"
- Figura 15** – Confecção dos barquinhos de brinquedo
- Figura 16** – Exposição dos barquinhos de brinquedo
- Figura 17** – Exposição dos barquinhos de brinquedo
- Figura 18** – Exposição dos barquinhos de brinquedo
- Figura 19** – Brincando com os barquinhos de brinquedo
- Figura 20** – Oficina de salvamento aquático na Praia da Curva da Jurema com o CBM - ES
- Figura 21** – Oficina de salvamento aquático na Praia da Curva da Jurema com o CBM – ES
- Figura 22** – Preparando para a prática de caiaque e vela
- Figura 23** – Vivenciando os esportes náuticos na praia
- Figura 24** – Estudantes velejando
- Figura 25** – Encerramento da visita à praia da Curva da Jurema
- Figura 26** – Cartaz de divulgação do Festival Náutico
- Figura 27** – Estudantes preparando o Festival Náutico
- Figura 28** – Diários de bordo dos estudantes
- Figura 29** – Abertura do Festival Náutico

Figura 30 – Festival Náutico: Oficinas

Figura 31 – Festival Náutico: Oficina de Nós

Figura 32 – Festival Náutico: Exposição e Palestra com o surfista

Figura 33 – Festival Náutico: Palestra dos estudantes

Figura 34 – Festival Náutico: Palestra dos estudantes

Figura 35 – Festival Náutico: Palestra dos estudantes

Figura 36 – Festival Náutico: Pesquisa de satisfação

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classificação dos esportes náuticos segundo a origem do impulso do deslizamento.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBM - ES	Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Espírito Santo
CEFD	Centro de Educação Física e Desportos
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
EF	Educação Física
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMEF ODL	Escola Municipal “Orlandina D’Almeida Lucas”
PMV	Prefeitura Municipal de Vitória
PROEF	Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
SEME	Secretaria Municipal de Educação
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	O COMEÇO DE UMA VIAGEM	14
2.1	As condições meteorológicas locais: a escola como nosso cais	16
2.2	Os ventos que me trouxeram até aqui.....	19
2.3	Como pretendo velejar: o método da navegação.....	25
2.4	As intervenções pedagógicas	30
3	QUEM TAMBÉM VELEJA POR ESSAS ÁGUAS	32
4	AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS	41
4.1	O contexto da escola e da rede municipal de Vitória em 2022	41
4.2	O contexto da turma do 8º ano C	44
4.3	A aplicação e dados preliminares do formulário	46
4.4	Relato e registros das intervenções didático-pedagógicas realizadas.....	48
4.2.3	Eixo temático “Corporeidade e natureza”	52
4.2.4	Eixo Temático: Direito ao lazer e ao mar de Vitória.....	60
4.2.5	Eixo Temático: Esportes Náuticos de impulso por força humana	72
4.2.6	Eixo Temático: Esportes Náuticos de impulso por força do vento	93
4.2.7	Eixo Temático: Festival Náutico Escolar.....	125
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS: AFINAL, ATÉ ONDE FOI POSSÍVEL NAVEGAR?	151
	REFERÊNCIAS.....	157
	ANEXO I – FORMULÁRIO DE DIAGNÓSTICO DAS EXPERIÊNCIAS DOS ESTUDANTES COM MODALIDADES NÁUTICAS E AQUÁTICAS.....	164
	ANEXO II – ATIVIDADE AVALIATIVA DA UNIDADE DIDÁTICA DE ESPORTES NÁUTICOS: PESQUISA DE ACESSIBILIDADE DAS MODALIDADES NÁUTICAS A PARTIR DA REALIDADE DOS ESTUDANTES	167
	ANEXO III – REPERCUSSÃO MIDIÁTICA DA PESQUISA.....	168

1 O COMEÇO DE UMA VIAGEM

Nos últimos anos, Vitória tem se projetado como um polo náutico brasileiro. Com parte de seu território localizado numa ilha, a capital capixaba é um dos melhores destinos para o turismo náutico no País, e encanta viajantes interessados em explorar as belezas da cidade, sua natureza e exuberante orla marítima. A informação é do Boletim de Inteligência de Mercado do Ministério do Turismo (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2021), que elencou as regiões brasileiras mais atrativas para esse tipo de experiência e cita Vitória com destaque.

Além de dois píeres, dois portos e de outros pontos de acesso a embarcações na água, a cidade tem uma emblemática marina, que figura como um de seus cartões postais mais conhecidos. Vitória também tem sediado uma variedade de eventos esportivos de relevância nacional e internacional¹, e vem revelando atletas locais em competições de diferentes modalidades como remo, vela, pesca oceânica, canoagem e *stand up paddle*. Nessa dimensão esportiva, até 2018 a Secretaria de Esportes da Prefeitura de Vitória manteve uma escolinha de esportes que atendia crianças e jovens da rede pública de ensino na iniciação esportiva em duas modalidades náuticas: remo e vela². No momento da escrita dessas linhas, estes projetos encontram-se suspensos, mas segundo a Secretaria de Esportes (em informação obtida por comunicação pessoal, via e-mail) há interesse da atual gestão de retomá-los em breve.

Também parece ser de interesse de parte da população local ter um contato mais próximo com as águas de Vitória através das práticas de lazer. Em um estudo que ouviu moradores e comerciantes da região do Porto de Vitória, a pesquisadora Flávia Vasconcelos (2014) identificou que 92% dos entrevistados foram favoráveis que o Porto da capital, que vem gradativamente perdendo espaço para outros portos regionais, cedesse lugar a atrações culturais, turísticas e atividades esportivas que pudessem ser realizadas na Baía de Vitória.

Tão íntima relação de Vitória com o oceano tem levado a gestão pública a apresentar, ao longo dos anos, iniciativas para promoção e incentivo da cultura

¹ Esporte Alternativo. **Capixaba é campeão mirim no Brasileiro de Optimist em Vitória**. 15/01/2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3BCGFw0>>. Acesso em 22 jul. 2021

² Prefeitura Municipal de Vitória. **Inscrições abertas para as escolinhas de esportes no Tancredão**. 19/12/2011. Disponível em: <<https://bit.ly/3il7Lcb>>. Acesso em 22 jul. 2021

náutica local³, incentivando o turismo, o esporte⁴ e o lazer no mar como forma de promover a qualidade de vida de seus moradores e tornar a capital mais sustentável e atraente para investimentos e negócios, como aponta Letícia Klug (2005).

A extensão de atividades humanas no mar de Vitória, contudo, não é recente. De acordo com Anna Karine Bellini (2019)⁵ o lazer marítimo na cidade teve início no final do século XIX, quando a zona urbana se restringia à área ocupada pelo atual bairro Centro. Através de práticas recreativas que iam desde o terapêutico banho de mar e da contemplação da paisagem oceânica às regatas de canoagem em comemoração ao dia de Santa Catarina, a população vitoriense foi pouco a pouco explorando as ricas possibilidades de vivências corporais em embarcações na água.

Ainda segundo a autora, com a fundação dos clubes esportivos Álvares Cabral e Saldanha da Gama, o remo e a vela passaram a ser atividades corriqueiras nos horizontes da cidade, podendo ser considerados os primeiros esportes náuticos do Espírito Santo. Thacia Varnier (2011) concorda com Bellini e acrescenta que o remo, em particular, chegou a ser a modalidade esportiva mais praticada pelos espírito-santenses, recebendo grande destaque da imprensa esportiva da época e contando com torcidas e entusiasmados espectadores em suas regatas. A pesquisadora aponta que através dos clubes, os atletas vitorienses buscavam nessas práticas a manutenção da saúde, a educação moral e um corpo musculoso e viril, e gozavam de certo prestígio local pois também vinham de famílias de boa condição socioeconômica.

Para Alexandre Pereira e Eustógio Dantas (2019), o significado que tais práticas assumem na atualidade no contexto das cidades litorâneas é diferente daquele do passado, que estava mais associado a um caráter terapêutico, moral e estético. Os autores avaliam que as práticas marítimas esportivas modernas se nutrem da relação do sujeito com a natureza, o que as situam entre os chamados

³ Prefeitura Municipal de Vitória. **Prefeitura de Vitória insere turismo náutico em plano de ação para 2010**. 21/10/2009. Disponível em: <<https://bit.ly/3i1htY8>>. Acesso em 22 jul. 2021

⁴ Prefeitura Municipal de Vitória. **Campeonato Estadual de Remo começa neste domingo em Vitória**. 12/08/2021. Disponível em: <<https://bit.ly/2XNfbUW>>. Acesso em 12 ago. 2021

⁵ No início da minha vida acadêmica tive oportunidade de trabalhar com uma pesquisadora que se tornou uma grande amiga e companheira de estudos. Aprendi com ela que a escrita acadêmica fica mais sensível e humanizada se adotamos o hábito de citar nossas referências bibliográficas pelo seu primeiro nome, quando estas aparecem pela primeira vez no texto. De acordo com essa amiga, tal modo de escrita valoriza o trabalho do autor/ autora, sua trajetória e suas contribuições ao campo que estamos pesquisando. Em virtude disso, criei o hábito, desde a graduação de proceder dessa forma em meus textos acadêmicos. Portanto, peço a licença ao leitor para manter esse costume aqui.

"Esportes de Aventura", modalidades criadas ou adaptadas para a praia e para o mar e que emergem em "países tropicais como o Brasil, com costas extensas, praias arenosas, quentes e ventiladas".

Não surpreende, portanto, que por ser uma metrópole litorânea e tropical localizada na região mais desenvolvida do país e oferecer tamanha riqueza de práticas corporais e de atividades de lazer, Vitória surja como um expoente complexo náutico e de atividades de aventura na água. Isso não significa, entretanto, que essas práticas sejam apropriadas e desfrutadas pela maior parte da população da cidade.

Considerando a desigualdade social brasileira, é esperado que o acesso a estas experiências seja restrito a um público com padrão de vida mais elevado, algo que já acontecia na capital capixaba no final do século XX (BELLINI, 2019) e que se confirmou em minha primeira incursão na sala de aula, quando observei que meus alunos dos anos finais do ensino fundamental não apenas desconheciam a maior parte das atividades de lazer náutico da cidade em que moravam como também não se sentiam motivados a conhecê-las.

2.1 As condições meteorológicas locais: a escola como nosso cais

Logo no meu primeiro ano numa escola de ensino fundamental da rede municipal de Vitória, percebi que meus alunos se interessavam por uma variedade de temas da Educação Física, tais como esportes coletivos, jogos eletrônicos, ciclismo, lutas, jogos e brincadeiras e até mesmo algumas atividades de aventura como *skate*, escalada e *parkour*, porém o mesmo não podia ser dito sobre sua relação com os esportes náuticos. Isso ficou nítido quando, no início do ano letivo de 2021 envolvi os estudantes num processo de planejamento participativo para elaboração do plano de ensino e promovi uma votação para decidirmos os conteúdos que estudaríamos em Educação Física naquele período. O tema dos esportes náuticos foi o menos votado pelos alunos. Com isso, percebi que embora estivessem geograficamente próximos de uns dos melhores locais para prática dessas modalidades no país, os estudantes não manifestavam curiosidade nem se sentiam atraídos por elas.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Orlandina D'Almeida Lucas está localizada num bairro de classe média baixa, tem um público muito diverso, composto tanto por estudantes em situação de vulnerabilidade social quanto por outros, com melhores condições socioeconômicas. A constatação de que nenhum destes

estudantes, independentes de sua condição socioeconômica, tinha contato com essas vivências no mar me apontou a existência de barreiras que talvez estivessem restringindo seu acesso a certas atividades de lazer e a parte da cultura corporal de movimento que emerge em Vitória.

Essa contradição, portanto, sinalizou que essas práticas corporais que transformam as paisagens da cidade, que compõem o cenário de lazer capixaba, são publicizadas nacional e internacionalmente e que ajudam a compor uma atmosfera de bem-estar, qualidade e estilo de vida saudável em Vitória não alcançava a todos, nem todas.

Refletindo sobre meu papel de educador e de docente de Educação Física (EF) diante deste cenário revisei o trabalho de Valter Bracht (2005), onde o autor discute que o saber da Educação Física é um saber da dimensão cultural. Para ele, nossas atividades físicas e práticas corporais assumem os sentidos que lhes atribuímos, mas que sempre podemos transformar, ressignificar. Bracht observa que é papel da EF na escola propiciar aos alunos a apropriação, a construção e participação nas manifestações culturais da sua sociedade e do seu tempo e cabe a nós, professores deste componente curricular, identificarmos a parcela da cultura e os saberes dos quais trataremos na escola.

Para além deste ponto, a Educação Física escolar tem responsabilidade sobre as experiências lúdicas e físico-esportivas das crianças e dos jovens e isso produz um impacto que será sentido ao longo da vida desses sujeitos. Uma vez egressos do ambiente escolar, os jovens levam para a vida todo um repertório de práticas corporais e lúdicas vivenciadas na dimensão dessa disciplina e que lhes ajudará a escolher o que fazer em seu tempo de não-trabalho e de descanso das obrigações sociais.

Em 1996, Nelson Marcellino já afirmava que através da educação os sujeitos teriam acesso a um amplo arcabouço de atividades de lazer. Para o autor, isso garantiria que o indivíduo se tornasse autônomo e livre na escolha e no desfrute do seu tempo de lazer, ao mesmo tempo que isso asseguraria que este sujeito fosse transformado, produzindo conhecimento a partir da sua experiência com essas atividades no tempo livre. Essa perspectiva tornou-se conhecida como o *duplo viés educativo do lazer* e embora, recentemente, alguns estudiosos do lazer no Brasil venham apontado para a necessidade de repensá-la, em alguns aspectos ela continua

sendo acolhida por defender o lazer como eixo de conhecimento a ser tematizado pela EF escolar.

Provocado por essas referências, compreendendo o papel da EF como promotora do acesso as diversas práticas da cultura corporal, fui instigado a investigar de que forma as atividades de lazer náutico poderiam despontar como um conteúdo possível para as minhas aulas, particularmente neste contexto em que estou inserido e para estes estudantes. Para lançar-me neste percurso, busquei pensar em estratégias pedagógicas para o tratamento deste tema e das suas interlocuções com outros campos do conhecimento, de modo a torná-lo estimulante à produção de conhecimento, à reflexão e à vivência corporal dos meus alunos.

Para tanto, iniciei uma pesquisa-ação sistematizada, planejada para cerca de um trimestre letivo com uma turma de 8º ano composta por aproximadamente 26 estudantes. Meu principal objetivo neste caminho foi planejar, desenvolver e avaliar intervenções didático-pedagógicas que contemplassem os esportes náuticos como conteúdo da EF nos anos finais do Ensino Fundamental de forma que produzissem sentido para os estudantes nativos e moradores da Vitória. Além disso também busquei investigar as causas do desinteresse dos estudantes pelo tema dos Esportes Náuticos; elaborar e desenvolver uma unidade didática sobre esse assunto com a turma; avaliar e analisar as possibilidades e os limites encontrados ao longo do processo de construção e desenvolvimento da unidade didática e propor estratégias para o trato didático-pedagógico dos Esportes Náuticos na EF escolar.

Como produto educacional elaborei uma cartilha pedagógica com orientações para abordagem dos Esportes Náuticos na Educação Física escolar, dedicada a professores e estudantes do Ensino Fundamental, contemplando a temática das atividades náuticas de lazer como conteúdo do componente curricular e incluindo sugestões de procedimentos que podem ser adotados para o tratamento desses esportes na escola. Essa iniciativa se justifica pelo fato de que, desde que iniciei esse empreendimento ouvi de professores próximos e conhecidos afirmarem que não conseguiam ver possibilidades de abordar um tema como os esportes náuticos em suas aulas, seja pela dificuldade de acesso à água, pela falta de tempo, por falta de conhecimento ou por receio de acidentes em casos em que o acesso à água é possível.

Além disso, em conversas com esses docentes percebi que eles não consideravam possível tratar os esportes náuticos em aulas dentro da escola, salvo em condições mais expositivas, com recursos audiovisuais, leitura e debate, por exemplo. Deste modo, a cartilha poderá apontar possibilidades pedagógicas e contribuir para que professores, em especial da rede pública, se inspirem e construam suas aulas e soluções para as dificuldades pedagógicas que encontrarem. A cartilha será divulgada num blog que administro desde minha graduação, criado com intuito de estudar e compartilhar conhecimento sobre essas modalidades, intitulado “Estudos Náuticos”⁶.

2.2 Os ventos que me trouxeram até aqui

Durante minha infância e adolescência sempre gostei de me divertir na água. Nasci e cresci numa cidade do interior de Minas Gerais, e meu tempo de lazer sempre incluía o contato com piscinas, cachoeiras, rios e lagoas. Também passava boa parte das férias em família em praias do Espírito Santo, onde criei uma forte relação com o mar.

Aos 22 anos me mudei para Florianópolis, em Santa Catarina, onde tive contato com uma cultura náutica efervescente. Assim como Vitória, Florianópolis é uma capital-ilha e durante o período que lá morei convivi com surfistas e pranchas de *surf*, pescadores e seus barcos de pesca, velejadores, veleiros, equipamentos de *windsurf*, *kitesurf*, *lanchas*, *jet skis* e todo tipo de coisa que intermediava a relação do ser humano com o mar.

Retornei a Minas Gerais seis anos depois para estudar Educação Física. Durante minha graduação tive conhecimento de que numa lagoa próxima de Belo Horizonte – a Lagoa dos Ingleses, em Nova Lima – alguns esportes como vela, remo e *stand up paddle* eram praticados, aprendidos e ensinados. O inusitado desta descoberta me estimulou a desenvolver uma pesquisa de iniciação científica e posteriormente, o trabalho de conclusão de curso sobre a prática dessas atividades num contexto de lazer da região da capital mineira.

O trabalho acadêmico me trouxe oportunidades profissionais neste campo e no decorrer de dois anos fui assumindo outras identidades: de pesquisador, de aluno, de

⁶ <http://estudosnauticos.wordpress.com>

assistente e finalmente de professor de vela. O encanto que estas atividades me proporcionavam me fez vislumbrar a possibilidade de administrar a profissão de professor de vela em paralelo à minha carreira de professor de Educação Física escolar.

Minha pesquisa de graduação me mostrou que, embora as modalidades náuticas sejam praticadas nas grandes porções de águas interioranas de todo o Brasil, é no litoral que elas expressam todo seu potencial cultural, lúdico, esportivo e de estilo de vida. Pelo menos no que diz respeito à vela, quanto mais horas embarcado o velejador tem no oceano, mais prestígio, respeito e legitimidade ele adquire na sua comunidade de praticantes. Foi pensando nisso que prestei o concurso do magistério para a Prefeitura de Vitória em 2019. Morar em Vitória me anunciava uma oportunidade de seguir a carreira docente, morar numa cidade com conhecida qualidade de vida e ampliar minhas relações com o mar.

Minha mudança para Vitória foi carregada de expectativas e uma delas era de que meus alunos apresentariam alguma familiaridade, apreço ou relativo convívio com essas práticas marítimas que tanto me atraíam. Comecei minha carreira docente num momento muito desafiador. Fui nomeado para meu cargo no auge da pandemia de covid-19 e comecei a trabalhar com os anos finais do ensino fundamental na EMEF Orlandina D'Almeida Lucas. Logo de início minhas aulas seguiram o formato híbrido, com atividades remotas e presencias e sua dinâmica foi interrompida várias vezes, em virtude dos protocolos de biossegurança.

Começar meu trabalho na escola neste contexto complexo e instável me instigou a dar continuidade aos meus estudos através do Mestrado Profissional, pois estava certo de que a produção de conhecimento a partir do meu cotidiano na escola poderia trazer luz aos desafios que eu, meus alunos e pares enfrentaríamos nesse momento delicado. Diante das várias limitações que a pandemia impôs ao trabalho docente, por conta do distanciamento social e do ensino remoto, concluí que, mais do que nunca, a Educação Física deveria fazer sentido para os estudantes. Por isso, era imprescindível que eles participassem da construção do planejamento e da organização do currículo naquele ano letivo.

Segundo Paulo Roberto Padilha (2002) o planejamento coletivo das aulas tem como princípio a partilha do processo de tomada de decisões e de organização do trabalho. O autor considera que o planejamento, quando construído com participação

dos estudantes se constitui num fazer político com propósito coletivo, alinhado à perspectiva de uma escola dialógica pensada por Paulo Freire.

Diante disso, elenquei sete conteúdos da Educação Física que eu julguei serem adequados para o modelo de ensino que estávamos adotando na escola. Eram eles: ciclismo, jogos eletrônicos, danças, atividades circenses, esportes náuticos, esportes aquáticos, jogos e brincadeiras e práticas corporais de aventura. Optei por estes conteúdos, em específico, porque eles atendiam a alguns critérios que eu havia estabelecido: I - Deveriam ser temas adaptáveis ao formato de aulas remotas e de aulas presenciais com distanciamento social; II – Os conteúdos deveriam ter um maior potencial de discussões teóricas, já que também seriam trabalhados nos formatos virtuais e em apostilas impressas; III – Deveriam ser priorizados assuntos inéditos ou pouco estudados pelos alunos nos anos anteriores, aproveitando o momento para nos aprofundarmos nestes temas; IV – Também teriam preferência os conteúdos mais desafiadores para a abordagem no cotidiano da escola, em tempos “normais”, seja por exigirem material e infraestruturas específicas, seja por requererem saídas do ambiente escolar ou apoio de outros profissionais para serem ensinados.

Durante as primeiras semanas de aula realizei votações nas turmas de sexto, sétimo e oitavo ano para que os alunos decidissem o que mais lhes interessava estudar ao longo do ano de 2021. Tive a expectativa de que os esportes náuticos chamariam muita atenção e seriam um dos temas mais votados. Imaginei que, assim como eu, os estudantes também se sentissem atraídos por essas práticas, principalmente por viverem numa cidade litorânea.

Promovi a votação em cada turma, em cada um dos grupos de alunos que revezavam o ensino presencial na escola e também na plataforma virtual de aprendizagem, para os alunos que estivessem estudando exclusivamente pela internet. Fiz uma breve apresentação de cada conteúdo, conceituando-os superficialmente e explicando como poderíamos estudá-los no decorrer deste ano atípico.

Cada aluno deveria votar em três conteúdos, pois dividiríamos o ano em três unidades. Para minha surpresa, o tema dos esportes náuticos foi o menos votado de todos os conteúdos, recebendo apenas dois votos na somatória de todos os votos

contabilizados, em todas as turmas. De modo geral, o tema mais votado foram os jogos eletrônicos, seguido das práticas corporais de aventura⁷ e do ciclismo.

Curiosamente, as práticas corporais de aventura interessaram os estudantes, fato que não aconteceu com os esportes náuticos. Durante as experiências de votação, observei que parte dos alunos não sabia o que significavam as práticas corporais de aventura, por nunca terem estudado este tema na escola. De modo geral os estudantes demonstraram surpresa ao saberem que as práticas corporais de aventura faziam parte do conteúdo da Educação Física escolar. Talvez por isso um grande contingente de alunos associou o conceito de aventura ao *parkour* e ao *skate*, principalmente. Notei que foi o fato de apreciarem e praticarem essas modalidades no seu cotidiano que despertou seu interesse de estudar as práticas de aventura na escola. Por outro lado, suas experiências anteriores com a Educação Física não lhes forneciam elementos para perceber as semelhanças entre as práticas corporais de aventura e os considerados “esportes náuticos”, que por fim acabou lhes parecendo pouco instigante.

Posteriormente, tive oportunidade de conversar com alguns alunos e lhes confessei minha surpresa pelos poucos votos que os esportes náuticos tinham recebido. Foi então que descobri que alguns dos meus alunos nunca tinham ido à praia e que a maioria deles não tinha qualquer familiaridade com as práticas corporais realizadas nestes ambientes. Essa constatação me revelou a necessidade de desenvolver um projeto de ensino que contemplasse as questões complexas que começavam a se delinear para mim.

⁷ Neste trabalho farei maior adesão à terminologia “Práticas Corporais de Aventura”, que surge no trabalho de Inácio et. Al. (2005) para descrever as práticas corporais realizadas em aproximação com a natureza, à noção de aventura, risco e bem-estar, e por avaliar que esse termo se mostra mais adequado ao tratamento pedagógico dado ao tema nas aulas de Educação Física na escola, onde opto por privilegiar o apelo cultural que essas práticas têm assumido nos dias atuais, sua vivência no tempo de lazer e o viés da autorrealização e da qualidade de vida em detrimento da noção de rendimento, competição e performance. Reconheço, no entanto, a existência e o valor de outras nomenclaturas como as AFANs (Atividades Físicas de Aventura na Natureza) (BETRAN, 2003), Esportes Radicais (UVINHA, 2001), Esportes na Natureza (DIAS, 2007) que, evidentemente, atendem a diferentes contextos de estudo dessas atividades e que muitas vezes aparecem na literatura, sendo utilizados por vários autores. Por outro lado, faço a opção pelo uso da expressão “Esportes Náuticos” apesar da sua associação àquilo que eu busco evitar quando escolho o termo “Práticas Corporais de Aventura”. Penso que o termo “Esportes Náuticos”, nomenclatura que assumo para designar as práticas corporais de aventura aquáticas que fazem uso de uma embarcação, permite ao estudante compreender mais imediata e concretamente essas modalidades que, a princípio lhe são distantes e pouco atrativas. Adotar uma terminologia muito diferente do senso comum, da linguagem popular e midiática poderia dificultar a identificação e a aproximação do aluno com essas práticas, algo que é um dos objetivos centrais deste trabalho. Voltarei discutir a opção pelo uso dessas terminologias no Capítulo 3.

Refleti sobre meu papel de educador e sobre o lugar que ocupo, sendo um professor de Educação Física que tem uma experiência pessoal e profissional com as atividades náuticas numa escola pública, de um bairro pobre de Vitória, cujos estudantes desconheciam parte da sua cultura corporal de movimento, além de não terem acesso aos espaços onde essa cultura é vivenciada.

Notei que de alguma forma estes alunos estavam desconectados dessa cultura corporal que emergia na cidade onde viviam, que transforma sua paisagem, que orienta iniciativas e conduz políticas públicas, que torna Vitória conhecida no Brasil e no mundo. Pensar que meus alunos não participavam disso, que não se apropriavam, não se sentiam parte desse universo me convidou a pensar em estratégias pedagógicas que revertissem essa situação, que aproximassem estes sujeitos destas práticas e destes lugares, que lhes possibilitasse a apropriação, ressignificação, reflexão e experimentação corporal das peculiares práticas esportivas e de lazer que sua cidade lhe proporcionava.

Nesta direção, o trabalho de Rodrigo França e Simone Rechia (2006) sobre a relação e a apropriação dos espaços públicos pelos sujeitos das cidades num contexto de lazer me traz elementos para pensar essa circunstância percebida na vida dos meus alunos. Estes autores analisaram que para acontecer uma participação ativa das pessoas nos lugares abertos e públicos das cidades – como na praia e no mar, por exemplo – é preciso que aconteça um encontro, uma troca e a comunicação entre os sujeitos nestes espaços. Segundo os pesquisadores, muitas dessas trocas acontecem através de experiências de lazer, esporte e atividades físicas e contribuem para que estes espaços tenham significado para a comunidade e para que um novo tipo de relação entre espaço-tempo e cidade-cidadão seja conquistado, produzindo uma nova forma de viver, ver e perceber a cidade.

Aline Tschoke et.al. (2011) também asseguram que a apropriação e ressignificação dos espaços públicos é um exercício de cidadania, de cuidado e comprometimento com o patrimônio da cidade e partilha de responsabilidades. Perante isso, considero que o estreitamento dos vínculos dos estudantes com as práticas lúdicas experimentadas no mar de sua cidade não só produz conhecimentos sobre estas práticas como também estimula a noção de pertencimento a estes espaços, a reflexão sobre seu usufruto e o exercício da cidadania desses jovens.

Ressalto que os esportes náuticos, bem como outros temas com os quais elas fazem interlocução, figuram como conteúdo da Educação Física escolar nos documentos e diretrizes norteadoras da educação básica e do ensino fundamental. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p.217), principal referência neste sentido, em virtude da sua abrangência nacional, elenca as práticas corporais de aventura na natureza como uma unidade temática deste componente curricular para os anos finais desta etapa escolar, destacando que cabe a escola reconstruir e transformar essas atividades para adaptá-las à sua realidade, podendo ocorrer de forma simulada ou de acordo com "o cenário de cada contexto escolar".

A BNCC ainda enfatiza

a necessidade e a pertinência dos estudantes do País terem a oportunidade de experimentar práticas corporais no meio líquido, dado seu inegável valor para a segurança pessoal e seu potencial de fruição durante o lazer. Essa afirmação não se vincula apenas à ideia de vivenciar e/ou aprender, por exemplo, os esportes aquáticos (em especial, a natação em seus quatro estilos competitivos), mas também à proposta de experimentar "atividades aquáticas". São, portanto, práticas centradas na ambientação dos estudantes ao meio líquido que permitem aprender, entre outros movimentos básicos, o controle da respiração, a flutuação em equilíbrio, a imersão e os deslocamentos na água (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 217)

Também as Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura de Vitória (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2020, p. 98-107) estabelecem como eixo temático o que intitulam "práticas corporais emergentes" e que incluem as atividades de aventura na natureza e os diálogos que elas tecem com os espaços de prática na comunidade, suas emergências e transformações históricas, seu impacto no meio ambiente, marcas sociais e possibilidades de recriá-las.

Perante tais circunstâncias, reconheci a relevância deste projeto de pesquisa, avaliando que uma estratégia pedagógica pautada por uma abordagem crítica da Educação Física, que considerasse esse campo de conhecimento pela sua perspectiva humanista, histórica e cultural poderia produzir um impacto salutar na relação destes estudantes com a cidade em que vivem, com sua cultura, sua história e práticas corporais que embora estejam à porta de suas casas, não lhes são convidativas.

Deste modo, considerei que construir um percurso pedagógico pautado na abordagem Crítico-Emancipatória, embasado no trabalho do professor Elenor Kunz (1998; 2001; 2003) seria bastante oportuno, particularmente pela centralidade que Kunz atribui ao “Se-movimentar” como forma de comunicação com o mundo e dando protagonismo ao sujeito que se movimenta. O objetivo foi, através desta unidade didática, possibilitar ao estudante a interação com o mundo dos esportes náuticos, formando sujeitos com autonomia para praticá-los, apreciá-los e refletir sobre eles.

A escolha por esta abordagem também se justifica pela afinidade que senti por ela já na graduação e que tem sido referência para meu trabalho docente desde o meu primeiro dia na escola. Inicialmente essa perspectiva pedagógica me chamou atenção pelo viés transformador e libertador da palavra “emancipação”, que é central na obra de Kunz. Para além disso, acredito numa educação centrada no diálogo, na participação do estudante no processo de aprendizagem e que se norteia pela formação de um sujeito crítico e autônomo, que aprende a utilizar as ferramentas do conhecimento para, então, buscar soluções para questões individuais e coletivas na sociedade.

Por outro lado, não vejo essa abordagem como único caminho possível para a construção da unidade didática a que proponho. Outras várias poderão compor, de modo mais sutil, o planejamento e o desenvolvimento das aulas, e contribuir com elas. Entretanto, penso que a perspectiva de Elenor Kunz traz valiosas e enriquecedoras possibilidades, que me parecem adequadas para a atuação na realidade que atuo.

2.3 Como pretendo velejar: o método da navegação

Este estudo tem como objetivo a construção de uma unidade didático-pedagógica para o ensino de esportes náuticos nos anos finais do Ensino Fundamental numa escola pública da rede municipal de Vitória.

Trata-se de uma investigação de caráter qualitativo, uma vez que está traçada a partir do olhar e da experiência dos sujeitos e da integração do pesquisador ao campo estudado. A turma selecionada para fazer parte da pesquisa foi a do 8º ano C, frequente no turno vespertino da EMEF Orlandina D’Almeida Lucas. Trata-se de um grupo de 26 alunos, escolhido para este estudo em virtude da relação de confiança que vinha se estabelecendo entre a turma, as famílias e o professor e que poderia contribuir para que as intervenções do professor-pesquisador, sobretudo as que

oferecerem risco à sua integridade física, pudessem transcorrer com o máximo de segurança possível. Ademais, nos meses anteriores ao planejamento da pesquisa esse bom relacionamento estava se traduzindo num aumento gradual de interesse, compromisso e num engajamento espontâneo dos estudantes com as atividades propostas na Educação Física.

Embora a concretização de intervenções pautadas no ensino de esportes náuticos pudesse, num primeiro momento, soar distante e por demais desafiadora para o contexto de uma escola pública, identificamos caminhos possíveis e interessantes que estão sendo construídos para se garantir a vivência, a experimentação corporal e a apropriação dessas práticas pelos estudantes. Neste sentido, o trabalho não tem abdicado de guiar-se pela construção de conhecimentos na dimensão do corpo e do movimento, uma vez que a cultura, corpo e movimento são pilares que constituem a especificidade da Educação Física, assim como defendeu Valter Bracht (2005).

A metodologia eleita para execução deste projeto foi a pesquisa-ação. A escolha deste método se deve ao fato dele permitir incluir o cotidiano e sua complexidade no processo de construção do conhecimento, o que é possível em virtude do exercício de interlocução produzido por este sistema entre a teoria e a prática (BARBIER, 2002, citado por TANAJURA, BEZERRA, 2015).

Conforme observa Selma Pimenta (2005) a pesquisa-ação é uma estratégia metodológica onde pesquisa e intervenção prática caminham juntas para produzir a transformação daquilo é estudado. Para Kincheloe (1997, citado por PIMENTA, 2005) a pesquisa-ação não somente pretende compreender ou descrever o objeto investigado, mas também transformá-lo. Desta maneira, o viés crítico ressalta e ganha relevância nesta escolha metodológica.

Pimenta (2005, p. 526) ainda avalia que a pesquisa-ação, quando aplicada ao contexto escolar constitui uma estratégia pedagógica que proporciona conscientização, análise e crítica nos sujeitos envolvidos, salientando que “os professores que vivenciam esta modalidade de pesquisa têm a possibilidade de refletir sobre as suas próprias práticas, sua condição de trabalhador, bem como os limites e possibilidades do seu trabalho”, em especial na fase de organização das informações, que permite ao investigador interpretá-las e refletir sobre a realidade estudada.

Para Thiollent (2009), a pesquisa-ação tem uma base empírica que se consolida numa ação ou na resolução de um problema coletivo, no qual o pesquisador coopera ou participa. Neste contexto, o pesquisador é um sujeito ativo e autônomo que acompanha, avalia, organiza as ações em torno da solução do problema identificado. Para o autor, o método exige zelo e um rigor científico, mas também possibilita uma certa flexibilidade para que o estudo se adapte às circunstâncias e situações que ocasionalmente surgirem ao longo do processo, algo que é particularmente interessante para o instável - e por vezes imprevisível - cenário da escola. Atento a isso, Mauro Betti (2009) debruçou-se sobre as possibilidades dessa metodologia para a Educação Física escolar e chamou atenção para a forma como ela equacionava as problemáticas da relação teoria-prática. O autor chegou a defender a pesquisa-ação como a melhor articulação entre a Educação Física escolar (que trata da apropriação crítica da cultura corporal de movimento) e a Ciência (que produz conhecimento no confronto com o mundo).

Considero oportuno ressaltar que no último trimestre de 2021, etapa que precedeu a fase das intervenções, desenvolvi o conteúdo das Práticas Corporais de Aventura com a turma selecionada, já que este tema foi escolhido pelos próprios alunos na ocasião em que realizamos o nosso planejamento participativo. Assim, as ações pedagógicas realizadas no final de 2021 também foram pensadas e construídas antevendo e considerando as intervenções da pesquisa com os esportes náuticos que tiveram início em abril de 2022. Desta forma introduzi conceitos, provoquei reflexões e produzi, junto dos alunos, práticas e experiências corporais relacionadas a atividades como *skate*, *parkour*, *slackline* e atividade de orientação com intuito de que pudessem ser revisitadas e lembradas no trabalho posterior com as modalidades náuticas, a partir dos elementos que tivessem em comum. Destaco, contudo, que somente a unidade didática dedicada aos esportes náuticos servirá de campo empírico para o desenvolvimento da pesquisa e análise de dados. Por outro lado, as informações registradas no ano anterior poderão ser citadas como forma de ilustrar as experiências dos alunos e dialogar com os argumentos da análise, já que estarão relacionados dentro de um percurso pedagógico traçado por aquela turma.

O início das intervenções pedagógicas foi planejado para o dia 7 de abril de 2022. Antes disso, reuni os estudantes e seus familiares na escola para apresentação do projeto de pesquisa, seus objetivos, riscos, benefícios e propostas. Nesta ocasião,

os estudantes e seus familiares receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), que lhes apresentavam o mesmo conteúdo por escrito. Em ambos os documentos, os alunos e seus familiares declaravam seu interesse de participar ou não da pesquisa. Na ocasião da assinatura destes Termos, todos os responsáveis autorizaram seus filhos ou tutelados a participar e nenhum estudante manifestou o desejo de não participar do estudo. No entanto alguns familiares não autorizaram o uso de sua imagem de seus filhos no trabalho. Estes alunos, em específico, terão sua imagem preservada e não serão identificados em nenhum material audiovisual produzido por mim.

Em uma data posterior a esta reunião, apliquei um formulário com o objetivo de diagnosticar a realidade dos meus alunos, conhecer suas experiências anteriores com os esportes náuticos e obter uma dimensão real e cuidadosa de suas experiências esportivas e de lazer no meio líquido, para planejar as aulas com mais informação e dados sobre eles. O formulário foi, portanto, uma ferramenta pedagógica que me ajudou a confirmar parte das minhas percepções iniciais sobre as vivências (ou ausência delas) dos estudantes com os esportes náuticos, além de me atualizar fornecendo novas informações sobre os novos integrantes da turma, alunos de outras turmas, turnos e instituições recém-ingressos no ano letivo de 2022.

No formulário também pretendi conhecer as preferências dos alunos por atividades de lazer, suas condições socioeconômicas, experiências com a natação, a existência de fobias, traumas, inseguranças e problemas de saúde que pudessem desaconselhar atividades mais próximas da água. Numa observação prévia realizada acerca das respostas obtidas neste documento, alguns estudantes alegaram apresentar restrições médicas para a realização das atividades físicas na água, no entanto, quando indagados individualmente sobre quais seriam essas restrições e se eles possuíam algum laudo ou diagnóstico médico, nenhum deles soube dizer e argumentaram que costumavam se “sentir cansados”, “não conseguir ficar muito tempo sem respirar debaixo d’água” ou ainda “não saber nadar e só se sentirem seguros na água com o apoio de professores”.

No campo das intervenções pedagógicas, planejei e desenvolvi ações dentro e fora da escola. Nas ações dentro da escola utilizei os espaços comuns (sala de aula, laboratório de informática, biblioteca, sala de artes, quadra e pátio). Já as aulas de campo foram realizadas em parques próximos da escola, piscinas do Centro de

Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, e no mar, através do apoio da escola de vela Vix Náutica, da agência de turismo de aventura Alma Nativa e do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Espírito Santo, instituições privadas e públicas que colaboraram com o projeto e ofereceram suporte voluntário para a pesquisa.

As intervenções que até o momento foram realizadas em ambientes fora do espaço escolar priorizaram locais nas redondezas da escola, onde o deslocamento a pé foi facilitado; quando isso não foi possível, agendamos um ônibus fretado pela escola, com custos arcados e aprovados pelo Conselho Escolar⁸. Em todos os casos foram seguidas as normativas previstas e recomendadas pela Portaria SEME nº19/2013, que regulamenta as atividades escolares de campo e que foi publicada no Diário Oficial do Município de Vitória em 08/06/2013 (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2013, p.32). A referida Portaria prevê, dentre outros apontamentos, o aviso prévio sobre a atividade de campo a ser realizada junto à a gestão e a coordenação escolar, a notificação e a necessidade de receber a autorização das famílias, por escrito, para a saída do estudante, o acompanhamento de representantes da gestão escolar, a presença de técnicos e especialistas na atividade a ser realizada em campo, a identificação dos estudantes e a realização de uma visita de avaliação das condições do espaço que será visitado.

As atividades realizadas na piscina consistiram na experimentação prática de atividades como caiaque e *stand up paddle*. Os espaços em que essas práticas foram oportunizadas foram previamente vistoriados e foi verificada a quantidade de equipamentos de segurança disponível para os estudantes, como por exemplo os coletes salva-vidas. As intervenções também contaram com a presença de salva-vidas, que estavam de prontidão para qualquer emergência e situação de salvamento aquático. Além disso, averigui a capacidade do espaço de receber o número estimado de alunos e acompanhei as previsões de tempo para ter certeza de que as atividades seriam realizadas com condições climáticas favoráveis. O uso destes locais, bem como dos equipamentos náuticos utilizados foi possível e viabilizado através do apoio das instituições parceiras da pesquisa.

⁸ Normalmente a Prefeitura de Vitória disponibiliza um ônibus que pode ser agendado pelas escolas para as aulas de campo, sem custos. No entanto, para essa pesquisa nossa solicitação do transporte foi negada pela Secretaria de Educação.

Como exposto anteriormente, durante a aplicação das ações da pesquisa, tenho produzido registros escritos em meu caderno de campo, além de fotografias e vídeos das atividades ministradas nas aulas que ajudarão a compor a etapa de análise dos resultados e a construção do produto da pesquisa. Parte desse material audiovisual tem sido produzido e catalogado pelos próprios estudantes, com seus smartphones, como parte de um trabalho final e avaliativo da unidade didática.

2.4 As intervenções pedagógicas

Como já foi dito, as intervenções pedagógicas foram pensadas para tratamento da temática dos esportes náuticos como elemento constituinte da cultura corporal de movimento e das práticas de lazer nos espaços públicos de Vitória. O universo de práticas que compartilham essas características é extremamente vasto, mas o tempo escolar, em contrapartida, é bastante limitado. Com isso, caberá aqui um recorte para delimitar o que de fato será ensinado neste conjunto de ações da pesquisa.

Para produção deste recorte, recorri às propostas de classificação das práticas corporais de aventura presentes na literatura atual. Algumas delas, como as de Uvinha (2001) e Marinho (2008) tem grande amplitude, pautando-se ora pelo espaço (urbano/na natureza), ora pelo meio (terra ar e água) através do qual essas práticas são vivenciadas. Tais classificações não nos permite agrupar as diferentes modalidades náuticas em características similares, já que todas elas podem ser consideradas práticas corporais de aventura na natureza e na água.

A proposta de Humberto Inácio (2021), no entanto, surge oportuna por lançar um olhar sobre certos princípios comuns entre as práticas corporais de aventura, agrupando-as pela sua forma de deslocamento (deslizamento, rolamento, queda livre, etc.), pelo sentido do seu deslocamento (vertical, horizontal, misto) e pelo impulso do deslocamento (força humana, gravidade, vento, salto, etc.). Desta maneira, pode-se dizer que boa parte dos esportes náuticos tem como forma de deslocamento o deslizamento (*vela, remo, caiaque, surf, rafting, windsurf, kitesurf, stand up paddle, wakeboard*, etc.), sendo neste caso a pesca esportiva uma evidente exceção, já que nesta modalidade o deslocamento sobre a água não consiste na atividade principal, mas um meio de realizá-la, pois é preciso navegar com um barco para alcançar a profundidade e o local desejado para a pesca.

Vale dizer que, inicialmente, fui relutante em incluir a pesca esportiva dentre os esportes náuticos que eu abordaria nas minhas intervenções. Percebi, estudando a literatura de referência sobre as Práticas Corporais de Aventura que havia uma severa crítica ao impacto ambiental da pesca nos oceanos, rios e lagos e tive dificuldades de situá-la entre essas práticas em virtude de não encontrar trabalhos que abordassem a pesca sob essa perspectiva. Entretanto, ao me debruçar sobre os formulários diagnósticos aplicados percebi que essa atividade náutica era a que mais se aproximava da realidade dos estudantes, pois grande parte deles afirmou conhecê-la tanto conceitualmente como corporalmente, ou seja, era uma das poucas atividades náuticas que eles já tinham experimentado.

Além disso, em conversas com a turma em vários momentos que antecederam a unidade didática, fui ouvindo seus relatos sobre familiares que eram ou tinham sido pescadores por algum tempo. Isso me fez entender que a pesca é uma modalidade náutica que já tinha algum significado para os estudantes e a unidade didática poderia explorá-la tanto no seu sentido lúdico e esportivo como na perspectiva ocupacional e de subsistência. Por fim, à medida que esse trabalho foi sendo planejado e desenvolvido, fui tendo contato com uma série de notícias na mídia capixaba que destacavam a pesca local e o marlin azul, espécie de peixe bastante comum nas águas litorâneas do estado e que tem grande valor para a pesca esportiva.

Em 2015, o marlin azul foi escolhido como o animal símbolo do Espírito Santo (SETUR, 2015) e Vitória, além de ser sede de inúmeros eventos, recordes e terra de atletas da pesca esportiva brasileira detém o título de “capital do marlin azul”. Em virtude disso, fiz a opção de incluir essa modalidade nas minhas aulas, por entender a consistência cultural que ela assumia neste contexto. Percebi que tratá-la pedagogicamente, apesar de suas contradições, abria possibilidades para debates sobre educação ambiental, vida marinha e como as atividades humanas afetam a natureza e a saúde dos oceanos, algo que poderia ser bastante enriquecedor para as intervenções.

Quanto à forma de deslizamento, a maior parte das modalidades náuticas se deslocam num sentido exclusivamente horizontal. Aqui, temos o *kitesurf* e o *wakeboard* como duas atividades náuticas que contemplam saltos e acrobacias, e portanto, apresentam um sentido de deslizamento misto, ora horizontal, ora vertical. Contudo, Inácio (2021) ainda propõe uma terceira possibilidade de classificação, pela

fonte do impulso do movimento e que soa particularmente interessante e mais abrangente para as modalidades estudadas. Segundo o autor, o impulso das práticas corporais de aventura podem ser: pela força humana, pela força da gravidade, pela força do vento e por uma força externa (empurrão). Este empurrão, no caso das atividades náuticas pode ser exemplificado por um motor que puxa o praticante de *wakeboard* através de um cabo, ou pelo motor que impulsiona o *jetski* para diferentes direções, e ainda pela correnteza que conduz o bote pelo rio, no *rafting*.

Quando analisamos o impulso que gera o deslizamento ou o movimento da prática conseguimos distinguir as modalidades náuticas em três destes quatro grupos apresentados pelo autor e assim classificá-las de acordo com a **Tabela 1**. O impulso pela gravidade torna-se uma exceção, já que nenhuma modalidade náutica opera com este tipo de deslizamento.

Tabela 1 – Classificação dos esportes náuticos segundo a origem do impulso do deslizamento

Impulso pela força humana	Impulso pela força do vento	Impulso pela gravidade	Impulso por Empurrão
Canoagem, Remo, <i>Stand Up Paddle</i> , Surf, Caiaque, Pesca Esportiva, <i>Bodyboard</i>	Vela, <i>Windsurf</i> , <i>Kitesurf</i>	-	<i>Rafting</i> , <i>Jetski</i> , <i>Wakeboard</i>

Fonte: Adaptado de Inácio (2021)

Partindo deste princípio, foi planejado um programa de intervenções dividido por eixos temáticos, que será apresentado e descrito em um capítulo posterior.

3 QUEM TAMBÉM VELEJA POR ESSAS ÁGUAS

Para Pereira e Dantas (2019) o termo “esportes náuticos” engloba uma diversidade de modalidades que encontram no ambiente marítimo as condições ideais para serem experienciadas. Remo, vela, canoagem, *jet ski*, caiaque, *stand up paddle*, *surf*, *windsurf*, *kitesurf*, *wakeboard*, *rafting*, dentre outras, são algumas dessas práticas mais conhecidas. Essas modalidades têm em comum o fato de usarem embarcações que podem ser movidas a motor, pela força das águas, do vento ou à propulsão humana, o que garante ao praticante o deslocamento pela superfície aquática. Tais

embarcações podem ser das mais simples, como a prancha de *surf* ou imponentes e complexas como alguns tipos suntuosos de veleiros⁹.

Apesar da terminologia “esportes náuticos” surgir em parte da bibliografia disponível sobre essa temática, é inegável que haja uma certa controvérsia acadêmica sobre o uso do termo “esportes” para designar atividades como essas que aqui discuto e que compõem o universo das Práticas Corporais de Aventura. Giuliano Pimentel (2013) é um autor que questiona a associação dos códigos esportivos a essas práticas, observando que, diferentemente dos esportes, elas não se relacionam com a ideia de previsibilidade, burocracia, profissionalização, secularismo e recordes, tão presentes nas modalidades esportivas. As práticas de aventura, para o autor, parecem nortear-se mais frequentemente à busca de emoções e de um maior contato com a natureza, assim como a uma predisposição ao risco na perspectiva do praticante e – ao contrário dos esportes – a uma plena imprevisibilidade.

Considerações como as de Pimentel desestimulam a adoção desta nomenclatura neste trabalho, e em especial no ambiente escolar, especialmente porque na construção da unidade didática faço opções pedagógicas que fogem da perspectiva do rendimento e da performance e concentro o debate no âmbito do lazer. Por outro lado, como foi dito anteriormente neste texto, a adoção de um termo mais próximo do cotidiano, da linguagem da mídia e que remete a conceitos já apreendidos pelos sujeitos em escolarização contribui para que estes indivíduos se identifiquem e atribuam significado de modo mais contundente à essas práticas, o que efetivamente transformaria sua experiência para com elas. Por isso, julgo que, para o ambiente escolar, a terminologia “esportes náuticos” contribui para uma aproximação e vínculo do estudante com esse conteúdo, muito embora ela esteja cercada de contradições.

Por outro lado, o conceito de “Práticas Corporais de Aventura” que se vê nos estudos de Inácio et. al (2005) e Inácio (2014), permite desassociar as atividades de aventura na natureza dos códigos esportivos que não são relevantes para a abordagem do tema na escola, principalmente quando se objetiva que os sujeitos em formação atribuam significado pessoal a essas modalidades que fazem parte da cultura de movimento local e reflitam sobre o papel destas no tempo e nas experiências de lazer da população.

⁹ Yacht Emoceans. **The Italian yacht design duo Marco Ferrari and Alberto Franchi (Ferrari Franchi Design) unveiled the new 52m sailing yacht concept Blue Sapphire with hybrid propulsion.** Disponível em: <<https://bit.ly/3xel8Fr>>. Acesso em 23 jul. 2021.

Para Inácio, as Práticas Corporais de Aventura têm como objetivo – como fica evidente na terminologia – a aventura e o risco. Praticadas em espaços com pouca interferência humana, relacionam-se com o ambiente natural, podendo ser realizadas na terra, no ar ou na água. Além disso, elas

se caracterizam por possuírem alto valor educativo e por uma busca do (re)estabelecimento de uma relação mais intrínseca entre seres humanos e tudo que o cerca, o que pode culminar com algum avanço para superar a lógica mercadológica do/no lazer e com a instauração e/ou resgate de valores humanos como a cooperação e a solidariedade. (INÁCIO, 2014, p. 533)

Outra similaridade notável entre as práticas de aventuras diz respeito à relação que elas tecem com a natureza e o com o meio ambiente e muito nos diz sobre o tipo de experiência que elas proporcionam aos seus praticantes, e que desponta como um de seus atrativos. Heloisa Brunhs (2009) observa que uma característica marcante dessas relações é o fato delas produzirem um elemento caótico, efêmero e cheio de incertezas, já que os espaços que recebem essas atividades não são controláveis pela vontade humano.

Para Cléber Dias e Edmundo Alves Júnior (2007) é justamente por não ter sido submetida ao sentido da dominação racional e técnica imposta pelos aparatos urbanos que a natureza surge tão atraente e fascinante ao olhar dos aventureiros. De acordo com estes pesquisadores, é devido a isso que as práticas corporais de aventura acabam por representar, também, modos de domínio e domesticação da natureza pelos indivíduos, pois, ao promoverem adaptações, transformações e impor certo nível de controle neste cenário indomável, eles conseguem fazer deste lugar – muitas vezes hostil, desconhecido, perigoso – um campo propício para a prática esportiva.

A tentativa de dominar a natureza para a prática de esportes de aventura está intimamente ligada a noção de risco e radicalidade. Para Mary Jane Spink e Simon Spink (2007, p.22), o risco é o “conjunto de atividades que envolvem desafios consideráveis (e até extremos) às habilidades e que podem gerar consequências pessoais graves, até mesmo a morte, no caso de erro”. Neste mesmo sentido Alcyane Marinho (2013) analisa que atividades como descer a corredeira de um rio e surfar ondas gigantes podem representar experiências transcendentais, uma vivência intensa do sujeito centrada nos sentidos, a qual lhe proporciona um escape da vida diária e que lhe permite realizar algo fora do ordinário.

Bruhns (2009) também estuda o turbilhão de sensações e emoções que é evocado a partir do encontro destes praticantes nestes cenários peculiares e nos ajuda a compreender o significado das atividades náuticas no contexto da cidade de Vitória. Em seu entendimento, os sentimentos associados às vivências de aventura acabam se apresentando de forma bastante paradoxal: embora os desafios, riscos e perigos da natureza instiguem emoções como surpresa, medo e vertigem os aventureiros ainda são capazes de experimentar sensações agradáveis de leveza e prazer. A pesquisadora acrescenta:

Práticas fundamentadas em condutas motrizes, como deslizar-se sobre superfícies naturais, nas quais o equilíbrio para evitar a queda e a velocidade de deslocamento, aproveitando as energias livres da natureza (energia eólica, das ondas, marés ou força da gravidade), constituem os diversos níveis de risco controlado, no que se baseia a aventura (...). A vertigem, a velocidade, o mergulho, a queda, os desequilíbrios de todas as espécies reforçam o *inlix*¹⁰ esportivo, em uma renovação. Elementos delimitadores de um universo lúdico, curiosamente fazendo das sensações de instabilidade uma fonte de prazer e das desordens procuradas, uma espécie de busca paradoxal. Nessas atividades é imposto um jogo cibernético do corpo, pois minimizam o consumo de energia, porém maximizam informações (BRUHNS, 2009, p. 119).

Bruhns (2009, p. 121-123) conclui que as atividades de aventura na natureza atendem a demandas muito específicas de seus praticantes, que são diferentes de outras modalidades esportivas. No caso das práticas das quais tratamos aqui, a autora pondera que estão mais centradas na busca por emoções e sensações do que por um “desempenho e um treinamento ascético” e que sua prática não costuma estar ligada a treinamentos intensivos prévios, sendo experimentados quase que diretamente pelos sujeitos. Tal constatação a leva a optar pelo termo “atividades” em lugar de “esportes” na natureza.

Jairo Paixão (2017) concorda com Bruhns e avalia que universo das atividades de aventura apresenta nuances bastante diferentes dos esportes de competição. Centradas na autorrealização, no lazer, na aproximação com a natureza e na busca por qualidade de vida, elas substituem os tradicionais valores do esporte, como a disputa, o rendimento e o esforço por princípios de outra ordem como a liberdade, a incerteza e o risco.

¹⁰ Segundo Bruhns (2019, p. 119) o termo *inlix* é usado por Caillois (1990) para “designar jogos em que nos abandonamos a um estado físico e psicológico incontrolado”.

De um modo mais amplo, também é percebido no trabalho de alguns pesquisadores que as atividades de aventura na natureza trazem consigo uma necessidade histórica da humanidade em se reaproximar com natureza, remontando o movimento das ginásticas ao ar livre e do escoteirismo nos séculos XVIII e XIX (MARINHO, 2013; BAHIA & SAMPAIO, 2005; COSTA, 2000).

Analisando este cenário que se delinea quando tratamos dos esportes náuticos, fica claro que estas emergem principalmente num contexto de lazer e de desfrute do tempo livre, propiciando uma desejada experiência de integração à natureza. Neste sentido, contextualizar e refletir sobre práticas tão singulares implica conceituar o lazer enquanto fenômeno social, já que sua ideia permeia, atravessa e influencia esse tema de modo permanente.

Uma das mais tradicionais concepções do lazer que a literatura nos apresenta é a do sociólogo francês Joffre Dumazedier (1979, p.12) que de certo modo soa bastante pertinente nessa discussão por considerar o aspecto da atitude, do desejo e da satisfação pessoal diante da liberdade e do desprendimento de obrigações sociais do sujeito. Para ele

o lazer é o conjunto de ocupações, às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Nesta mesma direção, Nelson Marcellino (1983) entende o lazer como uma prática social e cultural relacionada a diferentes dimensões da sociedade, onde o indivíduo escolhe atividades práticas ou contemplativas que lhe proporcionam sensações de prazer e liberdade. No trabalho de Marcellino também se nota que a atitude do sujeito tem um papel preponderante no entendimento do que é o lazer, uma vez que este consiste numa escolha do sujeito.

Com o passar dos anos outros autores brasileiros vão contribuindo para o desenvolvimento do conceito de lazer. Autores como Antônio Carlos Bramante (1998), Fernando Mascarenhas (2001) e Valquíria Padilha (2006) reconhecem a experiência lúdica como eixo principal do lazer, mas acrescentam a ideia de um tempo de não-obrigação que foi conquistado e que é resultante das tensões entre capital e trabalho. Essas ideias ecoam na concepção apresentada por Christiane Gomes (2004, p.125) que condensa e amplia as perspectivas até então apresentadas, aproximando este

fenômeno da complexidade que lhe é inerente. A autora traduz o lazer como uma dimensão da nossa cultura e considera que ele se constitui através "da vivência lúdica das manifestações culturais em um tempo/ espaço conquistado pelo sujeito ou pelo grupo social", permanecendo dialeticamente vinculado às obrigações, necessidades, deveres e ao trabalho produtivo de sua vida em sociedade.

Estas concepções sobre o lazer nos conduzem à reflexão e permitem pensar que, sendo este um fenômeno fruto de um tempo e espaço conquistado pelo indivíduo para o exercício da sua liberdade e da sua escolha, o desfrute de uma determinada atividade de lazer implica na garantia do acesso dos sujeitos a essa prática e na sua autonomia para escolher o tipo de manifestação cultural que lhe for mais aprazível.

Duas décadas atrás, Bramante (1998, p. 6) analisou que num país tão desigual como o Brasil os sujeitos não teriam as mesmas condições de acesso às atividades de lazer, uma vez que muitas dessas atividades poderiam ser restritas à maior parte da população em decorrência de sua situação socioeconômica. Naquela ocasião o autor ponderou que a vivência do lazer estava relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, e que fatores como renda, idade e escolaridade poderiam influenciar o acesso ou o sucesso de uma pessoa numa atividade de lazer.

Tal fato nos instiga a questionar como poderíamos transformar essa realidade, democratizar as práticas de lazer, derrubar as barreiras sociais, educar politicamente e conscientizar os cidadãos sobre o direito ao lazer, que lhe é garantido constitucionalmente. A solução dessa questão não é simples e não se concretizará pelas mãos de um único ator ou através de uma iniciativa isolada, mas sim de uma frente coordenada de ações de maior impacto na sociedade e na vida dos sujeitos. Por isso é importante voltar-me para a escola, onde me encontro, e vislumbrar os horizontes possíveis para promover o debate, a reflexão e o acesso dos estudantes a práticas que de alguma forma eles não acessam, não conhecem, ou que não tiveram oportunidade de se vincular mais íntima e afetivamente.

Assim, o contexto em que atuo tem produzido implicações que me alertam para a importância da tematização do lazer enquanto fenômeno e enquanto direito social. Tanto as diretrizes curriculares quanto a literatura que tomo de referência para este projeto trazem argumentos favoráveis que assumem o lazer como um assunto transversal dos conteúdos da Educação Física escolar. Dentre as diretrizes

curriculares, a BNCC circunscreve o conhecimento da Educação Física ao âmbito do tempo do não-trabalho e fora das obrigações sociais, sendo destacado que as práticas corporais de que tratam a disciplina “são aquelas realizadas fora das obrigações laborais, domésticas, higiênicas e religiosas, nas quais os sujeitos se envolvem em função de propósitos específicos, sem caráter instrumental” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p.211).

Já na literatura encontramos as contribuições de Marcellino (2002), que considera a Educação Física como uma das responsáveis pela abordagem das práticas de lazer constituintes da cultura corporal de movimento. Para o autor, compete à disciplina o tratamento das práticas de lazer que são conhecidas e desconhecidas dos alunos e a partir de sua intervenção estereótipos que rodeiam certas práticas podem ser rompidos, especialmente no que diz respeito àquelas com as quais os alunos não têm contato, seja por falta de gosto pessoal ou de oportunidade.

Gustavo Piccolo (2009), defende que a Educação Física enriquece as práticas de lazer, traz luz às problemáticas da sociedade nesta dimensão do cotidiano, desenvolve o conceito de lúdico, ócio e tempo livre e permite compreender o movimento humano com seus sentidos e significados históricos. Este autor conclui que o lazer faz parte do universo cultural da Educação Física e estando relacionado à transformação social também está relacionado com a escola. Outros trabalhos como o de Lima et. al (2014, p.78) discutem que em virtude de sua metodologia lúdica e da utilização de ambientes diferenciados das práticas comuns na escola, o professor de Educação Física pode e deve contribuir para criar "uma relação com o ambiente externo que é vivido pelo aluno em sua particularidade, assim como criar relações com situações cotidianas e assuntos de formação crítica". Para estes autores há um elemento formador nas práticas de lazer que devem ser apropriadas e tratadas pela Educação Física escolar. A essa disciplina caberia, então, dar um sentido educacional a essas práticas.

Por outro lado, Karine Santos et.al. (2019, p. 85) salientam que a seleção e organização dos conhecimentos sobre o lazer na disciplina de Educação Física devem ser adequadas ao contexto social e histórico do qual os alunos fazem parte e avaliam que as metodologias devem possibilitar o aprendizado crítico e criativo, ou seja, além de ensinar *o fazer*, deve-se também ensinar *a pensar sobre o fazer*. As autoras

ressalvam, porém, que não defendem o lazer como conteúdo da Educação Física, mas sim como um tema transversal que permeia o ensino dos conteúdos da disciplina.

Ao debruçar-me sobre essas ideias, reflito sobre a centralidade que a Educação Física escolar assume ao intermediar, discutir e produzir sentido e significado para as práticas de lazer constituintes da cultura corporal de movimento na comunidade em que os estudantes estão inseridos. Deste modo, penso que um contexto como este em que atuo, onde parece haver uma paradoxal ausência de sentido atribuído pelos estudantes às práticas de lazer que estão geograficamente próximas, as implicações para que a Educação Física assuma este papel que lhe é próprio saltam aos olhos.

Assim, considero oportuno retomar Tarcísio Vago (2009), quando este autor analisa que oportunizar o acesso dos sujeitos à cultura e ao patrimônio que constitui a experiência humana no mundo é um papel preponderante da escola. Para ele, a escola é um lugar *de* cultura, pois seus tempos e espaços oferecem possibilidades para que crianças e jovens exerçam sua condição de seres de cultura, relacionando-se entre si, aprendendo, problematizando e usufruindo dos saberes e dos patrimônios culturais.

Vago (idem) defende que a escola também é um lugar *das* culturas, porque uma de suas responsabilidades é garantir o acesso dos estudantes ao acervo cultural da humanidade em sua diversidade e riqueza o qual deve ser conhecido, fruído e usufruído. Por fim, ele acredita que a escola também é um lugar *entre* culturas porque a todo momento se relaciona com outros espaços de produção e troca cultural: nos parques, nas praças, nas instituições religiosas, na política, etc.

Sendo a escola este espaço de produção, diálogo e ressignificação da cultura e o lazer uma dimensão dessa mesma cultura, torna-se possível construir pontes entre ambos. É neste âmbito que surge a Educação Física, componente curricular cuja especificidade trata da cultura corporal de movimento, conforme elucida Valter Bracht (2005, p. 100). Para este autor,

as manifestações da cultura corporal de movimento significam (no sentido de conferir significado) historicamente a corporeidade e a movimentalidade – são expressões concretas, históricas, modos de viver, de experimentar, de entender o corpo e o movimento e as nossas relações com o contexto – nós construímos, conformamos, confirmamos e reformamos sentidos e significados nas práticas corporais.

Hoje se observa que, dentro da cultura corporal de movimento, as práticas de aventura vêm alcançando grande destaque. Por ganhar notoriedade, apelo midiático e conquistar cada vez mais adeptos, três dessas atividades acabaram entrando para o rol de esportes olímpicos nos Jogos de Tóquio em 2021¹¹: o skate, a escalada e o *surf*.

A emergência deste tema reforça sua relevância como conteúdo da Educação Física escolar, algo que se comprova na controversa Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um dos documentos norteadores da educação básica que aponta para a importância da escolarização das Práticas Corporais de Aventura pela Educação Física no Ensino Fundamental (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

Antes da BNCC, outras diretrizes curriculares como os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs), já se preocupavam em garantir a abordagem da riqueza da cultura corporal de movimento pela Educação Física escolar. Este documento em particular normatiza que a este componente compete o ensino dos esportes, das danças, das ginásticas, das lutas, dos jogos e brincadeiras e das atividades corporais vivenciadas em ambientes abertos e junto à natureza (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, 1998, p. 28).

Alguns autores como Alexander Tahara e Sandro Carnicelli Filho (2012), Laércio Franco *et.al.* (2011) e Jairo Paixão (2017) também reconhecem que as Práticas Corporais de Aventura estão situadas na esfera de conhecimento que é própria da Educação Física e que consistem num relevante conteúdo, o qual merece cuidadoso tratamento pedagógico na escola, já que elas estão vinculadas a questões muito sensíveis da nossa sociedade, como o debate ecológico, a noção de risco e o referido direito e acesso ao lazer.

Conforme o exposto, tem-se em mente que existe um considerável aparato teórico que reforça o papel da escola e da Educação Física na conquista dos sujeitos por um tempo e espaço de lazer na sua cidade e por uma maior participação em atividades que, assim como as práticas de aventura na água, traduzem nossos modos de viver no mundo, de nos relacionar com o meio ambiente e com os lugares em que vivemos e que refletem nossos desejos e nossas necessidades de transformação social.

¹¹ VEJA. **Olimpíada de Tóquio tem esportes estreantes - melhor para o Brasil.** 22/07/2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3x5PB9E>>. Acesso em 25 jul. 2021

4 AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS

4.1 O contexto da escola e da rede municipal de Vitória em 2022

A preparação das minhas intervenções pedagógicas na EMEF ODL começou em fevereiro de 2022. Foi neste mês que me reuni com a pedagoga responsável pelos anos finais e com a diretora para apresentar o cronograma de ações e verificar a possibilidade de realizar algumas das intervenções planejadas. Estabelecemos uma organização prévia para a execução de algumas das atividades, em especial as que requeriam saídas da escola, fretamento de ônibus, alteração nos horários de outros professores e turmas. Definimos as datas de cada atividade e acertamos que, antes de iniciar as intervenções eu faria uma reunião com os responsáveis pelos estudantes do oitavo ano para apresentar o projeto de pesquisa.

Através do grupo de *whatsapp* dos profissionais da escola, comuniquei aos demais professores e colegas que eu iniciaria minha pesquisa de mestrado com o tema dos Esportes Náuticos. Expliquei como as atividades dessas aulas aconteceriam e antecipei que, muito provavelmente, eu precisaria da colaboração de alguns professores para trocas e cessão do horário de aula. Expliquei aos colegas que no final da unidade didática seria realizado um Festival que contaria com oficinas, exposições, teatro e relato das experiências dos estudantes e que seria muito oportuna qualquer contribuição dos colegas. Sugeri que, havendo flexibilidade em seus respectivos conteúdos, eles debatessem o tema ou assuntos relacionados ao mar, ao oceano, à praia e os esportes náuticos em suas aulas. Pedi que, caso isso resultasse em trabalhos que pudessem ser expostos no festival, o material me fosse cedido para que criássemos diferentes exposições no evento, relacionadas a diferentes áreas do conhecimento.

Pouco tempo depois disso fui tomado por uma série de incertezas provocadas principalmente pela reforma curricular do Ensino Fundamental, promovida na transição dos anos de 2021 e 2022 pela Secretaria Municipal de Educação de Vitória¹². Esta mudança buscou alinhar o Ensino Fundamental de Vitória ao Novo Ensino Médio e transformou o ambiente da escola por completo. O que foi sentido, a curto prazo, foi a redução do número de aulas semanais de Educação Física,

¹² SÉCULO DIÁRIO. **COMEVA aprova parecer contrário à reorganização curricular de Vitória.** 03/01/2022. Disponível em: < <https://bit.ly/3HwFEch> >. Acesso em 13 jun. 2022.

Geografia, História, Inglês e Artes e aumento do número de aulas de Matemática e Português. Com a reforma, o número de aulas semanais da minha disciplina passaria de 3 para 2. Diminuindo o número de aulas, diminuí também minha carga horária de trabalho semanal na escola e, sem chances de escolha, precisei completar minha jornada com 10 horas/ aula de uma nova disciplina chamada “Práticas Experimentais”, cujo foco era a Educação Socioambiental e deveria ser trabalhada com os Anos Iniciais. A disciplina não tinha uma ementa definida, material didático ou qualquer tipo de orientação para o meu trabalho.

Assim como eu, outros professores, em especial os de Artes, História e Geografia precisaram dividir a carga horária da sua disciplina com essas disciplinas, integrantes de uma chamada “parte diversificada do novo currículo”. Outros professores que não conseguiram completar a carga horária na mesma escola precisaram se retirar para outra instituição ou se dividir entre duas escolas. Tudo isso tornou o ambiente escolar muito diferente do que era até então e muitos impactos foram sentidos. A princípio, a retirada do tempo de planejamento e o aumento do tempo de aula foi o que mais afetou a comunidade escolar. O tempo de aula foi aumentado de 50 para 55 minutos e a jornada passou a ser das 13:00 às 18:00 horas, e não mais às 17h30, como era antes.

Contudo, a falta de professores foi o mais agravante. A escola não conseguiu preencher todo o seu quadro pois havia vagas com poucas aulas em certas disciplinas (por exemplo: 4 aulas de Matemática por semana, 2 aulas de Português, 6 aulas de Práticas Experimentais) e que não interessavam os profissionais. Além disso, a diminuição dos horários chamados “Outras Atividades”, utilizados para que professores cobrissem colegas que estivessem ausentes não possibilitava à escola remanejar o quadro para suprir profissionais faltosos.

Tudo isso, somado à mudança na direção e em todo o quadro de gestão da escola, aliado à flexibilização das normas de biossegurança da covid-19, criaram uma atmosfera caótica, com muito desconforto, dúvidas, adoecimento de professores, dificuldades pedagógicas, pedidos de exoneração, mudança no perfil das turmas, indisciplina, desmotivação e desinteresse dos alunos e professores. Diante desse cenário, temi pelo sucesso da minha pesquisa.

No meu caso em particular, acabei desistindo da disciplina de Práticas Experimentais com um mês de atuação, por não me identificar nem me sentir

estimulado com a proposta. Assim, optei por renunciar ao conforto de trabalhar numa única escola e pedi o remanejamento para uma outra unidade onde eu pudesse trabalhar integralmente com a Educação Física. Com isso, parte da minha jornada semanal era cumprida numa escola, e outra parte era cumprida em outra, ambas no turno vespertino.

Estes acontecimentos me deixaram numa profunda insegurança quanto ao meu trabalho na rede municipal de Vitória. Pela minha insatisfação com o contexto da educação, somada à desvalorização profissional e às dificuldades financeiras dela decorrentes cogitei abandonar meu cargo e voltar para Belo Horizonte, o que acarretaria o abandono do mestrado. No meu entendimento, o projeto de pesquisa que eu havia elaborado em 2021 era inviável em 2022, pois o horizonte que se delineava para as escolas de Vitória e para a EMEF ODL não era nada animador. Algumas dificuldades com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal também contribuíram para que eu me sentisse desmotivado. A apreciação do meu projeto levou 7 meses, com algumas devolutivas atrasadas e outras questionáveis, que julgavam o tema e os objetivos da pesquisa.

Entretanto, depois da aprovação do projeto e com o incentivo de colegas e da minha orientadora, permaneci nos projetos em que eu estava inserido, decidi não pedir exoneração e apostar que seria justamente na minha pesquisa que eu encontraria motivação e esperança no meu ambiente de trabalho na escola. Assim, no fim de março, iniciei as primeiras ações de preparação para as intervenções da pesquisa. Obviamente, ainda com incertezas e inseguranças, mas decidido a superá-las.

De volta ao meu cronograma de intervenções passei a traçar um plano de ação com um *check-list* de cada tarefa necessária para desenvolver meu projeto. Algumas dessas ações incluíam o convite a parceiros, contato com outras instituições públicas e privadas, reserva de espaços, busca por material para as aulas, etc. Em meados de março dei início a essa articulação e comecei a conquistar as primeiras parcerias para a pesquisa.

A reunião com os familiares aconteceu no dia 24 de março de 2022. Nessa ocasião aconteceu a apresentação do projeto para os estudantes e seus familiares. Nove mães estiveram presentes no dia, e conheceram o tema da minha pesquisa, seus objetivos, propostas, riscos, benefícios e os parceiros que a viabilizariam. As

responsáveis pelos estudantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e tiraram dúvidas sobre o projeto. Os estudantes cujos familiares não puderam estar presente nesta data levaram o TCLE para casa e lhes foi solicitado que eles trouxessem o Termo assinado na aula seguinte.

No dia 31 de março o tempo da aula foi reservado para leitura e assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido dos Menor (TALE), onde os estudantes manifestaram seu interesse em participar do estudo. Todos os alunos sinalizaram o desejo de serem incluídos na pesquisa. Neste dia também ocorreu a aplicação do formulário diagnóstico¹³, que tinha como objetivo me oferecer um panorama sobre as experiências e sobre o conhecimento prévio dos estudantes acerca das atividades aquáticas e náuticas, seus hábitos e condições socioeconômicas para desfrute de atividades de lazer, medos, fobias, condições de saúde e traumas relacionados à atividade física na água.

4.2O contexto da turma do 8º ano C

O 8º ano C é a turma de alunos mais velhos do turno vespertino da EMEF Orlandina. No momento em que essa pesquisa foi autorizada pela Secretaria de Educação e pela direção escolar, ela contava com 33 estudantes. No entanto, no período entre a autorização da pesquisa e o início das intervenções cerca de 7 alunos foram transferidos de escola ou remanejados de turno, resultando em 26 estudantes frequentes no início e no decorrer do estudo.

Trata-se de uma turma composta por 14 meninas e 12 meninos, onde as meninas são as que mais se destacam nas atividades de Educação Física, demonstrando maior interesse, motivação, colaboração e dedicação. De todo modo a turma é dividida entre um grupo bastante proativo e mais participativo e outro bastante tímido e retraído. Eu percebia que quatro estudantes, dois meninos e duas meninas, apareciam como “líderes” da turma e sempre tomavam a frente nas diferentes tarefas propostas.

Minha relação com a turma, de modo geral era muito boa. Ao longo do ano de 2021 tínhamos construído uma parceria muito interessante. Os estudantes entendiam minha perspectiva de trabalho com a Educação Física e confiavam nela. Apesar de

¹³ Ver Anexo I.

relatarem ter um histórico de “Educação Física de aulas livres”, no decorrer desse período de convivência eles já compreendiam que a Educação Física era um componente curricular que detinha um conjunto de saberes muito específico. Por isso, os estudantes valorizavam as experiências diversificadas das nossas aulas. Eu tinha uma grande satisfação por ter 100% de participação dos alunos nas tarefas que eu propunha, especialmente as práticas. O mesmo infelizmente não podia ser dito das atividades teóricas.

Apenas com os dois estudantes homens que eram considerados “líderes” da turma é que eu enfrentava algum tipo de tensão na relação professor e aluno. Eu percebia que o aluno Guilherme buscava rivalizar comigo em várias situações e queria sempre me desafiar para ver quem era mais forte e mais habilidoso. Já o estudante Alberto¹⁴ mantinha uma certa distância e por vezes adotava um comportamento impositivo e mal-educado, sem muitas gentilezas para comigo. Os demais estudantes da turma eram, em sua maioria, respeitosos, gentis e tímidos. Alguns demonstravam afeto, elogiavam minhas aulas e meu jeito de ensinar, costumando dizer que minhas aulas “eram imperdíveis”.

Na turma há três estudantes da educação especial, dois meninos com deficiência intelectual (autismo) e uma menina com deficiência intelectual e física (baixa visão). No ano de 2021 eles contavam com um estagiário bolsista da Prefeitura de Vitória para auxiliá-los nas diferentes atividades das disciplinas, incluindo a Educação Física. No entanto, a reforma curricular de 2022 impactou na desistência e ausência de boa parte dos estagiários. Com isso, no período em que a pesquisa foi iniciada eles não possuíam acompanhamento de estagiários, não contavam com um(a) professor(a) responsável pela Educação Especial e precisavam receber ajuda dos professores das disciplinas e dos colegas para realizar a maioria das atividades.

O perfil da turma em 2022 também modificou consideravelmente se comparado ao ano anterior. Situações de indisciplina, brincadeiras fora de hora, falta de compromisso com as tarefas, conversa exagerada e desrespeito às regras da escola começaram a ser problemas relatados por todos os professores. Tais situações foram se agravando no decorrer dos meses e vários colegas começaram a requerer da gestão uma reunião para que fossem tomadas providências disciplinares e

¹⁴ A partir de agora, os estudantes serão tratados com nomes fictícios, a fim de preservar sua identidade no texto.

pedagógicas urgentes. Entretanto, mais uma vez devido a reforma que extinguiu tempos de planejamento coletivo, a gestão da escola e a equipe pedagógica alegaram que reuniões pedagógicas não poderiam mais ser realizadas durante o tempo de aula e que para elas só restava o tempo do recreio do aluno, o que era inviável de ser feito em seus 25 minutos e durante o lanche dos professores.

Em virtude disso, os problemas do oitavo ano foram sendo adiados e cada professor foi intervindo junto à turma da sua maneira e dentro das suas possibilidades. No meu caso em particular, eu precisei ameaçar a turma de transferir as aulas de Esportes Náuticos para uma outra, que estivesse colaborando mais e se comportando melhor. Os estudantes sabiam que a unidade didática de Esportes Náuticos contaria com atividades diferenciadas e muito interessantes. Eu já os havia antecipado a possibilidade de fazermos saídas para um parque, para piscinas e praia e isso os encantou. Na verdade, essas minhas ameaças não surtiram muito efeito sobre as dificuldades que eu enfrentava com a turma. Era realmente necessária uma intervenção da equipe pedagógica e da gestão escolar, no entanto eu não podia esperar. Conformado com isso, dei início às ações da pesquisa.

4.3A aplicação e dados preliminares do formulário

O formulário de diagnóstico dos conhecimentos e experiências dos alunos foi aplicado no dia 31 de março. Ele foi distribuído aos alunos, que foram orientados a não respondê-lo de uma só vez e sem minha assistência, pois eu guiaria o preenchimento de questão por questão, esclarecendo as dúvidas que surgissem pontualmente. No entanto, a aula utilizada para esse momento era a última do dia e a turma estava bastante agitada e impaciente por não terem atividade na quadra. Alguns alunos não seguiram minhas orientações e se apressaram, finalizando o formulário antes da hora com a esperança de que assim pudéssemos ir para a quadra logo¹⁵.

Ao final desta aula solicitei aos alunos interessados que assinassem uma lista com seu número de telefone para que fosse criado um grupo de *whatsapp* que facilitaria nossa comunicação a respeito das nossas futuras aulas. Também expliquei

¹⁵ Ao estudar esse formulário diagnóstico pude perceber algumas respostas contraditórias, decorrentes da má interpretação da questão por alguns estudantes. Por exemplo, um deles sinalizou em uma das questões do formulário que nunca tinha ouvido falar das modalidades *stand up paddle*, *rafting*, *kitesurf* e *wakeboard*. No entanto, na questão seguinte ele assinalou as mesmas alternativas para responder sobre as modalidades que ele já tinha observado em sua cidade. Casos parecidos também foram percebidos no formulário de outros alunos.

que a nossa primeira aula do conteúdo Esportes Náuticos seria uma visita ao Parque Horto de Maruípe e convidei os alunos para fazermos um piquenique neste dia.

Concluí orientando sobre os cadernos de Educação Física, que chamaríamos de “Diário de Bordo” e deveriam ser alimentados diariamente pelos estudantes com um pequeno relato individual da sua experiência com a aula. Esse relato poderia ser feito por escrito ou com desenho das atividades realizadas no dia e deveria estar organizado para ser material de exposição no dia do Festival Náutico, na conclusão da nossa unidade didática. Expliquei que esse caderno era uma das atividades avaliativas do trimestre e era extremamente importante mantê-lo atualizado. Os formulários aplicados foram recolhidos e posteriormente tabulados em uma planilha de Excel.

Dos 26 alunos participantes, 19 afirmaram morar em Vitória, 4 não responderam ou não souberam o bairro em que moram e 1 afirmou morar em outra cidade da região metropolitana. Metade da turma informou ser nativa da cidade de Vitória. Do restante, a maioria assinalou ter nascido em outras cidades do Espírito Santo, e uma pequena parte dos alunos disse ser natural de cidades de outros estados. Os que responderam não ter nascido em Vitória informaram morar na cidade há pelo menos 3 anos. Isso demonstrou que a turma era composta por estudantes com um forte vínculo citadino, que mesmo que não fossem nativos, frequentavam a cidade e a comunidade há bastante tempo.

Quanto à frequência à praia em momentos de lazer, 85% dos alunos afirmaram frequentar as praias da região, indo pelo menos uma vez por mês, o restante afirmou não ter este hábito. Já sobre as modalidades náuticas, a maioria dos estudantes afirmou desconhecer o que seriam as modalidades *stand up paddle*, *rafting*, *kitesurf* e *windsurf*.

Quando perguntados sobre as modalidades que eles conheciam e que já tiveram oportunidade de observar sendo praticadas em sua cidade, citaram principalmente a pesca, o remo e o *surf*. O formulário também perguntou aos estudantes quais dos esportes náuticos conhecidos eles já tiveram oportunidade de praticar, e a grande maioria citou a Pesca (31%). Outros 17% relataram já ter surfado e 11% disseram já ter remado alguma vez.

Sobre as experiências de lazer e recreação dos estudantes na água, 77% deles relatou ter o hábito de se divertir na água, mas 51% alegou não se sentir totalmente

seguro sozinho numa piscina ou no mar e 73% dos alunos assinalou que se sentiria seguro se estivesse na companhia de professores e salva-vidas. Ainda sobre o contato dos alunos com a água, apenas 12% afirmou saber nadar e já ter frequentado aulas de natação e 92% disseram que seus familiares apoiariam sua participação numa aula no mar ou na piscina, com o suporte de professores e salva-vidas.

Por fim, quanto às experiências de lazer dos alunos de modo geral, observei que 69% dos alunos alegaram ter tempo suficiente para o lazer, mas quando se pergunta sobre o tempo para o lazer ao ar livre o percentual de alunos cai para 53%. Finalmente, quanto às condições socioeconômicas familiares para desfrutar de atividades de lazer ao ar livre, 65% dos alunos disseram ter condições financeiras somente para alguns tipos de atividades de lazer ao ar livre; 23% alegaram ter condições financeiras, 4% não soube responder e 8% disseram não ter nenhuma condição financeira para desfrutar de atividades de lazer ao ar livre.

O formulário diagnóstico me permitiu observar que os estudantes tinham, até aquele momento, experiências esporádicas, superficiais e pouco diversas com os esportes náuticos. Apesar da maioria manter o hábito de ir à praia, as atividades lúdicas no mar não se estendiam aos esportes náuticos e muitas modalidades permaneciam totalmente desconhecidas para eles. Também percebi que não havia, naquela turma específica, nenhum aluno que relatasse algum histórico traumático na água e dificuldades para estar numa piscina ou na praia acompanhado de professores e salva-vidas. Por fim, pude perceber que não havia nenhum estudante com restrição médica para a atividade aquática.

Esse conjunto de informações obtidas nesse instrumento pedagógico me possibilitou confirmar minhas conclusões anteriores, desde o diagnóstico feito durante o ano de 2021, que me apontou e confirmou caminhos em potencial para seguir na construção das minhas intervenções. Um deles, foi o de manter a pesca esportiva dentre as modalidades a serem abordadas nas aulas, em virtude de seu valor cultural e do significado que ela já manifestava ter para os estudantes. Neste sentido tive maior embasamento para dar sequência às ações que eu planejava.

4.4 Relato e registros das intervenções didático-pedagógicas realizadas

Passarei agora a descrever as intervenções didático-pedagógicas já realizadas na escola, com a turma participante. A unidade didática foi planejada com um total de

20 aulas e divididas em 5 eixos temáticos. Vale ressaltar que a reforma curricular de 2022 comprometeu severamente as intervenções pedagógicas inicialmente programadas. A diminuição do número de aulas de Educação Física de 3 para 2 aulas semanais, o aumento da jornada escolar com mais meia hora de aula e minha divisão de carga horária entre duas escolas diferentes exigiram um ajuste drástico nos eixos temáticos, que anteriormente eram 7 e precisaram ser reduzidos para 5.

Várias ações também precisaram ser retiradas ou modificadas no projeto de pesquisa, como por exemplo, a construção de uma prancha de *Stand Up Paddle* com garrafas pet e a experimentação de jogos eletrônicos simulando as modalidades estudadas. Alguns temas, como o direito ao esporte e ao lazer precisaram ser reduzidos para se ajustar à nova carga horária da disciplina e sua abordagem não resultou como inicialmente seria, com maior número de aulas e debates mais aprofundados.

A reforma curricular também impactou no vínculo dos estudantes com a escola. Muitos dos estudantes que faziam parte da trajetória iniciada no ano letivo anterior, que se envolveram no planejamento participativo do currículo daquele ano e que estavam sendo considerados no conjunto de alunos integrantes das intervenções preferiram se transferir para outras escolas ou mudar de turno, já que com a nova grade a jornada escolar se estendia até às 18 horas. Tudo isso implicou em uma adaptação do projeto a essa nova realidade da escola, trazendo alguns desafios inesperados para a realização da pesquisa.

Eixo temático 1: Corporeidade e natureza - (3 aulas)

- Intervenção 1 e 2: Atividade de campo com piquenique no Parque Horto de Maruípe e roda de conversa sobre a histórica relação entre o corpo e a natureza; sobre a atividade física ao ar livre ao longo das décadas e as práticas corporais conhecidas pelos alunos realizadas na natureza e na água. Discussão sobre os parques, as praias e as praças enquanto espaços públicos que garantem lazer, esporte, bem-estar e qualidade de vida para os habitantes da cidade; observação, reflexão e discussão sobre as possibilidades de lazer na natureza bem como sobre as emoções e sensações evocadas pelo encontro do corpo com a natureza. Tarde lúdica com brincadeiras e jogos no parque.

- Intervenção 3: Brincadeiras com água na escola: guerra de balão d'água, banho de mangueira e brincadeira de escorregar na lona molhada.

Eixo temático 2: Direito ao lazer e ao mar de Vitória - (2 aulas)

- Intervenção 4: Aula expositiva e roda de conversa em sala de aula sobre o lazer como um direito social garantido pela Constituição Federal e o acesso ao lazer náutico na cidade de Vitória; apresentação e leitura de trechos da Constituição Federal de 1988, análise e discussão em grupo dos artigos que tratam do direito ao esporte e ao lazer.
- Intervenção 5: Aula expositiva com apresentação de imagens, mapas e vídeos sobre a geografia da cidade de Vitória e sua relação histórica com o mar e com as práticas esportivas e recreativas marítimas. O surgimento dos clubes esportivos que impulsionaram os esportes náuticos na cidade e no estado do Espírito Santo. As praias e os eventos esportivos e turísticos que movimentam o universo náutico na cidade e na região.
- Intervenção 6: Atividade de orientação e interpretação de um mapa da escola com o tema “Tesouro Pirata”.

Eixo temático 3: Esportes Náuticos de impulso por força humana (*Stand Up Paddle*, Pesca Esportiva, Remo, Caiaque) - (4 aulas)

- Intervenção 7: Aula expositiva com apresentação do conceito de Esportes Náuticos, principais características, espaços em que são praticados e exemplos de modalidades. A classificação das modalidades náuticas de acordo com o tipo de impulso utilizado. Apresentação com história, peculiaridades, equipamentos utilizados, imagens e vídeos das modalidades de impulso por força humana: Remo, Caiaque, Stand Up Paddle, Pesca Esportiva, Surf.
- Intervenção 8: Simulação do movimento do Caiaque e do Stand Up Paddle na quadra da escola.
- Intervenção 9: Aula de campo com visita à piscina da UFES para a prática do caiaque e do Stand Up Paddle.
- Intervenção 10: Jogo de Pesca Esportiva no pátio da escola.

Eixo temático 4: Esportes Náuticos de impulso pela força do vento (Vela, Windsurf, Kitesurf) - (6 aulas)

- Intervenção 11: Apresentação com história, características, peculiaridades, espaços de prática, contexto esportivo e de lazer, equipamentos utilizados, imagens e vídeos das modalidades de impulso por força do vento: vela, windsurf, kitesurf, wingfoil.
- Intervenção 12: Palestra e roda de conversa com uma velejadora e professora de vela capixaba.
- Intervenção 13: Oficina de nós náuticos e aprendizagem do nó 8, nó direito e lais de guia.
- Intervenção 14: Construção de um barco a vela de brinquedo utilizando rolhas, palito de churrasco e folhas de E.V.A.
- Intervenção 15: Brincadeira com os barcos a vela construídos pelos alunos.
- Intervenção 16: Visita à praia Curva da Jurema para oficina de primeiros socorros e salvamento aquático com o Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Espírito Santo, passeio de barco à vela e vivência do caiaque.

Eixo temático 5: Festival Náutico Escolar - (4 aulas)

- Intervenção 17: Planejamento e organização coletiva de um evento intitulado “Festival Náutico Escolar”, apresentado a toda escola e que contará com oficinas das atividades praticadas anteriormente pelos alunos (Simulação de caiaque com skate, construção de barcos de brinquedos, oficina de nós e jogo de Pesca Esportiva), exposições dos diários de bordo dos alunos com seus registros por escrito e com desenho das experiências das aulas, das imagens e vídeos produzidos por eles, e de equipamentos náuticos emprestados pelas escolas parceiras, além de uma palestra dos alunos sobre suas vivências na unidade didática.
- Intervenção 18: Continuação da organização do Festival Náutico.
- Intervenção 19: Continuação da organização do Festival Náutico.
- Intervenção 20: Realização do Festival Náutico e conclusão da unidade didática de Esportes Náuticos.

Neste momento, apresento apenas a descrição e análise do que foi realizado. As informações aqui apresentadas foram registradas em meu caderno de campo e em aplicativos de gravação de áudio, onde gravei meu relato partícula, percepções e observações, alimentados sempre ao final de cada dia de intervenção. Também apresentarei algumas das fotos produzidas por mim, pelos próprios alunos e pelos parceiros da pesquisa, de cada uma das aulas. Por ora, selecionei as fotos mais emblemáticas de cada momento registrado, porém muitas outras fotografias e vídeos já estão arquivados e poderão compor outros trabalhos derivados dessa pesquisa.

4.2.3 Eixo temático “Corporeidade e natureza”

Aula 1 e 2: Piquenique no Parque Barreiros

Data: 07/04/2022

Local: Parque do Horto de Maruípe, Maruípe, Vitória

Tempo da aula: 165 minutos (3 horários)

Objetivos:

- Revisitar e revisar as experiências dos estudantes com as Práticas Corporais de Aventura no ano letivo anterior;
- Refletir sobre as potencialidades, desafios e questões que emergem do contato do corpo com a natureza, em especial no momento de lazer;
- Identificar as emoções, sensações, percepções de cada estudante sobre o estar em contato com a natureza e com os equipamentos de lazer públicos de Vitória;
- Pensar sobre a importância da natureza e dos espaços públicos de lazer para a promoção do bem-estar, da qualidade de vida e saúde dos moradores da cidade;
- Introduzir o conteúdo Esportes Náuticos como um exemplo de Prática Corporal de Aventura e na natureza vivenciada em espaços públicos

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Preparação da saída, conferência das autorizações de saída assinada pelos pais. Distribuição do volume a ser carregado pela turma, incluindo os lanches individuais trazidos pelos estudantes,
----------------	--

	utensílios como toalha, talheres e copos, do lanche preparado pela escola. Orientações gerais de segurança e combinados a serem adotados durante o passeio, para evitar dispersões, acidentes e atrasos.
Segunda parte	Caminhada de 10 minutos até o Horto de Maruípe.
Terceira Parte	Escolha do local para o piquenique, organização do lanche e roda de conversa sobre os parques e espaços públicos e sua importância para a promoção do bem-estar da população. Breve revisão sobre o conteúdo de Práticas Corporais de Aventura. Discussão sobre os hábitos de lazer dos alunos na natureza e espaços públicos que frequentam para ter contato com a natureza. Introdução do conteúdo de Esportes Náuticos situando a praia como um espaço público que promove um íntimo contato com a natureza, onde práticas corporais de aventura aquáticas são vivenciadas.
Quarta Parte	Lanche e passeio pelo parque. Brincadeiras livres no gramado.
Quinta Parte	Caminhada de 10 minutos de retorno à escola.

Relatório da intervenção

Figura 1 – Piquenique no Parque Horto de Maruípe



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Apesar de existir um parque público a menos de 5 minutos da escola, a escolha do local para o piquenique encontrou um grande obstáculo: a impossibilidade de alguns estudantes do oitavo ano de frequentarem certos espaços da região em virtude das disputas entre facções do tráfico. O parque próximo da escola estava situado no território do tráfico da região do bairro Joana D'Arc e os alunos que moravam em regiões dominadas pelos seus rivais não poderiam frequentá-lo, pois estariam seriamente expostos a riscos.

Este fato veio à tona assim que mencionei a visita ao parque pela primeira vez. Na ocasião, dois alunos relataram a impossibilidade de frequentarem o parque próximo e disseram que não se importariam de não ir na aula de campo, para não atrapalhar a turma. Discordei e disse que eu encontraria um local onde todos pudessem ir. Perguntei se o Horto de Maruípe, que ficava um pouco mais longe representava algum risco para alguém e uma aluna disse que sua família não gostava muito daquele parque, por ser frequentado por usuários de drogas, comentário que foi confirmado por outros estudantes.

Por morar há pouco tempo em Vitória eu não conhecia tão bem a cidade e não sabia de nenhuma alternativa próxima a esses dois parques, então prometi à turma que procuraria um local mais seguro para nossa atividade. Com isso, passei a perguntar para outros professores sobre espaços próximos da escola onde seria possível realizar a visita e o piquenique, contudo ninguém conhecia nenhum parque além dos situados em locais mais distantes. Muitos com os quais conversei me orientaram a ir ao Parque Pedra da Cebola, localizado numa região nobre de Vitória, onde a atividade certamente ocorreria de modo bem tranquilo. Entretanto, para que a intervenção acontecesse neste parque era preciso a solicitação de um ônibus, algo que eu evitaria ao máximo, pois meu planejamento já previa outras duas saídas para aulas futuras e tive receio de que solicitando ônibus para essa primeira atividade eu pudesse prejudicar as posteriores, esgotando os recursos da escola.

Pesquisando no mapa da cidade identifiquei um parque próximo da escola, com trajeto facilitado a pé, conhecido como "Pedreira". No grupo do *whatsapp* perguntei aos próprios alunos se eles conheciam o local e o consideravam tranquilo. Alguns responderam que não era seguro e que as mesmas questões relacionadas aos territórios em disputa pelo tráfico se estendiam aquele espaço. Diante disso senti-me

sem opções e comecei a cogitar a realizar a atividade no gramado do estacionamento em frente à escola.

A preparação dessa atividade já me apresentou a uma das barreiras que apartavam os estudantes da minha escola com os espaços e as práticas de lazer de sua cidade. Neste caso, a violência urbana influenciava severamente em suas experiências lúdicas e restringiam as possibilidades de fruição do seu tempo livre dentro da própria região onde moravam, e agora também dificultavam suas atividades na escola.

Tal constatação também é feita por Raquel Silva (2006, citada por CAMPOS *et.al.*, 2021), que observou que a violência urbana tem papel preponderante na exclusão das pessoas aos espaços das cidades, o que restringe as possibilidades de uso e ocupação dos espaços públicos, tornando-se pouco dinâmicos. Jan Gehl (2010) também salienta que a sensação de segurança é de grande importância para que as pessoas façam uso do espaço urbano, acrescentando que a segurança real ou percebida pode tornar a cidade e seus espaços mais atrativos, acolhedores e funcionais para todo os cidadãos, algo que estes parques no entorno da escola não representavam para estes estudantes.

No ponto de vista de autoras como Rechia (2008), os espaços públicos, em essência, são locais de uso criativo, que atendem ao livre interesse da população. Porém, como analisam Emerson Campos *et.al.* (2021), a segurança e a violência podem representar limites para seu uso, afastando as pessoas, restringindo as experiências e sua ocupação. Luciano Melo e Leila Salles (2019, p.20) concordam com essas considerações e acrescentam que “condições socioeconômicas como a de ser jovem morador da periferia urbana pertencente ao extrato socioeconômico mais empobrecido da população delimitam espaços e modos de inserção social.” Deste modo, a juventude das periferias acaba por ser severamente afetada em suas experiências lúdicas, e não obstante acaba também por revezar entre o papel de alvo ou de protagonistas/ atores da violência, conforme concluem Leila Salles e Joyce de Paula e Silva (2010).

Ao colocar os fatos com os quais me deparei de frente com essas análises foi possível perceber que o lazer, como direito social e constitucional não estava plenamente garantido na vida desses estudantes, não somente no que dizia respeito às experiências aquáticas, náuticas e marítimas, como eu inicialmente havia

observado, mas também naquelas que poderiam ser realizadas próximas de suas residências, nos parques, nos campos de futebol da esquina e nos espaços públicos da região em que moravam.

Diante da falta de opções, voltei a considerar o Horto de Maruípe, parque próximo da escola que alguns alunos tinham relatado não ser seguro, mas nenhum deles havia relatado ter impedimento de frequentar. Pelo grupo do *whatsapp* perguntei a alguns dos familiares dos estudantes sobre o local, já que eu pessoalmente não o conhecia. A mãe de um deles respondeu que durante a tarde, tempo em que a atividade aconteceria, não era perigoso, embora fosse sempre bom ficarmos atentos.

Assim, decidi ir pessoalmente até o parque para verificar o local e decidir se a atividade poderia ou não acontecer ali. Visitei o Horto de Maruípe numa tarde, circulei por alguns espaços e embora eu tenha visto grupos de indivíduos reunidos em alguns lugares fumando maconha, não percebi nenhuma situação que representasse risco aos alunos. Como a atividade no parque teria o acompanhamento de outros adultos, avaliei que aquele seria o melhor local para nossa aula de campo.

Tive bastante receio de que alguma situação de violência acontecesse conosco, especialmente depois de receber a mensagem da mãe de um dos estudantes, muito preocupada com sua exposição naquela região da cidade. A mãe pediu que eu ficasse atento, pois o aluno era bastante conhecido por ser sobrinho de um traficante que tinha muitos rivais, e que por isso ele poderia estar em risco. No entanto, sustentei a atividade neste espaço por entender que a importância que ocupar esse lugar representava para a comunidade. Reinaldo Pacheco (2016, p. 95) analisa que a ocupação dos espaços públicos da cidade é uma forma de afirmar uma posição de busca de direitos sociais, dentre eles a educação, saúde, cultura e lazer. No entanto, no que tange ao lazer, o autor pondera que

o lazer ocorre por meio da escolha relativamente autônoma de práticas e atividades prazerosas, lúdicas e pela atitude do sujeito no pleno exercício de seu direito. Esta possibilidade de escolha é relativa e não absoluta: faz-se o que se quer dentro do que é possível e nem sempre o universo das práticas possíveis contempla os desejos dos sujeitos e grupos sociais.

Refletindo sobre essas ideias avaliei que a escola, através de suas práticas educativas, institucionalizadas, reconhecidas e com relativa inserção na comunidade poderia contribuir, de algumas formas, para que certos parques urbanos de Vitória deixassem de ser referência de usuários de drogas e operadores do tráfico, e

passassem a ser um espaço atrativo para estudantes, famílias e sujeitos que, a partir desse movimento, considerassem possível o uso desses espaços para desfrute do seu lazer.

A Educação Física escolar, pela relação que tece com o conjunto espaço-corporal também pode ter muito a colaborar neste sentido. Poliane Cerqueira et.al. (2020) consideram que essa área de conhecimento na escola pode conscientizar as crianças e jovens da importância de usufruir de momentos de lazer e de reivindicar e prezar pelos espaços públicos para que seu direito ao lazer seja garantido, formando, assim, cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Enfatizam os autores que “a integração das aulas de Educação física com diferentes locais e espaços públicos, podem ser oportunidades para que se promovam momentos de reflexão sobre a prática de lazer e atividades físicas, direito ao lazer e ocupação de espaços públicos de uma cidade” (CERQUEIRA et.al., 2020, p.120).

Aline Tschoke et.al. (2011) já estudaram e analisaram como as forças sociais e lideranças da comunidade são capazes de transformar o uso de espaços públicos urbanos na cidade de Curitiba, através de formas de uso colaborativa e de responsabilidade compartilhada dos seus membros e atores. Contudo, quando se lança o olhar sobre a forma como as escolas se apropriam dos espaços públicos ao seu redor, retomamos ao problema inicial: a escola, por meio de seus professores e profissionais ainda teme a violência, e por vezes se torna hesitante em explorar esses lugares pela sua falta de estrutura, manutenção e acessibilidade, como apontam Tschoke et.al. (2012).

No nosso caso, porém, estávamos motivados a efetivamente conquistar esse parque próximo da escola pois sabíamos da importância disso e da riqueza de experiência e conhecimento que nossa saída poderia provocar. Informei à direção e à pedagoga responsável pelos anos finais sobre o local da atividade. Solicitei a diretora a presença de um dos estagiários da educação especial, para que ficasse à disposição dos três estudantes com deficiência física e intelectual. Também solicitei à escola um lanche complementar àquele levado individualmente pelos alunos. À pedagoga solicitei que fosse elaborado um horário especial para que tivéssemos tempo suficiente para realizar a atividade fora da escola. Para isso, precisei me antecipar e conversar com outros dois professores que davam aula para a turma do oitavo ano em dois horários da quinta-feira. Estes cederam seu tempo de aula para nossa

atividade externa. Por fim, enviamos um bilhete para casa com o aviso da atividade do dia e orientações gerais para as famílias e solicitamos a assinatura dos responsáveis para a autorização de saída.

No dia da atividade, os estudantes chegaram à escola bastante animados. Era a primeira saída da escola desde muito tempo. Em virtude da pandemia e dos seus protocolos, atividades externas haviam sido suspensas pela Secretaria de Educação. A movimentação do oitavo ano chamou atenção dos estudantes de outras turmas, que ficaram bastante enciumados e chegaram a comentar comigo que “eu só fazia coisas legais com o oitavo ano” que “era minha turma favorita”. Tentei explicar que tudo aquilo era parte da minha pesquisa de mestrado, que infelizmente atenderia somente uma turma. Como era de se esperar, o argumento não convenceu a maioria dos estudantes.

Me reuni com os alunos, conferi o número de presentes e recolhi as autorizações de saída. Uma estudante não havia trazido sua autorização assinada e foi encaminhada à coordenação para que fosse remanejada de turma naquele dia, frequentando aulas em outra sala. Fiz uma conversa inicial, estabelecendo combinados e o que cada um carregaria e ficaria responsável. Devido a um problema de comunicação o estagiário que nos acompanharia não estava presente e a atividade foi coordenada por mim com o apoio apenas da pedagoga. Por isso, redobramos o cuidado com a turma de 26 alunos.

Às 13h20 saímos em caminhada pelo bairro até o parque. A caminhada foi bastante tranquila e sem imprevistos. Chegamos ao parque e escolhemos o local onde faríamos o piquenique. Ajeitamos a comida em toalhas e em seguida reuni os alunos para a roda de conversa em que o conteúdo seria abordado. Iniciei perguntando aos estudantes quem já tinha estado ali antes. Poucos responderam positivamente. Em seguida falei da importância dos parques públicos e dos espaços urbanos de lazer para promoção da saúde e do bem-estar da população. Ao tratar sobre qualidade de vida e benefícios do contato com a natureza, eu havia planejado realizar uma sessão de meditação ou relaxamento com os alunos, mas logo percebi que não havia “clima” para essa atividade. Os alunos estavam extremamente dispersos, distraídos com tudo que estava acontecendo ao nosso redor. A roda de conversa que eu havia planejado também não aconteceu. Não consegui instigar um debate muito profundo sobre os temas da aula, o silêncio era tanto que chegou a me constranger. Percebi na

expressão dos jovens que eles estavam profundamente entediados e ansiosos pelo piquenique e por brincar no parque. Avaliei que era isso que o momento pedia e interrompi a fala, dizendo: “Vocês não estão afim de conversar, né?”. Alguns murmuraram que não. E então eu respondi: “Então vamos comer né!”.

Figura 2 - Piquenique no Parque Horto de Maruípe



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

A turma se animou, todos se sentaram ao redor das toalhas para começar o lanche. Só então nos demos conta que tínhamos trazido muita comida. Tanta que mais tarde distribuimos parte do que não comemos para funcionários do parque. Alguns alunos nem quiseram comer, ficaram explorando o parque, correndo atrás dos patos e andando. Decidi deixar o tempo correr da forma como os alunos preferissem e mais tarde eu poderia explorar todo o potencial daquele momento para continuar a conversa que eu havia planejado para o dia.

Os momentos seguintes foram de ficar descalço, correr pela grama, balançar na gangorra, tirar foto, conversar. Brincamos de pique-pega e fui escolhido como o pegador. O momento vivido nesta aula exemplificou o que Marinho (2008) analisa sobre o potencial intrínseco das atividades de lazer na natureza, enquanto promotoras de emoções, sensações, laços de amizade e vínculo entre as pessoas. O significado que essa intervenção assumiu para a turma, sobretudo por ter sido a primeira saída pedagógica da escola, em grupo, depois de 2 anos de restrições pandêmicas foi de

considerável relevância para a união entre os estudantes, entre os estudantes e o professor, e entre os estudantes e a escola.

Por outro lado, a aula também suscitou nos jovens estímulos diversos, provocando-lhes um olhar sensível ao meio ambiente, à natureza, à comunidade em que vivem, aos problemas sociais que fazem parte de seu cotidiano. Isso se fez presente durante todo o processo de organização coletiva do piquenique, desde a escolha do local até a atividade no parque. Brunhs (1997) considera que as práticas na natureza levam o sujeito a experimentar diferentes emoções e sensibilidades, a interagir e a se comunicar de modo diferente com o meio em que vive, bem como a refletir sobre relação humano – natureza. De acordo com o que foi observado nessa intervenção, a visita ao parque de fato trouxe à tona um outro modo de nos relacionarmos com estes espaços e incentivou a abertura dos nossos sentidos para perceber, interpretar e pensar sobre nossa forma de ocupar estes lugares urbanos.

O tempo passou muito rápido e logo chegou a hora do retorno. Havia uma ameaça de chuva que nos preocupava e por volta de 15 horas começamos a caminhada de retorno. A volta foi bastante tranquila. Chegamos na escola no tempo planejado. Os alunos do oitavo ano foram dispensados e puderam ir para casa mais cedo. Foi um momento muito agradável e descontraído para todos. Eu ainda tinha duas aulas para dar no dia e fui me preparar para dar sequência ao dia na escola.

4.2.4 Eixo Temático: Direito ao lazer e ao mar de Vitória

Aula 3: Direito ao lazer e ao mar

Data: 14/04/2022

Local: Sala de aula

Tempo da aula: 55 minutos

Objetivos:

- Retomar o conceito de lazer, trabalhado no ano anterior;
- Discutir o esporte e o lazer como direitos garantidos constitucionalmente;
- Refletir sobre as formas pelas quais o direito ao lazer tem sido garantido ou protelado dos estudantes e da comunidade onde estão inseridos;
- Situar a praia e o mar enquanto um espaço público e gratuito, promotor de qualidade de vida, saúde e bem-estar para a população;

- Pensar sobre os obstáculos que dificultam uma frequência maior à praia e o desfrute de atividades marítimas pelos alunos e seus familiares.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Avaliação da atividade do piquenique pelo grupo. Emoções, sensações, aprendizados daquele dia. Revisão do conceito de lazer. Revisão do conceito de Práticas Corporais de Aventura.
Segunda parte	Discussão sobre o que significa lazer e esporte serem direitos constitucionalmente garantidos. Apresentação da Constituição Federal de 1988 e sua função como lei magna do País. Relação entre o direito ao lazer e o direito à cidade e aos espaços públicos, dentre eles, o mar. Debate sobre barreiras que nos afastam do mar e das atividades de lazer nele vivenciadas.
Terceira parte	Estudo em grupo dos artigos 6º e 217º da Constituição Federal ¹⁶ . Reflexão e debate em grupo sobre como podemos cobrar do poder público a garantia dos nossos direitos relacionados ao lazer e ao esporte. Compartilhamento das opiniões e ideias dos grupos com a turma.

Relatório da intervenção¹⁷

Inicialmente pensada para ser realizada na Biblioteca da escola, num tempo de 55 minutos, essa aula precisou ser adaptada para a sala de aula, em virtude da licença médica da bibliotecária, e para apenas 30 minutos de aula, em virtude de um incidente com a professora de Ciências, que havia aplicado uma prova extensa no horário anterior, comprometendo alguns minutos consideráveis da minha aula.

Por terem acabado de sair de uma atividade cansativa, a turma ficou bastante agitada e dispersa e foi difícil começar a aula. O grupo também estava insatisfeito por terem aula na sala, e ansiosos por saírem dela. Comecei com uma avaliação da atividade do parque, perguntando aos alunos sobre suas percepções, sensações no

¹⁶ Ver anexo IV.

¹⁷ Em decorrência de uma série de imprevistos que prejudicaram o andamento desta aula não foi possível registrá-la em fotografias.

dia. Retomei o tema do acesso ao lazer, revisando o conceito de lazer que tínhamos estudado no ano anterior. Vinculei as práticas corporais de aventura ao lazer, analisando essas atividades como parte da cultura corporal vivenciada nestes tempos e espaços e pontuei que a praia era um ambiente comumente procurado pelos sujeitos para a vivência de atividades de lazer e práticas de aventura.

Toda essa conversa teve que ser bastante apressada pelo curto tempo disponível e foi muitas vezes interrompida por conversas entre os alunos, pedido para ir ao banheiro, retorno dos alunos que estavam fazendo a prova fora da sala, etc. Fiquei bastante decepcionado com a qualidade dessa intervenção e com a participação dos alunos. Poucos estavam atentos ao que eu falava e não interagiam comigo, permanecendo calados e ouvindo, sem se incluir no debate. Lancei algumas perguntas para provocar o grupo, questionando sobre seus conhecimentos acerca da Constituição Federal, sobre as razões por tão pouca gente na sala ter tido oportunidade de praticar alguma modalidade náutica e tive respostas muito vagas, basicamente repetindo coisas que eu havia dito anteriormente. Alguns alunos interromperam a conversa para perguntar sobre a atividade da próxima aula, em que teríamos brincadeiras com a água e diante disso me senti um pouco desestimulado a insistir numa conversa em que eles não estavam interessados.

Juarez Dayrell (1996) observa que a vivência do tempo escolar é sentida pelo estudante de forma diferente, de acordo com os acontecimentos e os espaços da instituição. Para o autor, é natural que o tempo no recreio ou na quadra seja sempre curto e seja percebido como algo mais acelerado pelos alunos, ou seja, passa mais rápido já que há muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Por outro lado, o tempo da sala de aula é geralmente compreendido como algo maçante e cansativo para os estudantes, exigindo uma certa educação da paciência. Deste modo, reflito que me pareceu compreensível que antevendo e ansiosos por um conjunto de aulas muito diferenciadas, sobretudo apresentadas num contexto pós-pandêmico, os estudantes do oitavo ano tenham hesitado em participar de discussões, debates e leituras. Ainda assim foi evidente que neste dia específico outras razões influenciaram a baixa participação da turma, como a cansativa atividade de Ciências.

Por fim, como o tempo da aula já estava avançado, passei os livros da Constituição para que os estudantes folhassem e indiquei que eles lessem alguns artigos, como o 6º e o 217º, que tratavam dos temas que estávamos abordando. Em

decorrência disso julguei que eu não consegui atingir os objetivos propostos da aula por não ter estimulado o debate crítico que eu pretendia promover com os alunos.

Aula 4: Brincadeiras com água¹⁸

Data: 14/04/2022

Local: Pátio e quadra

Tempo da aula: 45 minutos

Objetivos:

- Instigar o debate sobre as Práticas Corporais de Aventura Aquáticas através do contato com a água;
- Refletir sobre as potencialidades, desafios e questões que emergem do contato do corpo com a água, em especial no momento de lazer;
- Provocar e identificar as sensibilidades, emoções, sensações, percepções de cada estudante sobre o estar em contato com a água;
- Identificar as práticas corporais possíveis de serem vivenciadas em contato com a água.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Orientações sobre as atividades do dia. Brincadeira de guerra de balão d'água.
Segunda parte	Banho de mangueira e escorrega na lona molhada.

Relatório da intervenção:

Esta foi uma das aulas mais aguardadas por mim e pelos alunos. Ela já estava sendo anunciada e preparada mesmo antes das intervenções começarem. Para que ela acontecesse, precisei enviar um bilhete aos familiares comunicando que naquele dia realizaríamos brincadeiras com água na escola e que os alunos iriam se molhar. Como a escola não possuía vestiários, a estratégia foi realizar a atividade na última aula para que os estudantes pudessem ir direto para casa e se trocar.

¹⁸ Essa aula está inserida no Eixo Temático “Corpo Água e Natureza”, no entanto, como era importante para a escola que ela fosse realizada no último horário, foi necessário que ela acontecesse após a aula sobre o Direito ao Lazer e ao mar, que aconteceu no mesmo dia, no segundo horário. Portanto, a ordem das aulas precisou ser invertida.

Figura 3 – Brincadeiras com água na escola



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Para realizar essa intervenção tive a primeira despesa relacionada à pesquisa: a compra da lona que seria molhada para os alunos escorregarem, dos shampoos e dos balões que seriam enchidos com água¹⁹. Outra dificuldade para realizar essa atividade foi a da preparação do espaço. O melhor local da escola para realizá-la seria no pátio e na quadra. Contudo, a aula aconteceria somente no último horário e durante toda a tarde outras turmas teriam aula comigo na quadra. Desse modo, eu não poderia deixar o espaço organizado antecipadamente, mas ao mesmo tempo, não haveria tempo para preparar tudo no horário da aula, principalmente porque a última aula costumava ter um tempo de horário reduzido em 10 minutos, devido à organização da escola para a saída dos estudantes.

¹⁹ Apesar da escola ter recursos para adquirir esses materiais, a compra não podia ser realizada sem seguir o procedimento das cotações. Era preciso ter 3 orçamentos documentados, para que a compra fosse feita com aquele de menor valor. Para isso era necessário um tempo que eu não dispunha para pesquisar os fornecedores, solicitar o orçamento e esperar a compra ser realizada. Para otimizar o processo precisei eu mesmo arcar com os custos desta compra.

Minha solução para esse problema foi sacrificar a aula anterior a da turma do oitavo ano para que eu pudesse encher os 150 balões de água necessários para a brincadeira. Também usei este tempo para estender a lona sobre um canto da quadra e testar a mangueira que havia sido disponibilizada pela equipe de serviços gerais. Foi neste momento que eu percebi que a pressão da água que saía da torneira mais próxima da quadra era extremamente fraca e o banho de mangueira não aconteceria. Tive que providenciar baldes d'água e enchê-los, deixando-os na sala de Educação Física para poder molhar a lona na hora da atividade.

Essa minha movimentação chamou atenção de alguns alunos que estavam no tempo livre. Alguns se ofereceram para me ajudar e aproveitaram para satisfazer a curiosidade sobre o que eu estava fazendo. Um grupo de alunos do sexto ano me auxiliou a encher os balões e os baldes. Obviamente, ficaram desejosos de ter uma atividade parecida. Um deles chegou a dizer que o sonho dele era fazer uma guerra de balão d'água igual àquela. Fiquei bastante comovido com a disposição deles em me ajudar e prometi que eu organizaria uma atividade igual com eles, a partir do segundo semestre.

Quando chegou o momento da aula, a turma do oitavo ano estava tão ansiosa que esqueceu de combinados que havíamos estabelecido antes. Invés de me aguardarem na sala, foram me encontrar todos no pátio, ansiosos para começarmos as brincadeiras e preparados para se molharem. Apesar de não ter sol, os estudantes estavam muito animados. Por isso, sem demora organizei a turma no pátio e trouxe os baldes com os balões d'água. A ideia da guerra de balão era que realmente fosse uma algazarra. Os alunos poderiam lançar os balões uns nos outros para se molharem, evitando somente atirá-los no rosto. Distribuí dois balões, organizei a turma em círculos e apitei para dar início à brincadeira. Os alunos começaram a correr e a atirar os balões uns nos outros e quando todos já tinham estourado, eu liberei um novo balde com mais balões.

A atividade durou pouco, mas percebi que os estudantes se divertiram bastante. Depois disso, subimos para a quadra onde a lona já estava molhada e com shampoo infantil espalhado sobre ela para ajudar a deslizar. Orientei que eles tivessem cuidado ao escorregarem pela quadra e temi que pela empolgação de alguns deles acontecesse algum acidente, mas felizmente nada aconteceu.

A baixa pressão da água na mangueira da quadra foi um fator que dificultou a atividade. Teria sido muito melhor se tivéssemos um fluxo constante de água para nos molharmos. A alternativa que eu encontrei para manter a atividade atrativa e divertida foi colocar alguns alunos para ajudar a encher mais baldes com água. Assim mantínhamos a lona molhada e eles também podiam jogar água uns nos outros.

De todo modo, não houve incidentes e os alunos puderam se divertir de uma forma totalmente nova na escola. Todos os estudantes participaram e se aventuraram na lona molhada à sua maneira. Para alguns mais tímidos eu propus uma brincadeira de puxá-los com uma corda, enquanto eles deslizavam sentados. No fim do dia, quando eles estavam saindo, perguntei a alguns sobre como tinha sido a atividade para eles e ouvi comentários como “foi a melhor aula da história”, “foi incrível”, “foi maravilhoso”. Fiquei muito satisfeito com esse feedback positivo dos alunos e com a forma como a aula transcorreu.

A proposta desta aula incluía a provocação de sensibilidades, sensações e emoções a partir do contato do corpo com a água e assim estimular aprendizagens mais imersivas para o corpo e os sentidos dos estudantes. Diante do feedback dado pelos alunos e da atmosfera lúdica e alegre que foi partilhada com as atividades, percebi que essa experiência ressoava com alguns apontamentos de Andreia Marin (2007, p.278), que considera que num processo educativo, o conhecimento é produzido a partir do desejo de se descobrir o mundo, assim como da criatividade e da imaginação decorrentes disso. A autora avalia que “educar pressupõe trabalhar com as sensibilidades, afetividades, capacidades imagéticas criadoras e, ao fazê-lo, despertar para a verdadeira essência ética do ser humano”.

Marin ainda defende que a percepção humana sobre a natureza, a partir de uma experiência estética, tende a superar o desejo de dominá-la e acaba por se tornar uma vontade de integrar-se a ela. Para a pesquisadora, a experiência estética na natureza estimula um olhar sonhador e poético. De fato, o que foi presenciado nesta aula foi uma entrega dos estudantes ao contato com a água.

Permitir-se molhar, molhar o outro, brincar com isso representou uma aposta deles na experiência que foi proporcionada pela aula. Algumas meninas, que no cotidiano da escola eu percebia terem maior cuidado com seus cabelos se entregaram a atividade, não oferecendo qualquer restrição a terem seus cabelos molhados. Jorge Larrosa (2002) é frequentemente lembrado sobre suas ponderações sobre o sujeito

que se coloca em experiência. Segundo ele, a experiência é algo que nos acontece e que nos toca e nos transforma. A experiência requer a entrega que esses estudantes tiveram, demanda a exposição ao desconhecido, mas que traz um saber único, relativo, pessoal e particular. O saber da experiência vem do sentido do que nos acontece e das relações que produzimos com o ambiente, de tal forma que ninguém pode aprender da experiência de outro. Com isso, avaliei que a abertura, o interesse e o engajamento criativo da turma com essas atividades potencializaram a experiência de cada um desses estudantes, resultando em algo marcante, “incrível” e “maravilhoso”, como relataram eles.

Ao final da aula, depois que os alunos foram embora precisei retirar toda a água acumulada no chão da quadra com um rodo, lavar o chão e a lona para tirar o sabão, secar a quadra, estender a lona numa área adequada, recolher a mangueira, devolver os baldes às funcionárias de serviços gerais e só então pude ir para casa.

Aula 5: A relação histórica e geográfica da cidade de Vitória com o mar

Data: 28/04/2022

Local: Sala de aula

Tempo da aula: 55 minutos

Objetivos:

- Conhecer ou revisar a constituição do espaço geográfico da cidade de Vitória e a influência do litoral em sua distribuição espacial;
- Compreender a relação histórica da cidade de Vitória com o mar e com as práticas corporais realizadas nele;
- Identificar os grupos sociais, clubes, instituições e figuras históricas que fortaleceram os esportes náuticos na cidade de Vitória e no Espírito Santo.
- Conhecer os esportes náuticos frequentemente praticados na capital capixaba.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Avaliação coletiva da atividade da aula anterior. Percepções, sensações, impressões sobre as brincadeiras com água. Apresentação do mapa e do território da cidade de Vitória.
----------------	--

	Discussão sobre a constituição insular da cidade, suas praias, vocação turística, sua relação econômica com o porto e a pesca.
Segunda parte	Contextualização dos esportes náuticos na história de Vitória e do Espírito Santo. Os banhos terapêuticos de mar e a popularidade do remo no início do século XX e o surgimento dos primeiros clubes de regatas: o Saldanha Marinho e o Álvares Cabral. Modalidades náuticas mais praticadas na região de Vitória: remo, vela, caiaque, <i>windsurf</i> , <i>surf</i> , <i>kitesurf</i> , <i>stand up paddle</i> , canoagem e pesca esportiva.
Terceira parte	Roda de conversa sobre as experiências dos alunos com observação, prática ou acompanhamento de notícias relacionadas aos esportes náuticos em Vitória. O quanto eles já sabem sobre essas modalidades e como aprenderam?

Relatório da intervenção:

A princípio essa seria uma aula interdisciplinar, que contaria com a participação das professoras de Geografia e História. Cheguei a ter reuniões com essas duas docentes, apresentei a proposta da aula e como cada uma delas poderia contribuir para uma conversa com os estudantes. As professoras demonstraram interesse e vontade de colaborar. Entretanto, com minha carga horária dividida entre duas escolas, meus horários foram alterados e a aula ficou bem no dia de planejamento dessas duas professoras. Com isso, a proposta interdisciplinar não aconteceu e coube a mim estudar o conteúdo para trabalhá-lo sozinho com a turma.

Iniciei a aula com a avaliação da intervenção anterior e percebi que de modo geral os alunos se divertiram e consideraram a aula um marco na sua trajetória escolar. Ouvindo os comentários deles percebi o potencial lúdico que a água tem. De acordo com os jovens, a água confere uma atmosfera de descontração, liberdade, fuga da rotina quando incluída em brincadeiras, jogos e momentos de lazer. Um aluno afirmou que “tudo que é legal fica ainda mais divertido com a água”. Esse comentário foi simbólico e resumiu a experiência que eles tiveram naquele dia.

Para esta aula expositiva eu havia elaborado um conjunto de slides com imagens e informações sobre o conteúdo a ser exposto. Foi uma decisão acertada porque as aulas anteriores, em sala, tinham sido bastante desafiadoras pela

impaciência, desinteresse e agitação da turma. Com a apresentação que eu havia elaborado consegui captar a atenção de boa parte da turma, que ficou especialmente curiosa sobre as imagens antigas de Vitória, percebendo como eram diferentes vários locais conhecidos por eles hoje.

Figura 4 - Aula “A relação histórica e geográfica da cidade de Vitória com o mar”



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Esta foi uma aula expositiva mais produtiva do que a anterior. Notei que os estudantes participaram mais, ficaram mais atentos e curiosos com o conteúdo, além de começarem a associar as modalidades náuticas com seus respectivos nomes. Era frequente eu receber perguntas do tipo: “qual o nome daquela modalidade que tem um paraquedas?” ou “qual o nome daquele esporte em que uma pessoa é puxada por um barco e fica deslizando sobre a água?”, e outras perguntas parecidas. Quando eu recebia questões desse tipo eu percebia que eu começava a despertar a curiosidade dos estudantes sobre esse tema e a contextualizar essas práticas no cotidiano e na vida deles. Era um primeiro passo para aproximá-los desses esportes.

Aula 6: Atividade de Orientação²⁰ de Caça ao Tesouro Pirata

Data: 28/04/2022

Local: Toda escola

²⁰ Para Tahara, Cagliari e Darido (2017, p.3) a Orientação se caracteriza por ser uma disputa realizada em diferentes ambientes (florestas, matas, trilhas, campos, etc.) onde os competidores, de posse de mapas e bússolas devem encontrar e passar por pontos no terreno retratado no mapa. Os autores acrescentam que “o percurso é composto por um ponto de partida, um ponto de chegada e uma série de pontos intermediários numerados (ou PC - postos de controle), por onde o praticante terá que passar seguindo a sequência determinada no mapa.”

Tempo da aula: 45 minutos

Objetivos:

- Contextualizar os esportes náuticos na cultura e no imaginário popular;
- Introduzir elementos do universo náutico através da leitura e interpretação de cartas e mapas, símbolos e da relação espacial e temporal;
- Retomar os conceitos relacionados às práticas corporais de aventura e associá-los aos esportes náuticos.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Conversa inicial sobre o tema “Piratas”, refletindo sobre como essas figuras aparecem no imaginário popular, no cinema, na literatura e na arte em geral e sobre os elementos normalmente associados a elas. Retomada da atividade de caça ao tesouro realizada no ano anterior, com o conteúdo Práticas Corporais de Aventura, lembrando algumas das características da atividade realizada naquela época e diferenciando-a da tarefa do dia. Conceito de atividade de orientação e instruções sobre as regras e procedimento da atividade. Divisão dos estudantes em equipes de cores azul, vermelho, verde e amarelo.
Segunda parte	Atividade de orientação.
Terceira parte	Conversa sobre as percepções, sensações, impressões dos estudantes sobre a aula. Avaliação do grupo sobre a atividade. Desafios que precisaram ser superados para vencer. Outras formas de vivenciar uma atividade de orientação.

Relatório da intervenção:

Optei por manter a descrição desta aula, como registro das formas possíveis de se trabalhar com o conteúdo. No entanto, essa aula não aconteceu, pois para sua realização era imprescindível que eu fosse mais cedo à escola, um dia da semana, para elaborar o mapa que seria utilizado pelas equipes. No entanto, não consegui ter

esse tempo disponível na semana por causa da transferência de parte da minha carga horária para outra escola na semana e dos compromissos gerados por esta mudança.

Além disso, eu estava atrasado com a aplicação da avaliação trimestral do conteúdo anterior (Lutas), ainda não tinha conseguido organizar os grupos do Festival Náutico e de um dos trabalhos avaliativos da unidade temática com os alunos. Tudo isso por conta da redução do número de aulas de Educação Física. Foi neste momento que eu senti mais intensamente as dificuldades de adaptar um projeto pensado para 3 aulas (totalizando 150 minutos semanais) para um novo currículo onde eu teria somente 2 aulas (totalizando 100 minutos, já que a última aula do dia era 10 minutos menor, em virtude da organização da saída da escola).

Diante disso, usei o tempo da aula para aplicar a avaliação trimestral do conteúdo anterior. Como os alunos a realizaram razoavelmente rápido, aproveitei para reforçar o aviso da importância de manter os diários de bordos de Educação Física em dia, com os relatórios individuais das aulas. Também organizei os grupos do Festival Náutico, aos quais foram atribuídas as seguintes responsabilidades:

- Grupo Exposição: Responsável por catalogar o material náutico que seria exposto. Coletar e organizar os diários de bordos dos colegas, confeccionar cartazes sobre as modalidades náuticas estudadas. Arquivar e apresentar imagens e vídeos das aulas para os visitantes.
- Grupo Audiovisual: Responsável por registrar as imagens das aulas em vídeos e fotos, catalogá-las e arquivá-las. Também daria apoio ao grupo do teatro com os recursos audiovisuais que fossem utilizados no auditório.
- Grupo Oficina: Responsável por compartilhar o conhecimento atividades práticas vivenciadas com os estudantes através de oficinas, orientando os colegas na execução das tarefas e garantindo a segurança e a participação de todos.
- Grupo Teatro: Responsável por compor uma apresentação teatral, coreográfica ou artística para os visitantes, com os esportes náuticos como tema.

Após definir os grupos e as tarefas do Festival, orientei os estudantes sobre a realização de um outro trabalho avaliativo²¹, que teria como objetivo investigar a

²¹ Ver Anexo II.

acessibilidade da prática de uma modalidade náutica na região da Grande Vitória para os estudantes de escolas públicas e seus familiares. Divididos em grupos, os alunos deveriam escolher uma das modalidades náuticas estudadas na unidade e pesquisar por escolas e clubes que as ensinassem, seja na internet, nas redes sociais e pessoalmente. Eles deveriam entrar em contato com essas escolas e levantar informações sobre os custos das aulas, dos equipamentos que devem ser adquiridos pelo aluno, custos de deslocamento até o local assim como todo investimento que seria necessário para que estudantes como eles pudessem praticar aquele esporte escolhido. Por fim, deveriam analisar e discutir se aquela atividade era acessível ou não para eles.

4.2.5 Eixo Temático: Esportes Náuticos de impulso por força humana

Aula 7: Esportes Náuticos de impulso por força humana

Data: 05/05/2022

Local: Auditório

Tempo da aula: 55 minutos

Objetivos da aula:

- Conceituar os Esportes Náuticos e diferenciá-los de outras modalidades esportivas aquáticas;
- Apresentar uma possibilidade de classificação e agrupamento das modalidades náuticas por características semelhantes;
- Conceituar e contextualizar os esportes náuticos de impulso por força humana na história e no tempo atual, na dimensão esportiva e de lazer;
- Apresentar as principais modalidades náuticas de impulso por força humana, suas características, equipamentos e espaços e condições climáticas em que são normalmente praticadas.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Conceito de Esportes Náuticos. Características e singularidades das modalidades náuticas, espaços em que são praticadas, a relação com a natureza, os equipamentos utilizados, o risco
----------------	--

	controlado nos esportes náuticos. Classificação dos esportes náuticos quanto ao impulso utilizado para o deslizamento das embarcações.
Segunda parte	Introdução aos Esportes Náuticos de Impulso por Força Humana. Modalidades náuticas que utilizam a força humana: canoagem, remo, caiaque, <i>stand up paddle</i> , <i>surf</i> e pesca esportiva. História das embarcações a remo e sua participação na trajetória das grandes civilizações da humanidade e nos povos originários da América do Sul. As modalidades de impulso por força humana no contexto esportivo e de lazer. A estrutura de um barco a remo e suas principais partes (proa, popa, quilha, remo, <i>cockpit</i> , carrinho, acento, etc).
Terceira parte	Apresentação de vídeos ilustrando a prática do remo, caiaque, <i>stand up paddle</i> , pesca esportiva e <i>surf</i> .

Relatório da intervenção:

A aula deste dia foi realizada no auditório em virtude da disponibilidade do computador e do projetor daquele espaço. Foi uma aula expositiva em que utilizei os recursos audiovisuais para ilustrar o conteúdo que eu apresentava. Elaborei um slide que me ajudaria na apresentação das informações, e incluí ilustrações e fotos das modalidades náuticas de impulso por força humana.

Nesta aula a turma estava muito agitada e precisei parar a explicação por várias vezes para chamar atenção e pedir silêncio. Cheguei a ameaçar a retirar alguns alunos que insistiam em conversar do auditório. A aula também foi interrompida por avisos e informes da pedagoga, e tudo isso tomou um tempo precioso, que implicou na supressão da terceira parte programada, a apresentação de vídeos.

Como o tempo foi escasso e continuaria sendo nas aulas seguintes, combinei com os alunos que eu compartilharia os vídeos das modalidades no grupo de *whatsapp* da turma. No mesmo dia encaminhei os vídeos, que estavam postados no Youtube para o grupo e solicitei aos alunos que assistissem em casa e trouxessem dúvidas, comentários e curiosidades sobre eles para as aulas seguintes.

Figura 5 - Aula expositiva "Esportes Náuticos de impulso por força humana"



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Aula 8: Simulação de Caiaque e *Stand Up Paddle*

Data: 05/05/2022

Local: Quadra

Tempo da aula: 45 minutos

Objetivos da aula:

- Vivenciar através de uma simulação o movimento corporal usado para remar num caiaque e no *stand up paddle*, utilizando um skate com um cabo de vassoura adaptado;
- Possibilitar a experiência corporal do deslizamento coordenando movimentos de membros superiores com o manuseio do equipamento e manutenção do equilíbrio;
- Estimular a percepção espacial e a consciência corporal introduzindo a técnica da remada e a manutenção do rumo.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Apresentação da atividade de simulação do <i>Stand Up Paddle</i> e do Caiaque. Orientação sobre o circuito a ser percorrido e sobre a forma mais segura de executar os movimentos sobre o skate. Organização das filas para experimentação e formação das duplas para apoio ao colega.
----------------	--

Segunda parte	Experimentação da simulação de movimento do caiaque e do <i>Stand Up Paddle</i> .
Terceira parte	Roda de conversa com a percepção dos alunos sobre a atividade. Desafios, dificuldades e possibilidades identificados por eles.
Quarta parte	Livre experimentação e brincadeira com os skates e patins.

Figura 6 – Aula “Esportes Náuticos de impulso por força humana”



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Relatório da intervenção

Eu estava bastante ansioso para este momento da aula. Muitas vezes, eu ouvia das pessoas a pergunta: “como trabalhar esportes náuticos na escola sem piscina e sem água?” Esta aula representava um experimento que poderia responder a essa questão. Inspirada no trabalho e no relato de experiência de Jayme Vieira e Artur Carvalho (2019), que trabalharam canoagem, *surf* e outras práticas corporais de aventura com materiais adaptados e simulação de movimentos, a atividade proposta permitiu que os alunos, sentados sobre um *skate*, remassem com um cabo de vassoura adaptado com um pedaço de borracha na ponta, simulando o movimento de impulso no caiaque e no *stand up paddle*.

Semanas antes eu havia solicitado aos alunos que levassem seus *skates* para a escola nesta data. No ano anterior já tínhamos trabalhado o *skate* dentro das práticas corporais de aventura e sabia que muitos deles possuíam este equipamento. Tive de usar algumas das minhas manhãs para ir à escola e testar algumas possibilidades de

confeccionar os remos. Usando os cabos de vassoura disponíveis na escola, comprei um pacote com ataduras e enrolei duas faixas nas pontas e preendi com uma fita adesiva. Analisei se eles concediam alguma estabilidade quando em contato com o chão da quadra e verifiquei que não, as ataduras saíam com facilidade. O teste seguinte foi com *silver tape*. Enrolei alguns pedaços da fita sobre as ataduras e novamente experimentei a aderência ao chão da quadra. Ainda não estava adequado e o atrito danificava a *silver tape*.

Precisei retornar à escola em outra manhã, agora com a ideia de enrolar um pedaço de câmara de ar de pneu de bicicleta na ponta dos cabos de vassoura. Consegui as câmaras de ar de forma gratuita em uma oficina de bicicleta. Amarrei as câmaras de ar sobre as pontas dos cabos, que já estavam cobertas pelas ataduras e pela *silver tape* e novamente fiz o teste no chão da quadra. Dessa vez a aderência e a estabilidade foram perfeitas. Assim, confeccionei cerca de 5 remos, que seriam revezados pelos estudantes.

Figura 7 – Confeção do remo de cabo de vassoura



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Para o dia da atividade também tentei construir um circuito formado por cones interligados por uma fita de tecido, que representavam um caminho a ser percorrido pelos alunos na condução do “*Stand Up*” e do “*Caiaque*”. A técnica a ser desenvolvida por eles para cada uma da simulação era bem simples: para o caiaque era necessário sentar-se sobre o *skate* e cruzar as pernas. O impulso seria dado com o apoio do “remo” no chão, alternando os lados. Seria necessária uma certa força para apoiar o cabo de vassoura no chão e empurrar-se para frente. No caso do “*Stand Up*”, o movimento seria utilizado em pé sobre o *skate*, e o apoio do cabo de vassoura no chão se daria de um único lado.

Na organização desta atividade tive uma dificuldade com a coordenação da escola que alegava que eu deveria pedir autorização da direção da escola para o uso do skate na minha aula, pois era um equipamento muito perigoso. Situação parecida já havia acontecido no ano anterior, e eu já estava um tanto que precavido quanto a esse tipo de reação da gestão. Assim como em 2021, argumentei para uma das coordenadoras que o *skate* era conteúdo da Educação Física escolar, figurando tanto na BNCC como nas Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental de Vitória e que eu não precisava de autorização para utilizá-lo nas minhas aulas.

Além disso, o *skate* não era mais nem menos perigoso do que qualquer atividade prática da Educação Física, e lembrei à coordenadora que é normal os estudantes se machucarem durante as aulas de Educação Física, e era justamente por isso que eu estava sempre preparado com um kit de primeiros socorros na minha mochila. Por acaso, na mesma semana em que tive essa conversa com a coordenadora um aluno do sexto ano havia se machucado durante uma aula minha, numa brincadeira simples de correr e precisou ser encaminhado para atendimento médico – fiz questão de recordar esse acontecimento para a coordenadora.

A coordenadora provavelmente se sentiu intimidada e não foi convencida pelas minhas respostas, mesmo eu lhe encaminhando trechos da BNCC e das Diretrizes Curriculares do município onde o *skate* era citado como conteúdo da minha disciplina. Ela logo passou o caso para a diretora, que por me conhecer e saber que eu não cederia, lhe respondeu que “se a aula era minha, eu era responsável por tudo que acontecia nela e a coordenação não precisaria se preocupar”. A coordenadora reproduziu essa resposta para mim, o que me causou um certo espanto. Com esse discurso, a gestão da escola basicamente se omitia de qualquer problema que acontecesse com os alunos nas minhas aulas e me responsabilizaria por absolutamente tudo que acontecesse com os alunos, já que eu estava insistindo em dar uma aula que representava um risco para eles.

Apesar de ficar bastante assustado com esse posicionamento da gestão da escola, eu tinha conseguido vencer o obstáculo para o uso do skate, e para evitar maiores atritos que pudessem prejudicar minhas atividades na pesquisa eu não debati, e segui com o planejamento da minha aula.

Os desafios que enfrentei, tanto na organização da aula quanto na resistência da escola com o uso do *skate* não foram inéditos se pensarmos num contexto mais

amplo do tratamento das práticas corporais de aventura na escola. Inácio et.al. (2020) investigaram o contexto de abordagem desse tema em escolas públicas da região de Goiânia e verificaram que as dificuldades de conduzir uma aula sozinho, a falta de materiais adequados e insegurança em relação aos riscos foram apontamentos comuns da maior parte dos professores, quando questionados sobre os desafios de abordar esse conteúdo em sua realidade escolar.

Na minha experiência, o conflito que surgiu com a insegurança da gestão da escola sobre o uso do *skate* foi o mais marcante, pois representou um empecilho que quase inviabilizou a atividade. Vera Lúcia Costa (2000) defende um lado oposto àquele da gestão da escola, acreditando que o risco nas práticas de aventura pode ser salutar e desenvolver habilidades no indivíduo, pois a partir do seu reconhecimento e das ações executadas para calculá-lo e reduzi-lo pode-se aprender a viver e sobreviver melhor no mundo. No sentido das observações da autora, avalio que aulas que conseguem abordar a riqueza de sensações, emoções e percepções dos alunos, colocando-os em um risco controlado, simulado e simbólico (palavra usada por essa autora, e que me soa bastante pertinente) trazem vivências muito ricas e aprendizados valiosos para os estudantes, algo que certamente compete à Educação Física escolar e à sua ação na dimensão do corpo, do movimento e das sensibilidades.

Antônio Severino *et.al.* (2016) analisam a perspectiva da Educação Física e em especial das práticas corporais de aventura na BNCC e concluem que a diretriz curricular defende a abordagem desse conteúdo na escola e da importância de se tematizar, nas aulas, os riscos que lhes são inerentes, assim como as formas de preveni-los. Para os autores é imprescindível, quando debatemos as PCAs, que identifiquemos os perigos para controlar o risco e realizar a atividade de forma segura. Desta forma cabe ao professor de Educação Física pensar e construir estratégias para que isso aconteça sem danos. Os autores salientam que para isso o professor precisa conhecer as normas de segurança e as técnicas dos movimentos, algo que eles reconhecem ser uma grande dificuldade para a maior parte dos docentes, representando um obstáculo para esse tipo de trabalho na escola.

No que diz respeito à essa aula com o *skate*, eu já tinha experiências pessoais e pedagógicas tanto com o *skate* como com o caiaque e o *stand up paddle*, e pensei em estratégias para controlar o risco da atividade. O local da prática, era um deles: a

quadra, com sua superfície lisa era o mais adequado para a atividade. Outra estratégia foi a sinalização de um percurso, fazendo um corredor de cones ligados por uma fita, marcando o trajeto de ida e volta. Uma terceira iniciativa foi uma conversa inicial com os alunos, com demonstração das ações de segurança que deveríamos tomar como por exemplo executar o movimento de forma lenta e cautelosa, mesmo quando o aluno já tinha experiência com o *skate*. E por fim, orientei que a atividade seria realizada em dupla, onde um realizaria os movimentos no *skate* e o outro acompanharia auxiliando, e assim revezando.

Essa intervenção aconteceu na última aula da quinta-feira. Os alunos tinham levado cerca de 9 *skates* e um patins. Depois das orientações iniciais, organizei os estudantes em filas e eles começaram a passear pela quadra experimentando os movimentos. A aula aconteceu sem qualquer incidente. A maioria dos alunos se divertiram bastante, em particular os estudantes da educação especial, que ficaram extremamente felizes em conseguir realizar os movimentos e se deslocar pela quadra. Alguns estudantes, mais inseguros não quiseram remar e preferiram apenas auxiliar os colegas que estavam remando.

A atividade transcorreu em poucos minutos e assim que os alunos experimentavam os movimentos, ficavam dispersos e mais interessados em andar de *skate* no modo “tradicional”. Depois que todos haviam experimentado o “caiaque” e o “*stand up paddle*” fizemos um passeio livre de *skate* até o final da aula.

Aula 9: Visita à UFES para vivência do caiaque e do *stand up paddle*

Data: 06/05/2022

Local: Piscina do Centro de Educação Física e Desportos da UFES

Tempo da aula: 4 horas

Objetivos da aula:

- Experimentar corporalmente as modalidades náuticas de *Stand Up Paddle* e Caiaque no ambiente controlado da piscina;
- Refletir sobre as potencialidades, desafios e questões que emergem do contato do corpo com a água, em especial no momento de lazer e prática desportiva;
- Identificar as emoções, sensações, percepções de cada estudante sobre o estar em contato com a água vivenciando esportes náuticos;

- Conhecer os equipamentos, as normas de segurança e as condutas requeridas para a experiência dos esportes náuticos.

Desenvolvimento da aula

Primeira parte	Preparação da saída, conferência dos estudantes presentes e das autorizações de saída assinadas pelos familiares. Orientações gerais de segurança e combinados a serem adotados durante o passeio, para evitar dispersões, acidentes e atrasos. Deslocamento de ônibus até a UFES.
Segunda parte	Chegada a UFES. Conversa inicial com os estudantes sobre as modalidades que seriam vivenciadas no dia (caiaque e <i>stand up paddle</i>). Apresentação dos parceiros da pesquisa e dos equipamentos a serem utilizados. Orientações sobre uso adequado do equipamento e conduta de segurança na água. Vivência das modalidades na piscina olímpica.
Terceira parte	Brincadeira livre na piscina semiolímpica. Lanche.
Quarta parte	Banho e troca de roupa. Retorno à escola.

Relatório da intervenção

A visita à UFES era uma das atividades mais aguardadas pelos estudantes do oitavo ano. Desde que a pesquisa foi proposta à turma, a pergunta que não se calava era o dia da piscina. A segunda saída pedagógica da unidade de Esportes Náuticos seria uma experiência única para os estudantes, sobretudo dentro da disciplina de Educação Física, já que eles jamais tiveram aulas de Educação Física em uma piscina. Isso seria inédito e a ansiedade pela chegada do dia 6 de maio era grande.

A organização desta intervenção começou com pelo menos seis meses de antecedência. Primeiro, procurei as parcerias que pudessem me emprestar algum equipamento náutico para uma atividade na piscina. O primeiro contato que fiz foi com a Secretaria de Esportes da Prefeitura de Vitória, no final de 2021. Enviei um par de e-mails para a secretaria, que respondeu se colocando à disposição para me ajudar no que fosse necessário quando a data da atividade estivesse mais próxima.

Já em 2022, durante uma conversa, a diretora da minha escola me informou ser amiga pessoal de um servidor da Secretaria de Esportes e me passou seu telefone para que eu tentasse agilizar a organização da atividade com um contato mais pessoal. Liguei para este servidor, que ouviu sobre o meu projeto e ficou bastante animado. Este por sua vez me passou o contato de uma outra pessoa, responsável por alguns dos eventos organizados pela Secretaria e que poderia ter o equipamento que eu precisava. Entrei em contato com essa pessoa através do *WhatsApp* e também lhe apresentei meu projeto e minhas ideias, mas não fui respondido em nenhuma das minhas tentativas de contato.

Inconformado com isso e impaciente, decidi conquistar outras parcerias. Através da rede social Instagram abordei a escola de vela Vix Náutica, e mais uma vez me apresentei e falei da minha pesquisa e do que eu estava tentando construir. Perguntei à velejadora se ela conhecia alguém que pudesse me ajudar a concretizar uma aula de vivência de esportes náuticos para meus alunos. Para minha felicidade, sua proprietária, a velejadora Cartiane Martins me respondeu de forma bastante atenciosa e com muita disposição em colaborar. Ela me passou o contato do Carlos Augusto, proprietário da agência de turismo de aventura Alma Nativa²², recém-inaugurada e o descreveu como um sujeito visionário, idealista e cheio de sonhos, que tinha em suas iniciativas um propósito social muito forte.

Liguei para o Carlos e novamente me apresentei e falei da minha pesquisa. Carlos foi extremamente gentil e atencioso e ficou muito animado com as minhas ideias. Conversamos por horas sobre nossas trajetórias e projetos e dali surgiu a parceria que concretizou a aula na piscina. Carlos se comprometeu a emprestar os caiaques, os remos e coletes salva-vidas necessários para realização da atividade na piscina e a estar presente no dia da aula para ajudar a organizá-la.

Já a Vix Náutica ofereceu duas pranchas infláveis de *stand up paddle*, os remos e os coletes salva-vidas. Sua proprietária se dispôs a levar o equipamento no dia da atividade e estar presente para me auxiliar. Todo o material náutico que eu havia conseguido não resultou em nenhum custo para mim nem para a escola, nem para os estudantes. A única despesa que eu teria seria do transporte dos caiaques até a

²² Fui autorizado pelos dois parceiros da pesquisa a citar seus nomes e os nomes de suas empresas neste texto.

piscina da UFES, pois a Alma Nativa ainda não dispunha de recursos próprios para transportar os caiaques.

Enquanto eu conduzia as tratativas com as duas empresas parceiras também tentava a reserva do espaço da piscina do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade da UFES com a ajuda da minha orientadora, Professora Ana Carolina Rigoni²³. Paralelamente, acompanhava na escola o fretamento do ônibus que levaria os estudantes até a piscina, assim como providenciava os bilhetes para casa com o pedido de autorização de saída dos estudantes.

Na semana prevista para a aula externa chegou uma frente fria no Espírito Santo e a previsão indicava uma condição de tempo bastante desanimadora para o dia 6, com queda na temperatura e possibilidades de chuva. Preocupado com isso preparei os estudantes sobre a chance de adiamento ou cancelamento da atividade. Evidentemente, a turma não lidou bem com essa informação e os alunos sustentaram que iriam para a piscina de qualquer jeito, fizesse sol ou chuva. Aproveitei essa conversa, que se deu no nosso grupo de *WhatsApp*, para lembrar de um dos assuntos abordados em uma das nossas aulas: que a prática dos esportes náuticos, assim como de outras atividades na natureza estão sempre suscetíveis às mudanças e condições climáticas e que por vezes remar, velejar, surfar ou pescar não é possível quando as forças da natureza não permitem. Por sorte, o dia 6 amanheceu frio e nublado, mas sem chuva. Com isso a atividade foi mantida, para a felicidade de todos os envolvidos.

Às 13 horas os alunos estavam reunidos na escola, vestidos com chapéus, óculos de sol, saídas de praia e chinelos. Mais uma vez o grupo do oitavo ano chamou atenção dos demais alunos da escola e novamente ouvi comentários enciumados de estudantes de outras turmas minhas, e de alguns alunos para os quais eu nem dava aula, dizendo que não viam a hora de terem aula comigo “porque eu sempre fazia coisas legais”. Eu ficava muito feliz em ouvir comentários como esse, pois sentia que estava realmente realizando algo importante para os alunos e para a escola.

Também os alunos do oitavo ano reconheciam e valorizavam minhas iniciativas e muitos deles faziam elogios a mim e às nossas aulas. A relação com a turma melhorou significativamente desde o início das intervenções da pesquisa. Isso foi

²³ Agradeço a professora Paula Cristina da Costa Silva que cedeu sua reserva da piscina para a realização dessa atividade.

sentido principalmente com os dois meninos com os quais eu tinha um histórico de tensionamento. Guilherme, que tinha o hábito de rivalizar comigo já demonstrava um comportamento mais respeitoso, colaborativo e parceiro. Já o Alberto, que era um tanto distante e mal-educado comigo passou a me dirigir a palavra mais vezes, demonstrando um comportamento mais ameno e bem menos arrogante.

Depois de uma conversa inicial com os estudantes, orientações gerais e conferência das autorizações de saída, entramos no ônibus em direção à UFES. A pedagoga responsável pelos anos finais e a mãe de uma das alunas, que era integrante da Educação Especial nos acompanhou no passeio. Ao chegarmos, fizemos um breve passeio pelo campus, onde aproveitamos para conhecer algumas das instalações do CEFD, como a sala de Ginástica Artística e o Parque de Aventura.

Iniciamos a vivência na piscina com um pouco de atraso, mas tivemos tempo o suficiente para que todos os estudantes pudessem desfrutar das duas modalidades com tempo de sobra. Antes disso, eles foram apresentados aos parceiros da pesquisa e aos equipamentos que seriam utilizados. Receberam instruções de manuseio do remo e as orientações de segurança, como uso do colete de salva-vidas e a recomendação de que não nadassem na piscina olímpica, somente na piscina menor, que era mais rasa.

A vivência da atividade transcorreu de modo muito tranquilo, divertido e agradável. Todos os estudantes participaram, sem nenhum incidente grave. Às vezes, apenas alguns sustos por tombos na água com o *stand up paddle*. Nestes casos eu socorri as alunas e as ajudei a subir nas pranchas, e elas continuaram a remar. Alguns alunos, depois de desfrutar do caiaque e do *stand up* quiseram nadar e brincar na piscina menor. Outros ficaram extremamente entretidos pelo caiaque e pelo *stand up* e não abandonaram o barco ou a prancha até o final da tarde.

Em certo momento, quando eu vi a piscina cheia de caiaques e pranchas e meus alunos ali, envolvidos, entretidos e interessados eu tive uma espécie de choque de realidade, eu estava extremamente feliz e ao mesmo que um pouco incrédulo que eu tinha conseguido fazer aquilo tudo acontecer.

Figura 7 - Visita à piscina da UFES



Fonte: Fernanda Perini Santos/ Agência Alma Nativa/ Assessoria de Comunicação da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Vitória.

Apesar da tranquilidade com que tudo ocorreu, percebi que cometi falhas na gestão de risco na piscina. Orientações que foram dadas, como o pedido de não permanecer de pé sobre a prancha de *stand up* nas proximidades da borda na piscina não foram seguidas por todos os alunos. Pelas minhas dificuldades, junto da equipe que estava envolvida, de fiscalizar tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo, situações como essas foram presenciadas, mas com sorte, sem incidentes. Acredito também que foi difícil para os estudantes se lembrarem de tantas orientações e recomendações. A animação, a vontade de experimentar e de aproveitar o dia ao máximo os deixou ansiosos e com isso, esquecidos de algumas coisas importantes.

Todavia, reconhecer essas falhas me deixa seguro o suficiente para, em oportunidades futuras, estar mais atento e evita-las a todo custo. Isso me leva a refletir sobre o quanto nós professores aprendemos com o exercício diário, com os nossos erros e acertos na docência. Paulo Freire (2002) discorre que a capacidade de um

professor de ensinar advém da sua capacidade de aprender. Desse modo, o professor aprende ao ensinar e o estudante ensina ao aprender.

Nesta mesma direção, Tardif e Gauthier (1996, citados por CUNHA, 2007) chamam de "saberes *da* experiência" o conjunto de saberes adquiridos pelos docentes no cotidiano da prática profissional, de modo geral e "saberes *de* experiência" aqueles adquiridos numa perspectiva mais individual, sob a perspectiva de vida de cada um, não necessariamente vinculados à prática profissional. Quando analiso essa intervenção, em particular, percebo que precisei mobilizar meus saberes de experiência, a partir da minha prática pessoal de nataçã, caiaque e *stand up paddle* para assim orientar, guiar, corrigir e prevenir acidentes com os estudantes. Por outro lado, a aula em si me possibilitou construir "saberes da experiência" docente, uma vez que desde seu planejamento, da organização da saída, dos equívocos e dos acertos que eu identifiquei ao olhar de forma mais crítica para seus resultados pude aprender e pensar em novas e melhores formas de fazer e ensinar.

Claramente, o aprendizado advindo da prática demanda um exercício de refletir e revisar criticamente sobre ela. Tardif et.al. (1991, citados por CUNHA, 2007) confirmam este ponto ao afirmar que, uma vez que os saberes da experiência são a condensação de outros saberes construídos em outros âmbitos da vida docente, acabam por se converter em convicções que o professor passa a ter, representando um arcabouço de experiências que somam e aperfeiçoam conhecimento à sua formação anterior ou continuada. Percebo, no entanto, que no cotidiano da escola nem sempre temos condições de refletir sobre nossa atuação e com isso perdemos oportunidades valiosas de aprender com o fazer.

Enquanto eu estava na piscina, coordenando tudo, e mais tarde, quando passei a registrar minhas observações no meu caderno de campo, lembrando do que havia se passado, pensando nos acertos e naquilo que eu podia ter feito melhor eu sinto que "cresci" e ampliei minhas experiências como professor. Um processo formativo aconteceu e acredito que se eu repetisse aquela aula, faria algo ainda melhor e com menos deslizes.

Mas como dito anteriormente, a vivência na piscina foi bastante positiva e muito bem-sucedida. Também tivemos um certo nível de sorte pois a tarde passou sem chuvas, mas com uma temperatura bem mais baixa que o normal e sem sol. Tudo foi acompanhado pelo jornalista da assessoria de comunicação da Secretaria de

Educação que entrevistou a mim e a dois estudantes e posteriormente redigiu uma matéria sobre a aula diferenciada que tivemos.

Finalizamos o dia com uma foto emblemática da turma sobre as pranchas (ver **Figura 8**) e à beira da piscina que foi capa da matéria²⁴ publicada pelo site da Prefeitura de Vitória e pela lista de e-mails da Secretaria Municipal de Educação (ver também Anexo III). Retornamos à escola às 17h30, ainda muito animados e empolgados, fazendo uma algazarra dentro do ônibus.

Figura 8 - Visita à piscina da UFES



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

²⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Aula de vivência em esportes náuticos para estudantes de EmeF em São Cristóvão**. 09/05/2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3xrPV11>>. Acesso em 13 jun. 2022.

Durante o retorno pude ouvir comentários dos estudantes compartilhando sua experiência com os colegas e mandando mensagem de áudio para familiares com o celular, contando detalhes da aula. Todos tinham muitas histórias para contar e todas elas eram muito agradáveis e divertidas. O clima de descontração, leveza e alegria propiciou o fortalecimento de laços de amizade entre a turma, e isso ficou bastante nítido nesse momento.

Ao fim deste dia fui tomado por um sentimento de profunda realização e sucesso pelos obstáculos superados. Percebendo a reação dos estudantes e seu estado de humor, senti que os esforços tinham valido a pena e percebi que aquele dia marcaria a vida daqueles jovens para sempre.

Aula 10: Pesca Esportiva

Data: 12/05/2022

Local: Pátio da escola

Tempo da aula: 55 minutos

Objetivos da aula

- Contextualizar a pesca como um esporte náutico de impulso por força humana onde a embarcação não é utilizada para o deslizamento;
- Adaptar a pesca esportiva para o contexto e espaço da escola;
- Propor um jogo que simule os movimentos, o cenário e os equipamentos da pesca esportiva;
- Desenvolver alguns dos princípios da pesca esportiva, como a pontuação dos peixes por raridade e tamanho;
- Problematicar a pesca esportiva sob a ótica do impacto ambiental e do dano ao animal e ao oceano.

Desenvolvimento da aula

Primeira parte	Avaliação do grupo sobre a aula de campo na UFES. Percepções, sensações, impressões sobre as atividades realizadas no dia. Reforço da importância de registrar as aulas no diário de bordo individual. Revisão da pesca esportiva como um esporte náutico de impulso pela força humana, em virtude da disputa existente
----------------	---

	entre o pescador e o peixe. Apresentação da atividade do dia, orientações e regra do jogo da pescaria.
Segunda parte	Vivência da atividade de pescaria no pátio da escola.
Terceira parte	Avaliação da atividade pelo grupo.

Relatório da intervenção:

Esta foi mais uma aula que exigiu de mim uma certa dose de criatividade e invenção. Inicialmente pensei em simular uma pescaria com água e argolas utilizadas na iniciação na natação, em uma piscina infantil ou tanque. Avaliando melhor, pensei que seria inviável encher uma piscina e mantê-la intacta em algum espaço da escola. Seria difícil manter outros alunos afastados da piscina sem que alguém ficasse, o tempo todo na vigília, portanto essa ideia foi descartada. Pensei, então, em construir um tanque de areia, mas conseguir e transportar a areia até a escola e depois retirá-la de lá também seria algo difícil de fazer sozinho e sem carro.

Indeciso, conversei com uma colega, professora de Artes, quem sempre tinha ideias bastante criativas para suas aulas. Disse a ela que eu pensava em imprimir os peixes em folhas que seriam posteriormente plastificadas, mas que não sabia como fazer para sustentá-los em pé. Ela me sugeriu utilizar livros cobertos com um TNT azul como apoio para as folhas dos peixes e essa ideia me pareceu fantástica. Já as varas de pescar que seriam utilizadas eram as mesmas das festas juninas da escola. Precisei adaptar algumas com um anzol, mas não tive muito desgaste em providenciá-las. As que a escola dispunha atenderiam facilmente à proposta da aula.

Na semana da atividade produzi as folhas com ilustrações dos peixes utilizando o aplicativo Canva. Fiz uma pesquisa para identificar os peixes mais valiosos para a pesca esportiva e a estes atribuí uma pontuação alta, entre 20 e 30 pontos. Para os peixes menos valiosos estabeleci uma margem entre 5 e 10 pontos. Imprimi os peixes e plastifiquei as folhas utilizando os envelopes e a máquina disponível na secretaria da escola. Nessa ocasião a diretora me chamou a atenção porque que não gostou de me ver utilizando tantos envelopes plásticos para a realização da atividade.

No dia seguinte, data em que a atividade seria realizada, fui mais cedo à escola para preparar o local onde a pescaria aconteceria. Escolhi um corredor ao lado do pátio, que oferecia uma certa separação e os alunos poderiam ficar numa distância

do peixe, simulando a divisão entre a embarcação e a água. Tive o trabalho de carregar uma porção de livros que estavam inutilizados do auditório até o pátio, sozinho, e montar todo o cenário. Só depois que eu havia trazido os livros e colocado o TNT azul sobre eles é que percebi que naquele corredor onde eu estava montando a atividade ventava bastante e o vento certamente atrapalharia o jogo. A hora já estava avançada e eu não tinha tempo para mudar o local da pescaria. Posicionei os peixes entre os livros e preguei, sobre cada uma das folhas presilhas do tipo clipe. Seriam as hastes das presilhas que deveriam ser fisgadas pelo anzol para “pescar o peixe”.

A montagem do jogo de pesca terminou no instante exato em que a aula começaria. No entanto, a atividade só seria realizada na segunda aula. Tive que torcer para que, durante esse período, nenhum curioso mexesse e atrapalhasse tudo que eu havia organizado. Felizmente isso não aconteceu e na segunda aula levei a turma do 8ºC para o pátio e lhes apresentei nosso jogo de pesca esportiva. Um aluno ficou responsável por anotar os pontos dos colegas e combinamos que faríamos algumas rodadas, pois não havia varas de pescar nem espaço para todos.

Tive o receio de que a atividade não cativasse os alunos, por parecer infantil ou pouco desafiadora, mas me surpreendi. Os alunos mais proativos da sala tomaram a frente e foram os primeiros a jogar, ficando bastante motivados e interessados no jogo, disputando os peixes de maior valor e comemorando quando conseguiam os peixes mais raros. Alguns simulavam tirar fotos com os peixes, assim como é frequente entre os pescadores profissionais.

Figura 9 - Jogo da Pesca Esportiva



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

O vento atrapalhou a atividade e retirava os peixes do lugar com frequência, de modo que eu precisava ficar o tempo todo recolocando-os. Já a fígada do peixe foi mais desafiadora do que eu previa que fosse. Não era fácil conseguir puxar as folhas com as presilhas e isso prendeu a atenção dos alunos num primeiro momento. Entretanto, depois que o primeiro grupo pescou peixes suficientes, esse logo se dispersou e outro tomou o seu lugar. Este segundo grupo era composto por meninas mais tímidas, que permaneciam sempre quietas e que raramente tomavam a iniciativa. Geralmente essas alunas realizavam as tarefas das aulas (principalmente dos conteúdos esportivos) um tanto constrangidas, seguidas de comentários e sempre buscavam justificar o fato de suas habilidades corporais não corresponderem às suas expectativas com frases como “Não sou muito boa nisso” ou “Sou horrível”. Nesta atividade, porém, quando começaram a jogar, se apaixonaram pela brincadeira e ficaram totalmente envolvidas pelo jogo, criando seu próprio sistema de pesca e elaborando uma técnica especial para fígada o peixe.

Figura 10 – Jogo da Pesca Esportiva



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Percebi que enquanto esse grupo de alunas realizava a atividade, os outros alunos se dispersavam e perdiam interesse pela aula. Fiquei um tanto incomodado com isso, mas pensei que naquele momento era mais importante que aquelas alunas tomassem conta da aula. Eu percebi que a aula era principalmente para elas. E nessa hora, sabendo que uma delas já estava liderando a pontuação da pescaria, anunciei à turma que quem vencesse o jogo ganharia um chocolate.

Neste momento, a aluna que liderava o jogo, a Kelly, chegou a me dizer: “Professor, você é o melhor professor de Educação Física que eu já tive. Os outros só nos deixavam na quadra. Olha as coisas que você faz! Você é muito criativo!”. Eu lhe agradei o elogio e falei que as aulas que eu dava eram aulas que eu gostaria de ter, e que eu tinha ganhado meu dia por saber que minhas aulas eram as melhores que ela já teve. No final do jogo, essa aluna foi a vencedora, atingindo uma pontuação muito alta, que ninguém conseguiu se aproximar.

Diante das experiências dessa intervenção, eu concluí que, mesmo que as nossas aulas sejam para todos os alunos, elas sempre tocam mais alguns do que outros, produzindo sentidos diversos. Naquele dia, aquela atividade foi protagonizada por aquelas alunas. Elas se sentiram incluídas e valorizadas na aula, se sentiram habilidosas e competentes, elas criaram seu jogo e sua estratégia e se orgulharam disso. Eu não me importei que os demais alunos não tivessem demonstrado engajamento parecido, pois esse aprendizado que eu tive me levou a considerar que aula havia atingido seus objetivos e valido a pena.

Minhas observações a respeito dessa intervenção dialogam com as análises de Rogério Oliveira (2010), ao perguntar-se e discorrer sobre a quem se destinam as aprendizagens nas aulas de Educação Física. O autor é conclusivo ao afirmar que o conhecimento da cultura corporal está disponível para todos, sem distinção, independentemente de qualquer barreira ou limitação, qualquer diferença corporal e experiência prévia dos alunos com atividades físicas e esportivas. Por isso, a aprendizagem em Educação Física deve ser propiciada em igualdade de oportunidades para todos os estudantes.

Para Oliveira (2010, p.92), compreender a Educação Física escolar sob uma perspectiva cultural é um caminho para construir possibilidades pedagógicas para incluir a todos e todas nas aulas, diferentes de outras perspectivas que tomam as habilidades esportivas como centralidade. O pesquisador considera que a partir dessa

perspectiva “é possível pensar que os ditos ‘inaptos’ ou os que ‘não levam jeito’ em uma aula de EF são, na verdade, diferentes. Sujeitos com diferentes experiências de vida e que trazem consigo limites e possibilidades de se servirem de seus corpos”.

Para além disso, olhar a atividade da pescaria sob essa ótica me permite considerar que o tema das práticas corporais de aventura tem grande potencial para propiciar aulas inclusivas e diversificadas a estudantes com diferentes experiências e habilidades corporais. Paixão (2017) concorda com esses apontamentos, reforçando que os denominados por ele de “esportes de aventura” são temas diversificados que não seguem os ditames excludentes da aptidão física nem os elementos performáticos de práticas tradicionais como futsal, basquetebol e vôlei, e que acrescentam fortes aspectos motivacionais e desafiadores para os estudantes numa aula de Educação Física. De acordo com ele,

"o tempo e o espaço de prática são comuns a todos, independentemente do seu nível de aptidão física, já que este critério não é um elemento que orienta prioritariamente essas práticas. Consequentemente, potencializa-se a aquisição pelos participantes de um ambiente de convívio harmonioso, entre as pessoas de diferentes sexos e idade, tornando-se, portanto, uma relação intergeracional. (PAIXÃO, 2017, p.173)"

Lamentavelmente não consegui incluir no tempo dedicado a essa intervenção o debate planejado sobre as questões ambientais associadas à prática da pesca esportiva. Eu gostaria de ter problematizado com os estudantes a violência que está por trás de se retirar um animal, à força, do seu meio, usar de artimanhas e mecanismos para atraí-lo e feri-lo, num ato justificado pela prática esportiva. Será que devolver o peixe à água é suficiente para dizermos que a pesca esportiva não traz impacto ambiental? Além desses, quais outros impactos são provocados pela atividade ao meio ambiente? Eram perguntas que poderíamos ter feito. Inicialmente, o projeto elaborado antes da reforma curricular reservava momentos específicos para essa discussão, no entanto, pelas razões já expostas, essas aulas foram adaptadas à realidade escolar naquele ano.

Assim, acabei priorizando a experiência do jogo e valorizando o interesse e participação das alunas na atividade. Com isso abri mão de trabalhar esse tema de modo mais aprofundado. Entretanto, avalio que abordar essas questões é bastante relevante em ações pedagógicas como essa, e pode estimular a criticidade e instigar outras reflexões, como a relação da pesca esportiva e a pesca de subsistência com a

cidade, as similaridades e diferenças entre as duas, desde o aspecto técnico, tecnológico e social, além do impacto social, ambiental e econômico de ambas.

4.2.6 Eixo Temático: Esportes Náuticos de impulso por força do vento

Aula 11: Esportes Náuticos de impulso por força do vento

Data: 12/05/2022

Local: Auditório

Tempo da aula: 55 minutos

Objetivos da aula:

- Conceituar e contextualizar os esportes náuticos de impulso por força do vento na história e no tempo atual, na dimensão esportiva e de lazer;
- Apresentar as principais modalidades náuticas de impulso por força do vento, suas características, equipamentos, espaços e condições climáticas em que são normalmente praticadas;
- Discutir a relação íntima existente entre a prática dos esportes náuticos de impulso pela força do vento com a natureza, o clima e seus fenômenos.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Breve retomada do conceito de Esportes Náuticos e suas classificações. Revisão do que foi aprendido e vivenciado no Eixo Temático anterior e apresentação do Eixo temático atual.
Segunda parte	Introdução aos Esportes Náuticos de Impulso por Força do Vento. Modalidades náuticas que utilizam a força do vento: vela, <i>windsurf</i> , <i>kitesurf</i> e <i>wingfoil</i> . A participação dos esportes à vela na trajetória das grandes civilizações da humanidade: o barco à vela e as Grandes Navegações. As modalidades de impulso por força do vento no contexto esportivo e de lazer. A estrutura de um barco a vela e suas principais partes (proa, popa, quilha, mastro, vela, retranca, leme, bolina, escota, etc.)
Terceira parte	Apresentação de vídeos ilustrando a prática da vela, do <i>windsurf</i> , <i>kitesurf</i> e <i>wingfoil</i> .

Relatório da intervenção:

Nessa aula expositiva utilizei novamente os recursos do auditório (espaço da escola mais adequado para apresentações de slides e vídeos). Mais uma vez illustrei o conteúdo com imagens e vídeos, dessa vez com modalidades como vela, *windsurf*, *wingfoil* e *kitesurf*, praticadas no mar e em lagoas.

Apresentei um slide que sintetizava as informações que eu tinha interesse em abordar e fui discutindo com a turma temas como: a relação dos esportes que usam o vento como força propulsora com a natureza e o clima, espaços em que essas atividades são praticadas, conhecimentos e habilidades que requerem, contextos de prática, partes dos barcos e pranchas à vela, dentre outros assuntos relacionados. Nessa aula senti o grupo mais interessado e participativo do que nas demais.

Figura 11 – Aula “Esportes Náuticos de impulso por força do vento”



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Os alunos demonstravam a apreensão de conceitos, habilidade para associá-los a experiências práticas e uso adequado de algumas terminologias e ficaram admirados com as belas imagens desses esportes, retratados em praias e lugares

paradisíacos. Refleti que tal desenvolvimento da turma fosse resultado das vivências que estávamos acumulando desde o início da unidade didática e pensei ser um avanço muito relevante no conhecimento que estávamos produzindo.

Como de costume, o grupo de alunos responsável pelo registro das aulas fotografou o momento e toda turma acompanhou a exposição e debate sobre o conteúdo fazendo anotações no caderno, que seriam utilizadas para dar forma ao diário de bordo.

Aula 12: Palestra com a velejadora capixaba Cartiane Martins

Data: 19/05/2022

Local: Sala de aula

Tempo da aula: 55 minutos

Objetivos da aula:

- Conhecer, a partir da experiência de outras pessoas, as modalidades de esportes náuticos de impulso por força do vento;
- Discutir as possibilidades de integração dos esportes à vela na vida cotidiana das crianças e jovens de Vitória;
- Discutir os esportes náuticos de impulso pela força do vento a partir da perspectiva esportiva, recreativa e profissional;
- Conhecer a história de pessoas próximas que tiveram sua trajetória de vida marcada pela prática dos esportes náuticos de impulso por força do vento.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Combinados com a turma para recepcionar a velejadora Cartiane Martins. Organização da sala em forma de círculo. Preparação do monitor para apresentar as fotos da convidada. Apresentação da velejadora à turma. Breve relato das experiências da turma até então com os esportes náuticos.
Segunda parte	Exposição da Cartiane Martins sobre sua trajetória pessoal com a vela. Apresentação das fotografias e vídeos da palestrante. Interação com a turma e rodada de perguntas.

Terceira parte	Considerações finais do professor e da convidada. Agradecimento e encerramento.
----------------	---

Relatório da intervenção:

A participação da Cartiane Martins, velejadora e proprietária da Vix Náutica, escola parceira deste projeto de pesquisa estava programada para esta data mesmo antes da unidade didática começar. Entretanto, isso não impediu que alguns contratempos acontecessem e trouxessem alguns desafios para serem resolvidos em cima da hora.

Para que a roda de conversa que estava programada transcorresse sem imprevistos, solicitei a cessão de um horário de aula da professora de Ciências, que colaborou gentilmente. Assim teríamos aproximadamente duas horas para conversarmos sobre a trajetória de Cartiane com a vela. Essa foi uma decisão acertada porque ao chegar, a convidada relatou não ter tido tempo de salvar as fotos e os vídeos que queria apresentar para a turma em um *pendrive*. Ela imaginou que poderia projetar as imagens a partir do seu celular, mas apesar de tentarmos, isso não foi possível com os equipamentos da escola. Deixei a turma aos cuidados de um estagiário, avisei à coordenação que eu precisaria sair da sala por alguns minutos e fomos à sala da diretoria tentar copiar as fotos do celular da convidada para o meu *pendrive*.

Percebi que as coordenadoras ficaram bastante apreensivas com minha ausência da sala de aula por tanto tempo, principalmente tratando-se do oitavo ano, turma alvo de sua maior preocupação em questões de indisciplina. Por estar ciente dos pedidos da Coordenação aos professores de nunca deixar as turmas sozinhas, ser pontual, ser rigoroso com as saídas dos alunos de sala, etc., imaginei que essa situação poderia me dar problemas com a gestão, principalmente porque a coordenadora fez questão de ir até a diretoria saber quanto tempo eu levaria para voltar à sala de aula.

Esforcei-me para não deixar a convidada perceber esse ambiente tenso que nos rodeava e tentei passar tranquilidade para ela. Levamos cerca de 30 minutos até conseguirmos concluir a cópia das imagens e ordená-las para que o monitor que tínhamos na sala pudesse apresentá-las na ordem certa. Quando resolvemos o

problema, retornamos à sala de aula para alívio das coordenadoras e encontramos a turma extremamente impaciente e agitada, com alguns alunos andando pelos corredores. Os estudantes haviam passado praticamente um horário inteiro nos aguardando e por causa disso estavam muito inquietos.

Muitas etapas da roda de conversa com a velejadora tiveram que ser puladas em decorrência do nosso atraso. Comecei apresentando brevemente a Cartiane, que já era conhecida da turma pela sua participação na aula da piscina da UFES, quando emprestou e orientou sobre o uso do equipamento do *Stand Up Paddle*. Dessa vez, entretanto, ela falaria da sua jornada com a vela. Por ter aprendido a velejar num extinto projeto social, Cartiane teve sua vida transformada pelo esporte. Moradora de uma região periférica de Vitória, apaixonou-se pelo universo dos barcos à vela, participou de inúmeras competições no Brasil e no exterior e mais tarde abriu sua escola, que é uma das mais bem-sucedidas de Vitória, recebendo alunos e alunas de toda parte do país, interessados em aprender a velejar.

Figura 12 – Palestra com a velejadora



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Cartiane apresentou diversas fotos à turma: da região da cidade em que cresceu, do seu primeiro barco, das suas viagens, das competições que participou, dentre outras que encantaram os estudantes. A velejadora também explicou a aerodinâmica do barco à vela, mostrando como funcionava o deslizamento do barco pela água usando a força do vento, apresentando os conceitos das direções do vento: de través, de popa, de alheta; de movimentação do barco: orçando e arribando; e da lateralidade do barco: boreste e bombordo.

Ao final da conversa a turma fez perguntas e alguns alunos aproveitaram a presença de Cartiane para coletar informações sobre o trabalho avaliativo que fariam, pesquisando sobre a acessibilidade da prática dos esportes náuticos. Tiramos uma foto para registrar o momento e encerramos o bate-papo no tempo previsto.

Figura 13 – Palestra com a velejadora



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Nesta aula tive problemas com três estudantes que insistiam em conversar durante a explanação da convidada. Depois de serem chamados atenção 3 vezes, tive que solicitar que se retirassem da sala. Essa atitude me deixou extremamente

constrangido com a palestrante, que muitas vezes teve dificuldades de falar por conta da conversa simultânea que esses alunos mantinham. Pedi-lhe desculpas e no fim da aula conversei com os alunos sobre esse comportamento inconveniente que tiveram. A própria Cartiane também quis conversar com eles e lhes disse para levar a escola a sério, pois dali surgiriam oportunidades para a vida deles.

Apesar do mau comportamento dos estudantes eu entendi que se não tivéssemos nos atrasado com o problema das fotos talvez a turma não tivesse se agitado e teríamos conseguido concluir a aula sem muitos transtornos. Por outro lado, tal acontecimento deixou evidente a importância de ter um planejamento cuidadoso do professor, com prevenção de imprevistos, especialmente em momentos que dependemos de recursos tecnológicos e de outras pessoas.

Farias et.al. (2008, p.107) discorrem sobre a importância do planejamento docente avaliando que com ele, o professor espera "prever ações e condições; racionalizar tempo e meios; fugir do imprevisto e da rotina; assegurar unidade, coerência, continuidade e sentido ao nosso trabalho". Porém, os autores complementam que planejar requer flexibilidade, estar aberto a correções e revisões, o que na visão dos autores não é sinônimo de imprevisto, mas sim de não se ater a valores e práticas fixas e imóveis, que podem não estar em sintonia com as exigências do contexto. Desta forma, o planejamento não é um ato neutro e sua elaboração e execução são sempre influenciadas pelos sujeitos envolvidos nesse processo.

Com base nestas questões relacionadas ao planejamento, acredito que fiz bem ao organizar dois horários para a roda de conversa, não me contentando somente com o horário de 55 minutos que eu tinha com a turma. Mas eu deveria ter sido mais insistente com a convidada, e solicitado suas fotos antecipadamente para que eu mesmo as organizasse num slide. Preocupado em não incomodá-la, acabei deixando que ela mesma organizasse essa parte da apresentação, e por conta da sua rotina agitada o imprevisto aconteceu.

Aula 13: Oficina de nós

Data: 19/05/2022

Local: Quadra

Tempo da aula: 55 minutos

Objetivos da aula:

- Conhecer os nós mais utilizados nos veleiros e nas pranchas à vela, bem como sua função na dinâmica do deslizamento do barco sobre a água;
- Reproduzir e confeccionar os nós Lais de Guia, Direito e Oito, com cordas de diferentes materiais e espessuras;
- Pensar em outras possibilidades para uso dos nós náuticos em nosso dia-a-dia.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Apresentação dos nós Oito, Direito e Lais de Guia e sua utilidade na dinâmica do barco e da prancha à vela.
Segunda parte	Organização da turma em duplas, distribuição de cordas por duplas. Demonstração dos três nós a serem aprendidos. Reprodução dos nós pelas duplas.
Terceira parte	Prática dos nós pelas duplas, acompanhamento do professor e auxílio às dúvidas que surgirem.

Relatório da intervenção:

Eu estava um pouco inseguro quanto ao nível do envolvimento dos estudantes nessa aula. Era a última aula do dia, quando a turma frequentemente ficava mais agitada e ansiosa. Além disso, em virtude de termos passado muitas aulas sem irmos para o desejado espaço da quadra, havia uma cobrança dos alunos por atividades mais intensas, dinâmicas e principalmente, com bolas. Apesar da turma estar motivada e interessada no tema que estávamos estudando, eu sempre era questionado sobre quando teríamos conteúdos como Futsal, Basquetebol e Vôlei.

Pensei que uma aula sobre nós náuticos não fosse estimulante ao ponto de suprir essas expectativas da turma, pois seria uma aula a ser realizada sentados no chão, observando, repetindo a técnica dos nós e conversando sobre eles. Porém, assim como na atividade anterior, da pescaria, me surpreendi com uma boa participação da turma e um esforço de colaborar.

George Snyders (1993), filósofo e pesquisador da educação e da pedagogia estudou sobre o saber ensinado e sobre a alegria de aprender na escola. Esse autor

considera que há uma alegria que se constrói nos sujeitos que aprendem, que tomam consciência dos limites e possibilidades do seu universo sociocultural, que realizam um salto quando alcançam respostas aos seus questionamentos. Talvez isso explique o quanto eu me surpreendi com algumas das aulas que realizei com a turma do oitavo ano. Por vezes tive receio que as atividades não fossem instigantes e motivadoras o suficiente para a turma, contudo, comprovando as elucidações do autor verifiquei que mesmo aulas mais tranquilas podem ser estimulantes à curiosidade do saber, especialmente quando essas trazem algo novo, acrescentam ao universo do aluno, suscitam perguntas e desafiam os estudantes.

Naquele dia, a turma estava bastante agitada e precisei chamar atenção para que concentrassem na atividade, se organizassem de forma que eu pudesse separar as duplas, fazer as demonstrações e dar andamento ao que havia sido planejado. Precisei adotar uma postura mais enérgica inicialmente, mas uma vez que a turma entendeu o que seria feito no momento e a sua importância, acabou se dedicando à atividade e aprender os nós me pareceu se transformar num desafio muito instigante, ao ponto de alguns ficarem muito frustrados quando não acertavam os procedimentos.

Para ensinar os nós mobilizei os conhecimentos que eu trazia das minhas experiências pessoais com a vela. Antes da aula pratiquei os três nós para conferir se eu me lembrava corretamente de sua técnica, para ter segurança de que eu conseguiria reproduzi-los e ajudar os alunos a confeccioná-los. Na aula, fiz a demonstração começando pelo nó que eu considerava mais fácil, o Oito. Fizemos sua variação com a corda sem dobrar, e depois com a corda dobrada (oito duplo). Demonstrei de forma bem lenta a realização do nó, pedindo que cada aluno com a corda repetisse o procedimento. Em seguida, repetíamos com o outro aluno da dupla que estava sem a corda e o colega que já tinha feito deveria ajudá-lo. Posteriormente apresentei o nó Direito e finalmente o Lais de Guia, adotando a mesma organização.

Depois que eu já tinha apresentado os três nós, passei em cada dupla orientando, tirando dúvidas e corrigindo eventuais erros. Alguns estudantes começaram a se dispersar. Os mais agitados, claramente entediados, pediam para ir ao banheiro e beber água. Outros usavam as cordas para brincar, pular ou bater nos colegas. Lembrei a turma de que o aprendizado dos nós era importante não só pelo seu valor nos esportes náuticos e nas soluções que eles possibilitavam para a vida

diária, mas também porque deveríamos ensiná-los aos outros alunos no Festival Náutico, que aconteceria alguns dias depois.

Figura 14 – Aula “Oficina de Nós”



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

A maioria dos alunos agitados da turma estavam envolvidos no grupo que ofereceria as oficinas no Festival e eles seriam responsáveis por ensinar os nós aos visitantes. Isso ajudou a trazer os estudantes dispersos para o foco da aula e eles voltaram a se dedicar ao objetivo do dia. No entanto, assim que conseguiam realizar os nós, por uma ou duas vezes, já davam o conteúdo como aprendido e se dispersavam novamente.

Mais uma vez as alunas mais tímidas da turma é que mais se motivaram, e permaneceram tentando acertar os procedimentos até o final da aula. Kelly, a estudante que havia concluído a atividade da pescaria com a maior pontuação, ficou obcecada em acertar os nós, chegando a ficar com raiva de si mesma toda vez que errava. Tentei ajudá-la, explicando passo a passo como deveria proceder com o Lais de Guia, nó que ela sentia mais dificuldade, mas sua impaciência a impedia de se concentrar e acertar.

A aula já tinha acabado, eu já tinha dispensado a turma, mas a aluna ainda insistia em aprender o nó, tentando repetidas vezes, mas cometendo pequenos erros que eram cruciais para sua execução. Duas amigas suas, mais calmas, e que já

tinham conseguido fazer o nó, a chamaram para ir embora, e vendo que ela estava determinada a ir embora somente depois de acertar o Lais de Guia, decidiram ajudá-la. E a ajuda foi muito bem-sucedida, pois foi com a assistência delas que a aluna conseguiu realizar o nó, e só assim se despediu da aula.

Essa situação específica me mostrou o quanto é importante que a produção de conhecimento numa aula seja descentralizada. Por mais que eu explicasse, demonstrasse e orientasse, foi com a ajuda de outras colegas que a estudante em questão conseguiu superar suas dificuldades e acertar na confecção do nó. Acredito que foi acertada a organização que adotei na aula, de forma a favorecer que um grupo aprendesse primeiro e depois repassasse ao outro, isso estimulou a construção colaborativa da aula, atribuindo responsabilidade aos estudantes.

Percebi casos semelhantes acontecendo durante toda a atividade, alunos se ajudando, se orientando e corrigindo uns aos outros. Essa intervenção provocou um tipo de aprendizado que se reforçou através do movimento de ensinar ao outro. Foi a partir da importância de aprender para ensinar o colega que estava sem a corda, ou os colegas que futuramente participariam da oficina no Festival que a aprendizagem aconteceu.

Aula 14 e 15: Construção de barco à vela de brinquedo

Data: 26/05/2022

Local: Sala de artes e Refeitório

Tempo da aula: 110 minutos

Objetivos da aula:

- Reproduzir os elementos dos esportes à vela em uma representação em miniatura;
- Relembrar as partes dos barcos e a aerodinâmica do barco à vela a partir da construção de um veleiro de brinquedo;
- Construir, customizar e personalizar um barco à vela de brinquedo;
- Brincar com a miniatura construída na água, testando sua flutuação e deslocamento com o vento ou sopro.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Distribuição dos materiais (rolhas, tintas, palitos de churrasco, E.V.A., pincéis, etc.) orientações sobre os cuidados com os materiais na sala de Artes, manutenção da limpeza da sala e organização. Instruções sobre as etapas de construção do barco de brinquedo: montagem do barco, personalização criativa e testagem na água.
Segunda parte	Acompanhamento da turma na construção dos barcos, auxílio a dúvidas, manutenção da organização e limpeza da sala.
Terceira parte	Exposição dos barcos de brinquedo para os colegas, testagem dos barcos na água (pia do refeitório), brincadeiras com o barco de brinquedo.

Relatório da intervenção:

Antes que essa aula acontecesse fiz uma pesquisa sobre modelos de barcos de brinquedo que poderíamos construir no tempo da aula. Conversei com algumas professoras de Artes da escola, perguntando sobre alguma experiência delas com atividades similares, e uma delas me relatou conhecer um modelo de barco à vela que fazia uso de garrafa pet. A professora combinou de me mandar um tutorial de construção desse brinquedo, mas como nos encontrávamos muito esporadicamente e havia pouco tempo de troca entre nós o tempo passou e eu mesmo precisei pesquisar na internet as opções que fossem mais interessantes para o objetivo da aula.

Com isso, encontrei um modelo de barco à vela de brinquedo muito prático de se fazer, com rolhas de garrafa de vinho e que consistia em unir três rolhas grandes de vinho com elásticos dos dois lados, dispostas lado a lado. Depois, perfurar a rolha do meio com um palito de churrasco e em seguida perfurar as duas extremidades de um retângulo recortado de folha de E.V.A para formar a vela. Finalmente, era só pintar e enfeitar o barco com canetas coloridas, tinta guache e deixar a criatividade fluir.

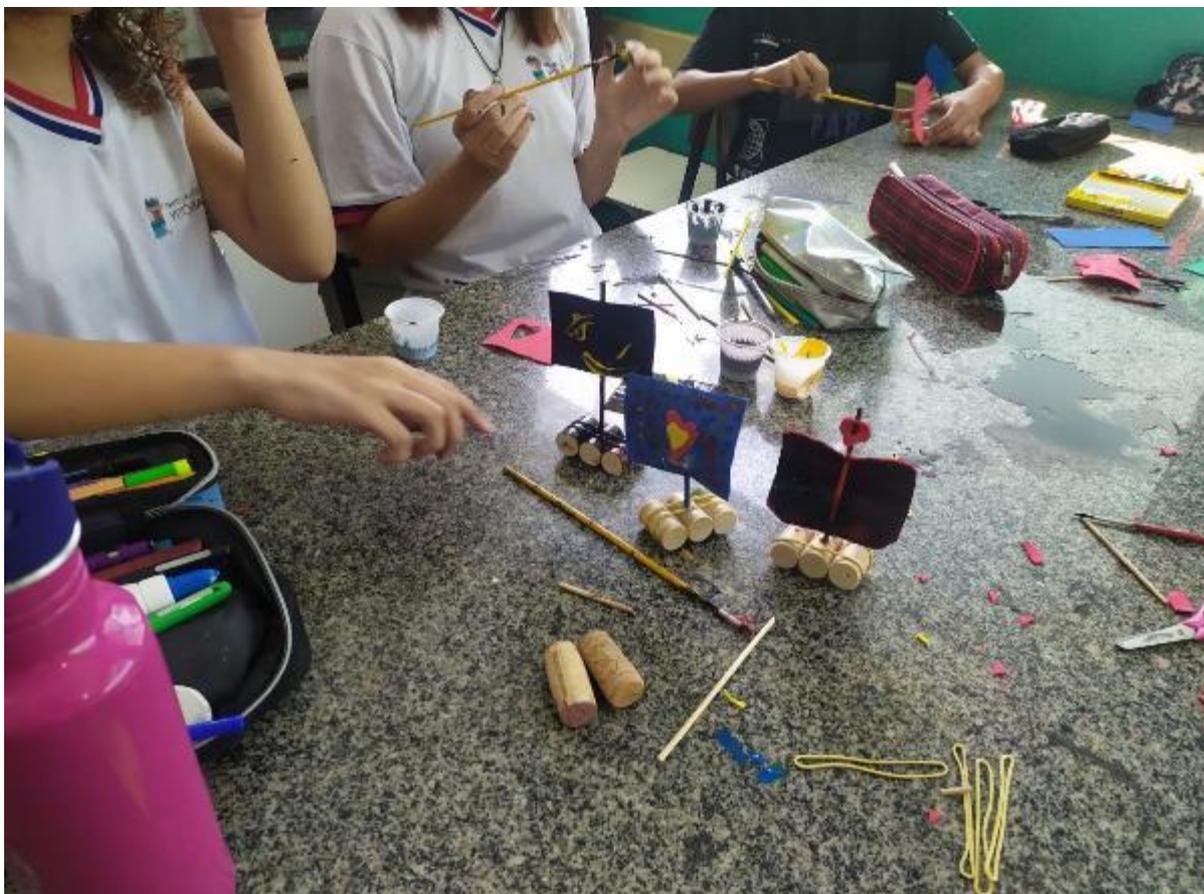
Duas semanas antes dessa aula eu me dediquei a recolher rolhas de vinho com conhecidos. Por sorte um dos professores da escola tinha um estoque de 50 rolhas usadas de vinho em casa, e me doou todas elas. Eu poderia ter solicitado que os próprios alunos procurassem pelo material necessário para confeccionar os barcos,

mas não me recordei de fazer isso em tempo hábil e tive eu mesmo que providenciá-lo. Comprei um pacote de palitos de churrasco e o restante de material como pincéis, canetas coloridas, folhas de E.V.As e tintas foi disponibilizado pela escola.

No dia da aula, fomos à sala de artes, que já estava reservada por mim com as professoras da disciplina. Os alunos se dispuseram em grupos pelas mesas, distribuí os materiais e comecei dando as primeiras instruções de montagem dos barcos de brinquedo. Como o procedimento era muito simples e rápido, a maior parte da aula foi dedicada à personalização e enfeite dos veleiros.

À medida que eu percebia os barquinhos tomando forma fui ficando encantado com a criatividade dos alunos, que enfeitavam seus brinquedos com detalhes. Fui passando de mesa em mesa, auxiliando, corrigindo e orientando os alunos com dúvidas e dificuldades. A presença de um estagiário da educação especial também foi muito importante nessa atividade, pois ele me auxiliou a distribuir os materiais e acompanhou a realização da tarefa até pelos alunos dos quais não era responsável.

Figura 15 – Confecção dos barcos de brinquedo

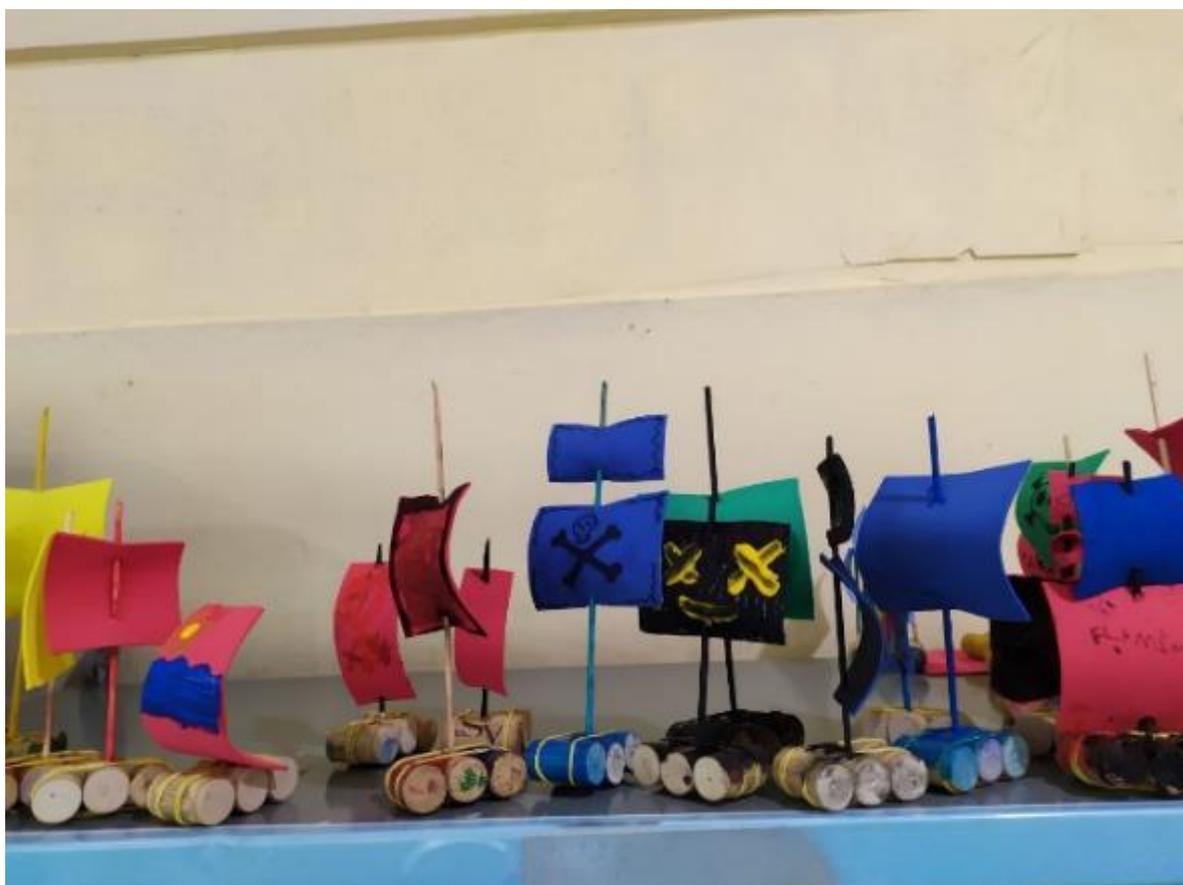


Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Quando foi chegando o tempo de encerrar a aula, me dei conta do estado das mesas da sala de artes, que estavam bastante sujas. Só então que me ocorreu que eu não havia calculado um tempo da aula para a limpeza do ambiente, e isso me atrapalhou severamente. Logo o sinal bateu e precisei recolher os barcos dos alunos com cuidado e armazená-los nos armários da sala. Os alunos se apressaram para retornar à aula e precisei pedir ajuda de alguns últimos que ali ficaram para me ajudar a limpar as mesas e o chão, que estavam sujos de tinta, e recolher o lixo.

A pressa foi grande, pois logo em seguida eu deveria estar com a agitada turma do sexto ano e precisaria liberar a sala de artes para a professora, que entraria com os alunos de segundo ano. Sacrifiquei dez minutos da minha aula com o sexto ano para deixar a sala de artes tal como eu a havia recebido, pois considerei que seria uma falha gravíssima se eu não o fizesse. Isso também atrasou a aula da professora da disciplina, a quem eu pedi desculpas assim que concluí a limpeza.

Figura 16 – Exposição dos barquinhos de brinquedo



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

A coordenação do turno, sempre preocupada com a pontualidade dos professores na troca de horário me procurou para verificar a razão do meu atraso com a aula do sexto ano, e mais uma vez pedi desculpas pelo transtorno. Avaliei, diante desse contratempo, que minha falta de experiência com a sala de artes e um deslize na organização do tempo da aula acabou gerando esse inconveniente, que aparentemente (e felizmente) foi bem compreendido tanto pela professora de Artes, que me cedeu seu horário naquela sala, como pela coordenação, que se preocupou com o meu atraso na aula que se seguiria.

No último horário retornei ao oitavo ano para dar sequência à atividade com os barcos de brinquedo. A ideia agora era levarmos os veleiros para a pia do refeitório, que era comprida e podia ser preenchida de água, e assim testarmos e brincarmos com eles. Antes, porém, fizemos uma exposição dos barcos de brinquedo entre nós mesmos, da turma, e observamos os modelos construídos pelos alunos. O grupo responsável pelo registro audiovisual das aulas tirou fotos dos barquinhos e logo os colocamos na água, para verificar sua flutuação.

Figura 17 – Exposição dos barquinhos de brinquedo



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Dois a dois os estudantes foram colocando seus barcos na água. A maioria deles flutuou, outros, porém, em virtude do tamanho das rolhas ou de enfeites muito pesados que foram colocados, afundaram. Os que flutuaram foram soprados de um lado ao outro da pia e depois brincamos de regata de barcos de brinquedo, onde dois alunos apostavam corrida soprando seus barcos, de uma ponta a outra da pia.

A atividade motivou a turma e foi bem divertida. Alguns alunos ficaram bastante orgulhosos do barco que construíram e quiseram levá-lo para a casa. A ideia é que eles fossem guardados na escola para o dia do Festival Náutico, quando seriam expostos para toda turma. Diante da insistência de alguns alunos combinei que os barquinhos poderiam ser levados embora, com a condição de que retornassem no dia do Festival.

Figura 18 – Exposição dos barquinhos de brinquedo



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

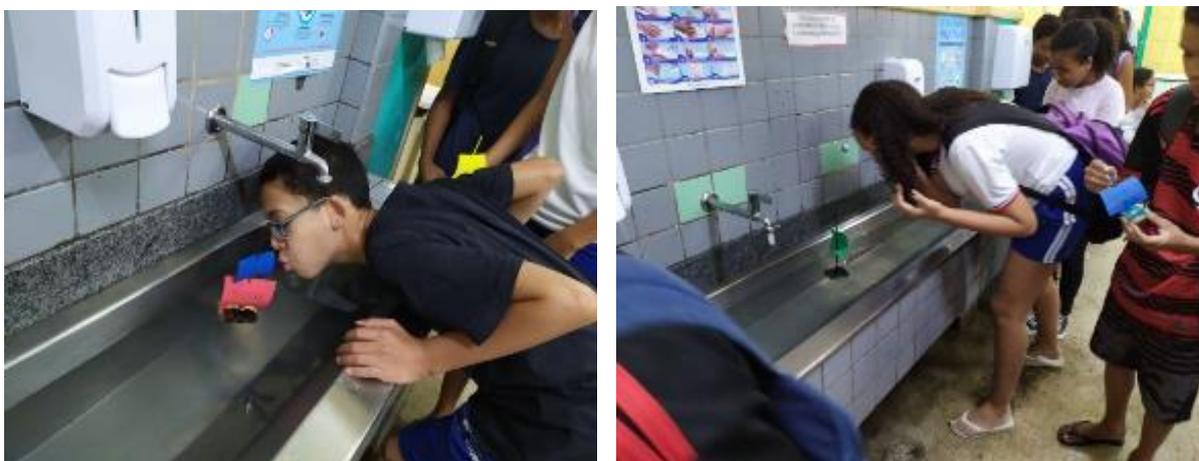
Adianto que de fato muitos dos barcos levados para casa não retornaram e, por isso, não conseguimos expor muitos deles, porque poucos ficaram na escola. Contudo, avaliei que para aquele momento era mais relevante que os estudantes se

apropriassem do seu brinquedo e brincassem com eles em casa. Deixar para levar para casa dias depois certamente reduziria o encanto que o veleiro havia produzido naquele dia.

José Alfredo Debortoli (2002) afirma que o brincar pode ser entendido como uma forma de expressão humana, uma linguagem. É algo que vai além da infância e faz parte de toda a vida do ser humano. Para o autor é através do ato de brincar que a criança tem contato com o mundo e passa a atribuir significados aos seus elementos. Gouvêa (2002) acrescenta que o brincar é também um processo de imitação do mundo, e um mecanismo de transmissão da cultura entre gerações. Quando o estudante constrói seu próprio barco, monta suas peças, dá nome, cor e vida a ele, caracteriza-o como um barco de pesca, um navio pirata, uma jangada, um iate ou veleiro esportivo ele está mobilizando conhecimentos do mundo para atribuir significados. E por ser o responsável, ou o dono do barco ele se coloca, se imagina nesse universo.

Ainda segundo Debortoli (2002), brinquedos que não passam pelo processo de industrialização, que são construídos coletivamente e são fabricados especialmente para um sujeito em particular, consolida identidades, tradições e memórias. O autor defende que a relação que se constrói com este brinquedo, com os diferentes materiais, com aquele com quem se brinca e com o espaço constitui uma riqueza educativa muito destacada, que a escola tem possibilidades de potencializar.

Figura 19 – Brincando com os barquinhos de brinquedo



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Ao chegar em casa e apresentar o barco construído para a família, contar sobre a aula, reproduzir a atividade criando outros barcos ou ensinando os parentes a construir é uma forma de partilhar esse conhecimento produzido na aula, de disseminar os saberes e pulverizar um pouco da cultura náutica em sua casa. Algum tempo depois, analisando e recordando-me de alguns fatos que transcorreram paralelo a essas intervenções, pude ter mais consciência do quanto pequenas ações como essas criaram uma atmosfera náutica ao redor da escola. A todo momento eu ouvia professores, familiares, funcionários de modo geral me dizerem: “tenho um conhecido que fez um passeio de barco outro dia, lembrei do seu projeto de esportes náuticos”, ou então: “vi uma reportagem sobre esportes náuticos, eu nunca faria aquilo, tenho tanto medo...”. Esses pequenos comentários me mostravam que o tema estava na cabeça das pessoas e que elas estavam atentas a eles. Não era mais algo que passava despercebido, era assunto da escola, e era algo associado às aulas de Educação Física, e provocados por ela.

Dito isso, considero que essas ações trouxeram a Educação Física para uma centralidade jamais vista na EMEF ODL. A disciplina foi vista como área de conhecimento, com saberes ricos e diversificados, e uma capacidade de dialogar tanto com aquilo que a comunidade escolar tem de familiar quanto com o que é absolutamente inédito para ela.

Finalizamos a aula conversando sobre a experiência de construir o barco à vela e fazendo registros no nosso diário de bordo. Alguns alunos relataram que tentariam construir outros barcos similares em casa e ensinariam seus parentes e amigos como fazer. Isso me fez refletir sobre o potencial de partilha de conhecimento e cultura de um brinquedo, especialmente aquele que nós mesmos podemos construir. Muito provavelmente esses alunos levaram o tema dos esportes náuticos para casa, apresentaram seus veleiros para seus familiares e espalharam um pouco do saber propiciado pela aula em espaços além do muro da escola.

Aula 16: Visita à praia da Curva da Jurema

Data: 03/06/2022

Local: Praia da Curva da Jurema, Vitória

Tempo da aula: 4 horas

Objetivos da aula:

- Observar e experimentar corporalmente algumas modalidades de esportes náuticos na natureza;
- Conhecer os equipamentos, os espaços, a infraestrutura, as pessoas e os recursos relacionados à prática dos esportes náuticos;
- Refletir sobre a importância dos espaços públicos de esporte e lazer, dentre eles a praia, para a vivência das práticas corporais de aventura aquáticas;
- Compreender a relação das forças da natureza com as sensações, emoções e sentimentos envolvidos na prática dos esportes náuticos;
- Pensar alternativas e formas de ampliar a apropriação das praias e dos esportes marítimos pela comunidade escolar e pela população periférica de Vitória.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Organização da saída dos alunos na escola. Verificação da autorização dos familiares para aula de campo. Organização do lanche. Reunião de orientação e instruções gerais.
Segunda parte	Chegada à praia da Curva da Jurema. Ambientação, observação do espaço, organização para a oficina de primeiros socorros. Roda de conversa com o Corpo de Bombeiros. Oficina de primeiros socorros e salvamento aquático.
Terceira parte	Orientações e instruções para a prática da vela e do caiaque na praia. Simulação das práticas em terra. Preparação do equipamento de segurança e vestimenta do colete salva-vidas.
Quarta parte	Vivência da vela em rodizio de alunos no barco. Vivência do caiaque duplo na praia. Brincadeiras na água. Lanche coletivo.
Quinta parte	Desmontagem e armazenamento dos equipamentos náuticos utilizados. Limpeza do ambiente da atividade. Registros fotográficos da turma. Reunião final de agradecimentos e roda de conversa sobre a experiência de cada um. Retorno à escola.

Relatório da intervenção:

Assim como no dia em que visitamos a piscina da UFES, a sexta-feira do dia 3 de junho amanheceu com um tempo instável, nublado e frio. Os aplicativos de previsão do tempo apontavam a possibilidade de chuva e vento forte em certa altura da tarde e permaneci em alerta durante a manhã, monitorando o tempo junto dos professores de esportes da Alma Nativa e da Vix Náutica para decidirmos se a aula seria realizada ou adiada, em decorrência do mau tempo.

No grupo de whatsapp criado para comunicações com a turma, deixei os estudantes preparados para um possível cancelamento da atividade, o que causou um grande alvoroço, já que a saída para a praia estava sendo, desde a apresentação da unidade didática, o dia mais aguardado pela turma. Desde o início da unidade didática, no final de abril, os estudantes me perguntavam, aula após aula, quando seria o dia de irmos à praia, o que fariam lá, o que deveriam levar e alguns diziam já estar separando roupas de banho e outros itens, mesmo faltando quase dois meses para a atividade, que nem mesmo estava confirmada, devido às inúmeras variáveis envolvidas em sua organização.

O planejamento da aula na praia começou em abril, quando entrei em contato com as duas empresas apoiadoras da pesquisa, e que cederam o equipamento náutico e os coletes salva-vidas. Também entrei em contato com o Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Espírito Santo (CBM – ES) e lhes enviei um ofício, assinado pela diretora da escola, solicitando o apoio operacional para realização da atividade no mar, que a princípio estava programada para o dia 20 de maio²⁵.

Desde nossas primeiras conversas, as escolas de esportes confirmaram o apoio com os equipamentos náuticos, dando continuidade ao que já havíamos feito na piscina da UFES. Na praia, porém, tínhamos a novidade do passeio de barco à vela, oferecido sem qualquer custo para mim e para a escola pela Vix Náutica. Já a agência Alma Nativa cederia os caiaques, ajudaria na organização da atividade com os alunos e nos emprestaria uma tenda para servirmos o lanche.

²⁵ Assim como na aula que aconteceu na piscina da UFES, a atividade na praia foi organizada para acontecer numa sexta-feira, meu dia de planejamento na escola. Sabendo das dificuldades que eu encontraria com a coordenação caso eu realizasse as saídas num dia em que eu tivesse outras aulas, com outras turmas, optei por utilizar meu dia de planejamento para evitar transtornos e desgastes com a gestão. A coordenação certamente se preocuparia com o fato de eu me ausentar num dia inteiro com uma única turma, deixando de trabalhar nos demais horários com as demais, pois seria uma dificuldade alocar outros professores para me cobrir. Realizando a saída no meu dia de planejamento essa questão não seria um empecilho.

Com as atividades náuticas garantidas nos faltava algo que era imprescindível: a confirmação da presença do CBM - ES na praia, para acompanhar o grupo e garantir a segurança de todos. Até o dia 15 de maio o ofício que eu tinha encaminhado à instituição não havia sido respondido. Tentei contato por telefone algumas vezes com o Batalhão responsável, que afirmava que minha solicitação estava sendo analisada e em breve entrariam em contato comigo para respondê-la. O prazo, entretanto, estava bastante apertado e julguei ser prudente adiar a saída para a praia mais uma semana, pois não tínhamos tempo hábil na escola para organizar a saída caso o apoio do CBM – ES se confirmasse em cima da hora.

Como era esperado, a turma ficou bastante descontente com a mudança de data da atividade, que passou a ser programada para o dia 27 de maio. Contudo, mesmo com o adiamento não recebi o contato do CBM – ES. Pedi ajuda de conhecidos que tinham parentes ou amigos trabalhando na corporação, a fim de tentar agilizar o processo, mas foi em vão. Chegando nas proximidades do dia 27, ainda sem conseguir a confirmação do CBM – ES, decidi novamente adiar a atividade, pela última vez para o dia 3 de junho. Se até essa data eu não tivesse a confirmação dos bombeiros sobre o apoio operacional, a saída para a praia seria definitivamente cancelada. Todo esse processo de planejamento era comunicado à turma, que acompanhava o desenrolar dos fatos com ansiedade. A pergunta que me faziam, diariamente, era se os bombeiros já haviam confirmado a presença no dia da praia.

No dia 27, data em que tínhamos realizado nossa saída, escrevi um e-mail para o batalhão agradecendo a atenção e lamentando que, em virtude da ausência de respostas do CBM – ES a atividade na praia seria cancelada. Eu já estava conformado que infelizmente a visita à Curva da Jurema não aconteceria, pois mais uma vez estávamos com o prazo apertado para organizar uma saída daquele porte com a turma, algo que interferiria na rotina de toda a escola num dia inteiro e que exigia planejamento para conseguir o ônibus, preparar o lanche, elaborar um horário especial para os professores que ficariam na escola, enviar bilhetes para os responsáveis solicitando autorização de saída, etc.

Poucos minutos depois do envio do e-mail recebi uma ligação de um sargento do CBM – ES confirmando o apoio na atividade, se colocando à disposição para auxiliar no que fosse necessário e me enviando o contato de um outro sargento, que seria responsável pelo suporte de salvamento aquático e que além disso poderia

oferecer uma oficina de primeiros socorros aos estudantes. Feliz e animado com a notícia repentina, confirmei com os alunos e com a escola o dia da saída para 3 de junho e passei a cuidar dos outros trâmites da atividade.

Com a aula confirmada, a assessoria de imprensa da Secretaria de Educação me procurou para saber detalhes sobre a atividade, fazer uma cobertura dela e registrá-la em seus veículos de comunicação. Informaram que um cinegrafista acompanharia a aula para fazer imagens em alta resolução e que uma assessora da Secretaria também acompanharia a aula para prestigiá-la.

O último obstáculo para que a aula na praia acontecesse foi o clima. Como dito inicialmente, o dia começou bastante nublado e frio, com previsão de rajadas de chuva fortes pela tarde, o que poderia inviabilizar a realização da aula. Com o avançar da manhã, eu e os professores de vela e caiaque observamos pelas previsões que o risco de chuva e vento forte era pequeno para o horário da aula, e que poderíamos confirmá-la, embora combinássemos de ficar atentos o tempo todo na praia para interromper a atividade, caso fosse preciso.

Como pode ser notado, a concretização dessa aula de campo foi bastante desafiadora e exigiu de mim certo grau de insistência e perseverança. Eu acreditei que era de grande relevância para o aprendizado e para o enriquecimento da unidade didática oportunizar a prática dos esportes náuticos na praia, o ambiente natural dessas modalidades e que uma aula de campo como essa poderia estabelecer um vínculo maior desses jovens com essas práticas, algo que desde o início desse trabalho norteou meus objetivos

Silva *et.al.* (2014, citados por DOMINGOS e DUTRA, 2018) defendem que despertar o interesse do aluno para uma aprendizagem carregada de significado não costuma ser fácil e representa uma questão-chave para educadores. A adoção de linguagens atraentes, que transformam o conteúdo em experiências concretas e o mais próximas possíveis da realidade são caminhos que levam a uma aprendizagem criativa, que tem a capacidade de impactar a realidade dos sujeitos. Neste sentido, Karine Domingos e Rodolfo Dutra (2018) consideram que os trabalhos ou vivências de campo podem ser utilizados para renovar e revigorar o processo de ensino e aprendizagem na escola, auxiliando na fixação de conceitos e conteúdos, além de instigar a curiosidade e despertar interesse na aplicação dos temas tratados nas aulas.

No que tange particularmente às PCAs, Tahara e Carnicelli Filho (2013) consideram que há uma riqueza de experiências que esse conteúdo traz aos estudantes, especialmente quando estes são levados a sentir na pele as sensações e emoções que são únicas dessas práticas, além de possibilitar a abordagem de temas transversais, num diálogo com temas extremamente relevantes na atualidade, como as questões de ordem ambiental. Com isso, destacam os autores que

As vivências de aventura podem gerar uma aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente, devido à interação com os elementos naturais e as suas variações - como sol, vento, montanha, rios, vegetação, lua, chuva, entre outros - propiciando atitudes de respeito, admiração e preservação. Seria ingênuo enxergar que o simples contato com o meio natural fosse condição suficiente considerar o indivíduo como defensor da natureza, sendo que a pluralidade de ideias e de propostas práticas é fundamental para o debate educacional e para a consolidação da representatividade social da Educação Física Escolar (TAHARA & CARNICELLI FILHO, 2013, p. 62).

Apesar do potencial evidente das aulas de campo para a aprendizagem, percebi através de comentários de colegas professores e dos gestores da escola que eu estava realizando algo desafiador para um professor e me consideravam um professor "animado", "empolgado". A saída pedagógica com alunos, embora não fosse tão incomum na rede municipal, era vista como algo difícil, que exigia uma dedicação extra do docente. De fato, alguns estudos mostram que as aulas de campo acabam sendo pouco utilizadas como metodologia de ensino muitas vezes pelos vários obstáculos que o professor enfrenta para realizá-las. Marcela Mafra e Davi Flores (2017, p.14) citam como razões para que essas ações sejam tão pouco exploradas no campo educacional:

o elevado número de alunos por turma, muitas turmas por professor, dificuldade de obter transporte gratuito para o deslocamento, distância da escola até o local a ser estudado, indisciplina dos alunos, falta de apoio da administração da escola, dificuldade de formar parceria com professores de outras disciplinas com o intuito de realizar trabalhos interdisciplinares e dividir responsabilidades e receio de acontecer acidentes e serem responsabilizados, aliado à falta de preparo para o planejamento e execução da atividade com os alunos.

No meu caso, após vencer parte desses obstáculos, cheguei ao dia da atividade com otimismo de que tudo daria certo. Planejei-me para estar na escola com alguns minutos de antecedência para averiguar todos os preparativos para a saída. Um deles seria o lanche, que eu havia solicitado à direção que deixasse preparado pela cantina. Para minha surpresa, a diretora havia se esquecido de combinar com a cozinha e não tínhamos nenhum lanche pronto para levar. Antecipando esse tipo de transtorno, eu

já havia recomendado aos alunos que também levassem algo de casa, mas era imprescindível que a escola também oferecesse um lanche, já que passaríamos a tarde fora realizando atividades físicas, o que seria bastante cansativo. Flávia, a pedagoga que nos acompanharia na atividade externa ficou responsável por resolver a questão do lanche e tentaria comprar algo para os estudantes no shopping que ficava próximo da praia, enquanto a atividade estivesse sendo realizada.

Embora eu tivesse solicitado à escola a presença de um segundo professor e de um estagiário que pudesse ficar responsável pelos estudantes da educação especial desde que a proposta da aula de campo foi apresentada à pedagoga e à coordenação, foi somente em cima da hora que a coordenação autorizou o acompanhamento de um estagiário, que sequer estava preparado e vestido adequadamente para uma atividade na praia. Inicialmente, a escola havia negado a possibilidade de eu ser acompanhado por qualquer outro profissional devido ao impacto que isso traria na rotina do dia. Por causa disso, eu convidei os próprios familiares dos estudantes da educação especial para que eles participassem da atividade, como forma de garantir a plena participação desses alunos na aula. Ana, mãe da aluna Joana se dispôs a acompanhar a filha e foi uma ajuda extremamente valiosa durante toda a tarde, auxiliando não somente na participação da sua filha na aula, como também na organização de tarefas com a turma, preparação do lanche, observação dos alunos na água, acabando por cumprir uma função que seria de um profissional da escola.

Aproveitando a dispensa do uniforme para passar o dia na praia, os estudantes se vestiram com roupas leves, óculos de sol, chapéus, bonés e chinelos. Reuniram-se no pátio enquanto conferíamos a autorização de saída de todos e acertávamos os últimos detalhes. A turma chamou bastante atenção dos demais estudantes e professores, que passavam admirados e faziam brincadeiras demonstrando interesse de acompanhá-los na saída.

Alguns alunos meus, de outras turmas, me abordavam questionando quando seria a vez deles, quando eu os levaria para a praia e me deixavam bastante constrangido com comentários do tipo: “eu sei que o oitavo ano é sua turma favorita” ou ainda “você só faz essas coisas com o oitavo ano”. Não adiantavam minhas explicações sobre as aulas se relacionarem à minha pesquisa ou sobre a inviabilidade de fazer ações daquele tipo com todas as turmas, os estudantes queriam saber

quando chegaria a vez de eles irem para a praia e não estavam satisfeitos com nenhuma resposta que não apresentasse datas.

Ciente do impacto que essa aula de campo, em especial, causaria nos alunos das minhas outras turmas, eu já havia me antecipado e convidado quatro alunos de outras salas para participarem dela. Os quatro alunos, dois meninos e duas meninas, foram selecionados pelo melhor desempenho em Educação Física e faziam parte de duas turmas de sétimo ano.

Depois de resolver essas pequenas situações, organizei a turma para sairmos da escola. Reuni a todos e expliquei como seria a dinâmica do dia que contaria com a oficina de primeiros socorros do CBM – ES e as atividades de caiaque e vela. Pedi colaboração e atenção a algumas regras como: permanecer sempre junto do professor, da pedagoga e dos bombeiros, sempre comunicar a saída para ir ao banheiro, assumirmos a autorresponsabilidade e a responsabilidade com o colega, usar coletes salva-vidas durante todo o tempo na água, manter os pertences organizados e junto das pessoas que estiverem em terra, seguir as orientações dos bombeiros e dos professores de caiaque e vela, etc.

Uma vez estabelecidos os combinados do dia, seguimos para o ônibus. Em poucos minutos estávamos desembarcando na Curva da Jurema, onde a equipe do CBM – ES já estava nos aguardando, assim como os professores da Alma Nativa e da Vix Náutica. Apresentei-me ao Sargento responsável pelo salva-mar e combinamos que enquanto parte da turma guardaria seus pertences na tenda da Alma Nativa e se aprontavam para a oficina de primeiros socorros, outros alunos ajudariam a trazer os caiaques da carreta para a areia.

Depois, fizemos o transporte dos dez caiaques duplos até a areia e em seguida nos assentamos em círculo para o início da oficina dos bombeiros. O sargento iniciou se apresentando, explicou sobre o trabalho do Corpo de Bombeiros e da equipe salva-mar e da importância de conhecer os procedimentos de primeiros socorros para desfrutar com segurança das práticas esportivas e recreativas na água. Depois, fez uma demonstração dos procedimentos de salvamento de uma pessoa que hipoteticamente havia acabado de sofrer afogamento e orientou aos próprios estudantes que fizessem a simulação entre si.

Figura 20 – Oficina de salvamento aquático na Praia da Curva da Jurema com o CBM - ES



Fonte: Fernanda Perini Santos

A oficina foi muito interessante e trouxe ricas aprendizagens aos alunos (ver **Figuras 20 e 21**), que perceberam não somente a importância de se conhecer os procedimentos de primeiros socorros de maneira rápida e eficiente como também reconheceram os riscos que a imprudência e a distração podem trazer à vida daqueles que se descuidam na água.

Encerrada a oficina, passamos para a organização das atividades com caiaque e vela (ver **Figura 22**). Primeiro, o professor de caiaque lembrou a técnica do remo, de virada e freio do barco. Combinamos qual seria a trajetória a ser realizada pelos alunos no mar, que se orientariam pelas boias que estavam colocadas nas proximidades da praia. Instruímos a turma a se comunicar com sinais em caso de emergência e pedido de ajuda. O barco a motor dos bombeiros ficaria fazendo uma ronda permanente entre os caiaques. Eu e um dos professores da Alma Nativa também acompanháramos os estudantes remando em outros barcos.

Figura 21 - Oficina de salvamento aquático na Praia da Curva da Jurema com o CBM – ES



Fonte: André Sobral/ Assessoria de Comunicação da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Vitória

Passadas as orientações do caiaque, explicamos como seria a atividade da vela, que aconteceria ao mesmo tempo. A professora de vela explicou como funcionaria o rodízio na vela, que seria em grupos de 3 em 3 alunos. Cartiane lembrou parte do conteúdo que ela abordou em sua palestra na sala de aula, sobre os princípios da navegação à vela, as forças aerodinâmicas que incidem sobre o barco e percepção da direção e intensidade do vento.

Concluída essa etapa, os estudantes vestiram seus coletes salva-vidas e demos início às atividades no mar. Apesar do tempo nublado e da temperatura abaixo do habitual para aquela hora do dia, percebemos que era seguro dar continuidade ao que havia sido planejado. Dois a dois, os alunos foram entrando nos caiaques e sendo conduzidos à água com minha ajuda, da pedagoga e dos professores da Alma Nativa. Enquanto isso, um trio de estudantes já se preparava para entrar no barco à vela, e ajudaram a Cartiane a montar o barco e colocá-lo na água.

No veleiro, os alunos aprenderam a controlar o rumo do barco com a cana do leme e regular a vela com a escota (ver **Figuras 23 e 24**). Também compreenderam

o movimento de orçar e arribar, além de fazerem a cambada, um tipo de troca de direção do barco considerada a mais segura para os iniciantes. Neste dia, nem todos os estudantes quiseram fazer o passeio de barco à vela. Alguns disseram ter medo e preferiram ficar somente no caiaque. Uma aluna, porém, não quis fazer nem o passeio de barco nem o caiaque, também alegando sentir medo do mar.

Enquanto a Cartiane acompanhava os estudantes no veleiro, entrei num caiaque com um dos alunos e segui o grupo que já estava na água sendo monitorado pelo bote do Corpo de Bombeiros. Assim, mais de perto, pude orientar aqueles que fugiam da rota prevista, ajudar outros que tinham dificuldade de frear ou virar e também propor brincadeiras como uma corrida de caiaques. Percebendo que estava tudo em ordem e ocorrendo tranquilamente, voltei à praia para ajudar na recepção dos alunos que chegavam em solo e para organizar o lanche junto da Flávia. A pedagoga já havia resolvido a questão do lanche indo ao shopping e comprado refrigerantes, pão, presunto e queijo e estava montando a mesa do lanche.

Enquanto as atividades transcorriam com tranquilidade, fui chamado pelo jornalista da assessoria de comunicação da Secretaria de Educação da Prefeitura de Vitória para uma entrevista sobre a aula de campo. A assessoria também estava fazendo registros em vídeos e fotos que seriam utilizados em material de divulgação e redes sociais da prefeitura. Ao término da entrevista conversei com a assessora pedagógica da Secretaria de Educação, que elogiou minha iniciativa e me parabenizou pelo empenho e pela aula diferenciada. A assessora comentou sobre a felicidade dos estudantes com a atividade, sobre a importância de momentos como aquele e disse que o projeto estava alcançando grande visibilidade na rede municipal.

Com o avançar das horas, a atividade caminhava para o fim. Alguns alunos já haviam realizado tanto o passeio de barco à vela quanto o caiaque e já se reuniam para lanchar. Logo, todos já estavam em terra. Os que terminavam de lanchar ajudavam a guardar os caiaques e a desmontar o veleiro. Outros trocavam de roupa e se aprontavam para ir embora. Alguns insistentes, permaneciam na água, brincando sob a supervisão dos bombeiros, ou jogavam bola na areia.

Figura 22 – Preparando para a prática de caiaque e vela



Fonte: André Sobral/ Assessoria de Comunicação da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Vitória e Fernanda Perini Santos

Figura 23 – Vivenciando os esportes náuticos na praia



Fonte: André Sobral/ Assessoria de Comunicação da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Vitória, Agência Alma Nativa e Fernanda Perini Santos

Figura 24 – Estudantes velejando

Fonte: Vix Náutica

O dia foi escurecendo e o tempo, que já estava fechado foi dando sinal de uma chuva que se aproximava. Tudo indicava que o clima havia colaborado conosco, garantindo até aquele momento a realização da nossa aula, mas agora já era hora da chuva cair. Finalizamos o dia com uma foto do grupo, com os Bombeiros, os professores da Alma Nativa e da Vix Náutica. Agradecemos o apoio de todos, parabeneizei a turma pela motivação, pela participação e por terem seguido todas as orientações dadas. Assim, finalizamos nossa visita à praia retornando ao ônibus e seguindo o caminho para a escola debaixo de chuva.

Neste momento, dentro do ônibus, pude refletir com mais calma sobre tudo que tínhamos feito durante o dia. Senti-me imensamente feliz e realizado por ter superado tantos desafios e conseguido concretizar aquela aula, que por muitas vezes me pareceu impossível de ser realizada. No ônibus eu ouvia os comentários dos estudantes, que contavam empolgados sobre suas experiências, uns para os outros. Um aluno ligou para a família para falar sobre o seu dia e sobre as coisas que fez.

Ana, a mãe da aluna que nos acompanhava também comentava com a pedagoga que a atividade tinha sido um sucesso e dizia que eu era muito corajoso de levar uma turma de adolescentes para a praia, para fazer tanta coisa diferente.

Senti que meus objetivos tinham sido alcançados e todas as minhas expectativas haviam sido superadas. Percebi que até aquela data, essa tinha sido a intervenção mais marcante do trabalho, pois agora sim os alunos tinham uma experiência intensa, carregada de significados com os esportes náuticos. Eles vivenciaram esses esportes em seu espaço mais legítimo: a praia, o mar, a natureza. Sentiram o vento no rosto, a água salgada na pele, prepararam o equipamento, carregaram os barcos, lidaram com os prazeres e as dificuldades desses esportes e não somente os praticaram, também observaram outras atividades marítimas que aconteciam ao redor da nossa aula.

Figura 25 – Encerramento da visita à praia da Curva da Jurema



Fonte: Agência Alma Nativa

Em certo momento um grupo de pessoas passou próximo de nós remando numa canoa havaiana, chamando atenção de todos. Alguns alunos lembraram de um vídeo que eu tinha apresentado sobre a modalidade, quando estudamos os esportes

náuticos de impulso por força humana e souberam nomeá-la assim que viram a canoa no mar. Próximo de nós, no mar, também velejavam alguns adolescentes que faziam aula numa outra escola de vela e os estudantes puderam ver jovens como eles velejando sozinhos.

Em decorrência disso tudo, considerei que aquela tarde foi um intenso compilado de tudo que tínhamos estudado e vivenciado na escola, na piscina, no parque até aquele momento. Foi um encerramento excelente para a unidade didática, que a partir desse instante caminharia ao seu final. Nas aulas seguintes a turma do oitavo ano entraria no nosso último Eixo Temático, o “Festival Náutico Escolar”. Condensaríamos nossas experiências e nossos aprendizados mais relevantes através de um evento que envolveria a toda escola, partilhando nosso conhecimento sobre os esportes náuticos com os demais estudantes. O Festival Náutico concluiria a unidade e avaliaria nossa aprendizagem durante todo esse percurso.

4.2.7 Eixo Temático: Festival Náutico Escolar

Aula 17, 18 e 19: Preparação do Festival Náutico

Data: 02 e 09/06/2022

Local: Sala de aula e Sala de Artes

Tempo da aula: 165 min (3 aulas de 55 minutos)

Objetivos da aula:

- Revisitar as experiências mais marcantes da unidade didática;
- Sintetizar o conhecimento produzido ao longo das aulas sobre os esportes náuticos;
- Escolher formas e métodos de partilhar o conhecimento produzido durante nossas aulas com os demais estudantes da escola;
- Produzir e organizar materiais (registros escritos, desenhos, objetos, imagens, vídeos) para serem expostos durante o Festival Náutico;
- Planejar, preparar, ensaiar e organizar as diferentes atrações do Festival Náutico.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Avaliação coletiva da atividade na praia. Comentários sobre a experiência de cada um, emoções que sentiu, expectativas concretizadas e não concretizadas, pontos positivos da atividade e pontos a serem melhorados para uma próxima oportunidade.
Segunda parte	Orientações sobre os objetivos do Festival, data, horário, público participante. Organização dos grupos do Festival, divisão de tarefas, planejamento das atividades de cada grupo. Estabelecimento de prazos e metas. Reunião dos grupos para preparação das suas respectivas tarefas.
Terceira parte	Apresentação do que foi concluído pelos grupos, avaliação dos trabalhos em andamento por toda a turma.

Relatório da intervenção:

As aulas dessa semana teriam como foco a preparação do Festival Náutico Escolar. O evento organizado pelos próprios estudantes que concluiria nossa unidade didática seria, ao mesmo tempo, sua avaliação final e uma forma de partilhar o conhecimento produzido ao longo dos dois meses de intervenções com toda a escola. Para tanto, eu havia reservado, inicialmente, duas aulas de 55 minutos, onde cada um dos grupos criados ficaria responsável por uma área ou atração do evento.

Contudo, logo percebi que duas aulas seriam insuficientes para o número de tarefas que tínhamos a cumprir e precisei solicitar uma troca de horários com o professor de Inglês. Este professor tinha grandes dificuldades com a turma de oitavo ano e não se opôs a essa troca, demonstrando até mesmo um certo alívio em ter uma aula a menos com a turma na semana. Com isso, tive um pouco mais de tempo para preparar o evento, que aconteceria dois dias depois.

O Festival Náutico já estava agendado e programado junto à gestão escolar desde as primeiras reuniões com a pedagoga e a diretora. Ele seria realizado pelos próprios estudantes do oitavo ano no dia 10 de junho, e seria aberto a todas as turmas do período vespertino. Elaborei cartazes com divulgação do evento, horário e atrações e solicitei à diretora que os imprimisse numa gráfica para que fossem espalhados pela escola semanas antes do evento. Paralelamente, postei a arte do cartaz no grupo de

WhatsApp da escola e convoquei a todos os professores para participarem com suas turmas.

Em meados de abril eu já havia falado sobre o Festival no grupo de *WhatsApp* da escola e havia convidado outros professores para somar no evento e apresentar outras atrações, vinculadas às suas respectivas áreas de conhecimento. Assim, poderíamos, por exemplo, ter uma sala com trabalhos da Geografia, fazendo uma interlocução dos esportes marítimos com a constituição geográfica da cidade de Vitória e do Espírito Santo, debates sobre os oceanos, a meteorologia e o clima, o impacto das ações humana no ambiente marítimo, etc.; outra sala de História, com atrações que trouxessem a relação histórica dos esportes náuticos com o município e com o estado; uma sala de Ciências, abordando a biologia marinha, o meio ambiente, a importância dos oceanos para o planeta, dentre muitas outras contribuições possíveis que os professores de cada disciplina (Matemática, Artes, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Informática, etc.) poderia desenvolver, ampliando as possibilidades interdisciplinares do Festival.

Lamentavelmente, devido a Reforma Curricular de 2022, que excluiu o tempo de planejamento coletivo, não consegui me reunir com os professores das outras áreas para apresentar a ideia do Festival com antecedência e convidar para construirmos o evento juntos. Recorri aos grupos de *WhatsApp* da escola para explicar brevemente sobre o Festival, mas a única adesão que consegui foi de uma professora de Artes, que combinou que desenvolveria um trabalho de gravuras com suas turmas com o tema de curvas e ondas e que poderia ficar exposto no evento.

Solicitei várias vezes à coordenação e à supervisora pedagógica a organização de uma reunião com os demais professores, a fim de alinharmos essa construção coletiva do evento. Porém me foi dito que a Secretaria de Educação não mais autorizava a dispensa dos estudantes para realização de reuniões pedagógicas e que o único tempo de planejamento coletivo que tínhamos eram os 25 minutos de recreio. Para mim seria inviável utilizar o tempo do intervalo para realizar a reunião, principalmente porque nem todos os professores faziam esse intervalo ao mesmo tempo, também porque era um tempo muito curto para se pensar num evento desse porte e porque certamente atrapalharia o momento de lanche e descanso dos professores. Diante desses obstáculos, optei por realizar o Festival individualmente,

como um evento da Educação Física, porém, ciente do seu potencial para ser algo muito maior, com a integração de várias áreas de conhecimento.

Nos últimos anos, tem sido percebida uma crescente discussão a respeito da interdisciplinaridade nas escolas. Na EMEF ODL, a interdisciplinaridade chegou a ser tema de formações continuadas de professores e de várias reuniões pedagógicas, onde a gestão estimulava o trabalho e o planejamento coletivo a partir de eixos comuns. Contudo, nem a gestão escolar nem a rede municipal possibilitavam tempos e espaços para este tipo de trabalho, chegando a proibir reuniões do corpo docente nos horários de aula e dias letivos, o que normalmente é realizado e se torna necessário para que todos os professores se encontrem.

A interdisciplinaridade também é ponto de concordância nas Diretrizes Curriculares da Prefeitura de Vitória e na própria BNCC, sendo que em ambas a Educação Física é considerada a partir da perspectiva das Linguagens, dialogando mais proximamente com as Artes, a Língua Portuguesa e as Línguas Estrangeiras. Para Ivani Fazenda (1994) a interdisciplinaridade expande as conexões entre os campos de conhecimento criando pontos de convergências e de ações para um trabalho cooperativo e reflexivo. Trata-se de um movimento de aproximação entre áreas distintas, mas que se relacionam entre si em determinadas dimensões da vida humana.

Aparentemente a gestão escolar e a rede municipal de Vitória estavam cientes da importância do pensamento interdisciplinar na educação das crianças e jovens e mantinham um discurso favorável quanto a isso. Por outro lado, o movimento que se via através das políticas de gestão que impactavam mais proximamente a minha realidade na escola era exatamente o contrário, pois desnutria as ações coletivas entre os campos de conhecimento e isolavam as ações pedagógicas dentro de um universo muito particular do professor com a sua própria disciplina.

Por fim, a gestão da EMEF ODL acabou não por não se engajar na realização do Festival. Eu já acumulava algumas impressões sobre um certo preterimento da gestão com relação às ações da Educação Física, que por vezes eram esquecidas, ignoradas e invisibilizadas. Isso vinha se fazendo notar através de vários pequenos acontecimentos que me mostravam que minhas intervenções não chamavam tanto a atenção da gestão escolar como as de outras áreas como Ciências, Geografia e Artes.

As professoras de Ciências e Artes haviam abraçado algumas propostas de campanha da diretora da escola, recém-eleita, que era professora de Geografia, e juntas estavam desenvolvendo um programa de sustentabilidade para a escola, com a construção de uma horta, melhoria da gestão de resíduos, implantação de coleta seletiva, dentre outras ações que também se estendiam para a comunidade. Essas ações também contemplavam a organização de alguns eventos, aulas de campo, oficinas, que eram divulgadas com grande empenho pela diretora, que fazia questão de prestigiar os eventos com sua presença.

Um fato específico me chamou atenção para uma certa preferência da direção pelos eventos das professoras de Ciências e Artes. Nessa semana em que o Festival começava a ser preparado, a diretora fez uma postagem no grupo de *WhatsApp* da escola com a agenda de eventos que aconteceriam naqueles próximos dias, e se esqueceu de mencionar o Festival Náutico, referindo-se apenas a outras ações, menores e mais pontuais das outras áreas de conhecimento. Tive que responder a essa postagem lembrando do nosso evento que acontecia na sexta-feira e que teria toda a escola como público-alvo. A diretora ficou bastante constrangida e pediu desculpas pelo esquecimento. No entanto, ela também havia se esquecido de imprimir os cartazes de divulgação do Festival, e estávamos a sete dias de sua realização e não tínhamos nenhum informativo na escola sobre o evento. Flávia, a supervisora pedagógica foi quem decidiu imprimir os cartazes e espalhá-los pela escola, com recursos próprios.

No entanto, não sei dizer se essa atitude da gestão da escola foi de fato um esquecimento do Festival Náutico, diante de suas várias outras atribuições e agendas ou um boicote por causa de um desentendimento que tivemos. Algumas semanas antes do Festival, a diretora havia solicitado que eu realizasse o evento também no turno matutino, abrangendo um público maior da escola. Considerei a ideia positiva, porém somente seria viável se eu fosse remunerado pela carga horária de trabalho estendida, e se os estudantes do oitavo ano tivessem a disponibilidade de organizar e desenvolver as atrações do evento durante o todo o dia, já que eram eles os organizadores.

Figura 26 – Cartaz de divulgação do Festival Náutico



Fonte: Elaboração própria

A diretora alegou não poder me remunerar pelo horário de trabalho estendido, mas disse que esperava que eu aceitasse a proposta independente disso, já que eu havia usado recursos da escola para desenvolver minha pesquisa de mestrado e que seria justo se eu retribuísse com um evento que atingisse a todos os alunos e não somente aqueles do vespertino. Achei sua fala bastante descabida e lhe questionei a cobrança de uma devolução dos recursos da escola. Eu não percebia tal cobrança sendo feita aos demais professores, que diariamente usavam recursos da escola (papel, tinta, impressora, computadores, ônibus para suas aulas de campo, balões, brinquedos, etc.) para atividades pedagógicas rotineiras e perguntei à diretora se às professoras de Ciências e Artes também estavam sendo cobradas de uma devolução dos recursos gastos no projeto de sustentabilidade.

Também questionei o fato das minhas intervenções serem consideradas por ela “a minha pesquisa” e não necessariamente pertencentes as aulas de Educação Física. Pelo que percebi neste momento, a diretora compreendia as minhas intervenções como uma iniciativa pessoal e individualista, focadas tão somente nos

meus objetivos acadêmicos e profissionais, ignorando o papel pedagógico das minhas intervenções.

Por fim, entendi que a diretora tinha a intenção de ampliar o alcance do Festival como forma de potencializar as ações de sua recente gestão, levando o evento para o público do turno matutino, que era formado por uma quantidade maior de estudantes e que tinha o corpo docente mais antigo e composto, em sua maioria, de servidores efetivos. Essa diferença dava a nós, professores e alunos do turno vespertino, uma incômoda e persistente sensação de que éramos menos importantes para a gestão.

Em razão do desentendimento gerado pela minha recusa em realizar o Festival Náutico no turno matutino e pelo meu questionamento às falas da diretora, observei que a gestão não engajou, estimulou ou apoiou a realização do evento como eu esperava. Vou adiantar que a diretora não prestigiou o evento em nenhum momento, apesar de estar na escola durante toda a sua realização. De toda forma aceitei que o evento seria uma ação da turma do oitavo ano com a disciplina de Educação Física, que lamentavelmente não estava conectada a outras ações institucionais, mas que apesar disso faríamos o que estivesse ao nosso alcance, e da melhor forma possível.

Estes fatos passados durante a organização do Festival e também em outras ocasiões ao longo desses dois meses de intervenção trouxe à tona a habitual discussão em torno da desvalorização da Educação Física escolar e o seu rebaixamento diante dos outros campos de conhecimento dentro da escola. Possivelmente isso explica algumas ações (e ausência delas) gestão da EMEF ODL aos projetos que eu realizava na escola. Mauro Betti discute que a Educação Física costuma se deparar com falta de reconhecimento dos seus conhecimentos, sendo considerada um campo de conhecimento bastante simplificado e até mesmo dispensável, já que lida com temas com os quais a maioria das pessoas tem certa familiaridade.

Nestor Bertini Júnior e Elvira Tassoni (2013), por sua vez, observam que permeia sobre a EF uma confusão sobre seu propósito e sobre seus temas, vinculando a área à diversão e à recreação sem objetivos pedagógicos claros. Soma-se a isso um estereótipo bastante fortalecido de docentes descompromissados e um imaginário disseminado de que se trata de uma disciplina livre e descontraída, que não se consolida sob o viés do conhecimento científico e da educação propriamente dita.

Diante disso, torna-se particularmente difícil para professores que navegam numa direção contrária, defendendo a EF como componente curricular, apostando em práticas e metodologias inovadoras romper com essa imagem construída ao longo de muitos anos e conquistar o espaço. O que a experiência com essas intervenções me mostrou é que o cenário pode ser desestimulante diante de várias circunstâncias, contudo, é justamente no exercício de superá-lo que conquistaremos o espaço que nos é devido na escola e nosso conhecimento e especificidade poderá ser reconhecido e compreendido pelos pares e pela comunidade escolar.

Dentro dessa realidade, a concretização do Festival, apesar desse cenário, era uma forma providencial e interessante de divulgar e esclarecer a comunidade escolar do papel e do lugar da Educação Física na escola hoje. Diante disso, iniciamos a primeira das três aulas de preparação do Festival com uma roda de conversa sobre a atividade na praia, avaliando coletivamente nossa experiência e aprendizados na Curva da Jurema. O perfil da turma do oitavo ano era de uma turma de poucas palavras quando eram questionadas e levadas a refletir. Os poucos alunos que participavam e opinavam com mais desenvoltura eram bastante econômicos em seus comentários, mas deixavam claro o quanto a aula foi marcante para eles.

“Foi uma aula inesquecível, professor” – disse a Mariana. “Foi a melhor aula de Educação Física da minha vida” – exclamou Alberto. “Estou até agora sem acreditar como que eu consegui subir naquele barco, eu tinha muito medo” – Relatou Alice. De forma geral, os estudantes demonstraram grande satisfação com a aula, surpresa pelas aulas diferenciadas de Educação Física e alguma superação de medo do mar ou dos barcos. Ressaltaram que praticar os esportes náuticos no mar tinha sido muito melhor que na piscina, embora na piscina também tivesse sido divertido. Por fim, afirmaram que a presença de tantos professores e dos bombeiros lhes havia deixado bastante confortáveis e com uma boa sensação de segurança, mesmo com a maioria deles não sabendo nadar.

Ao longo das aulas de esportes náuticos, essas conversas e *feedbacks* dos estudantes foram se constituindo em momentos avaliativos, onde pude observar a aprendizagem e a transformação que cada um deles estava passando, conforme a unidade avançava. Meus principais critérios avaliativos consistiam na organização do festival, no trabalho de pesquisa e na elaboração do diário de bordo. Contudo, os

estudantes forneciam, o tempo todo, outros elementos que me permitiam tecer um panorama sobre o que estava sendo aprendido e ressignificado por eles.

Para Fernando González e Alex Fraga (2012), avaliar é uma das tarefas docentes mais desafiadoras, pois exige um conhecimento profundo sobre os níveis de organização do ensino e aprendizagem de uma disciplina escolar. Os autores observam que há um debate ainda germinando sobre isso no âmbito da Educação Física, mas que apontam para a necessidade de se construir métodos condizentes com os propósitos da área e da concepção que se tem dela, assim como adotar instrumentos amplos o suficiente para capturar tudo aquilo que foi significativo para os alunos. Deste modo, quando eu ouvia de uma estudante que a aula foi inesquecível, em uma fala cheia de emoção e sentimentos, eu sabia que eram aquelas emoções e sentimentos que ela tentava traduzir no seu diário de bordo e na sua dedicação na organização e apresentação do Festival. Além disso eu sabia que ela partilharia essa experiência com seus pares, familiares e propagaria esse conhecimento pois ele a havia marcado de alguma forma. Isso confirmava que as aulas de esportes náuticos haviam transformado sua realidade.

Quando concluimos essa conversa em sala, demos início à preparação do Festival. Separamos os grupos que já estavam estabelecidos desde o início da unidade didática e atribuí a eles novas responsabilidades, agora focadas no evento:

- Grupo Audiovisual: Responsáveis pela exposição das fotos e dos vídeos elaborados por eles durante as aulas. Também fariam a cobertura fotográfica do Festival Náutico, confeccionariam crachás para todos os estudantes da turma com suas respectivas funções e dariam as boas-vindas e as orientações às turmas, à medida que fossem chegando e aplicariam uma pesquisa de satisfação quando as turmas concluíssem a visita.
- Grupo Exposição: Organizariam os itens a serem expostos (equipamentos náuticos, diários de bordo da turma, cartazes produzidos, trabalhos, etc.) e apresentariam aos visitantes. Elaborariam cartazes apresentando as modalidades náuticas com desenhos, fotografias e textos.
- Grupo Apresentação Artística: Responsáveis por elaborar uma apresentação criativa com o tema dos esportes náuticos, podendo

ser um teatro, um recital, uma música, dentre outras possibilidades, ensaiar, planejar e organizar sessões dessa apresentação para os visitantes.

- Grupo Oficina: Escolheriam três oficinas, baseadas nas atividades que realizamos ao longo da unidade didática para desenvolver com os estudantes visitantes durante todo o evento. Organizariam os espaços, dividiriam o tempo de cada sessão e orientariam os colegas sobre os procedimentos. Elaborariam cartazes de identificação do espaço de cada oficina.

Depois de estabelecida a competência de cada grupo, começamos os trabalhos. Começamos pelo que era mais urgente: confecção dos crachás, dos cartazes que seriam expostos, planejamento da apresentação artística e definição das oficinas. O grupo da Apresentação Artística decidiu que faria uma palestra sobre o que eles haviam aprendido sobre os esportes náuticos e combinaram que na aula seguinte fariam um slide para apresentar no projetor do auditório. O grupo das Oficinas, por sua vez, escolheu oferecer as oficinas de Nós Náuticos, Pesca Esportiva e Simulação de Caiaque para os visitantes.

Ao final dessa aula lembrei todos os estudantes que eles deveriam trazer os diários de bordo e os trabalhos de pesquisa sobre a acessibilidade dos esportes náuticos no dia do Festival. Esses três itens, junto da participação nas aulas compunham a avaliação trimestral e seriam pontuados.

Na primeira aula ficamos na sala, planejando e executando as tarefas mais urgentes. Nas duas aulas seguintes, que ocorreram no dia posterior utilizamos mais uma vez a Sala de Artes, que nos oferecia melhores recursos para desenhar, pintar e confeccionar os cartazes. Enquanto o grupo da Exposição e da Oficina permaneciam na Sala de Artes, o grupo da Apresentação e do Audiovisual ocuparam o Laboratório de Informática para elaborar os materiais que utilizariam na sala de Exposições e na palestra.

Ao longo dessas aulas fiquei alternando minha atenção entre a Sala de Artes e o Laboratório de Informática. Percebi que o trabalho dos grupos da Apresentação Artística e do Audiovisual não estava rendendo, devido a brincadeiras e distrações. Chamei atenção dos alunos várias vezes, ressaltando a urgência de termos o trabalho

pronto para o evento que aconteceria no dia seguinte. Ao final do dia observei que se eu não intervisse o trabalho desses dois grupos não ficaria pronto a tempo para o Festival. Tive então que me comprometer a terminar, eu mesmo, em casa, o slide do grupo da Apresentação e organizar as fotos e os vídeos para serem expostas pelo grupo do Audiovisual. Com isso, tive que realizar parte do trabalho que seria dos alunos para garantir essas atrações no evento no dia seguinte.

Figura 27 - Estudantes preparando o Festival Náutico



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Outras responsabilidades, que inicialmente seriam dos estudantes, mas que eu tive que assumir devido ao tempo curto que tivemos para preparar o Festival foi a aquisição de itens e equipamentos náuticos para a Exposição e a elaboração de um formulário de satisfação do visitante. Percebi que os estudantes teriam dificuldades de conseguir esse material e de elaborar o formulário sozinhos, ou que demorariam muito para fazê-lo. Decidi eu mesmo fazer o formulário com a pesquisa de satisfação, pois eu tinha domínio das ferramentas de informática, e pude imprimi-lo na escola. Quanto ao material da exposição, por eu já ter contato direto com os parceiros do projeto, a Vix Náutica e a Alma Nativa, conseguiria resolver isso mais rápida e facilmente. Consegui com a Cartiane o empréstimo de cabos náuticos, pá de remo, âncora e coletes salva-vidas e através da indicação da secretária da escola consegui o contato de um surfista que morava próximo da escola e que se dispunha a levar seu equipamento de *surf* (prancha, vestimentas, parafina) para fazer uma breve palestra para os estudantes sobre a sua experiência com a modalidade. Tudo isso foi organizado nos dois dias (quarta e quinta), que antecederam o Festival Náutico e exigiu de mim atenção, agilidade, foco e claro, tempo de trabalho extra.

Aula 20: Festival Náutico

Data: 10/06/2022

Local: Pátio, Biblioteca, Auditório da escola

Tempo da aula: 4 horas

Objetivos da aula:

- Avaliar a aprendizagem da unidade didática sobre os esportes náuticos;
- Partilhar a aprendizagem e a experiência da turma com os esportes náuticos com os demais estudantes da escola;
- Debater os esportes náuticos e os temas transversais num evento que envolva e integre todos os estudantes da escola;
- Estimular a curiosidade e o interesse da comunidade escolar sobre os esportes náuticos e marítimos, abrindo oportunidades e possibilidades para outras experiências e vivências de aprendizagem, em outras áreas de conhecimento e contextos.

Desenvolvimento da aula:

Primeira parte	Organização dos espaços do Festival (Auditório, Exposição, Oficinas). Reunião com os grupos para revisão das competências e atribuições de cada estudante.
Segunda parte	Desenvolvimento do Festival, recepção dos visitantes.
Terceira parte	Reunião de avaliação final do evento. Conclusão da unidade didática.

Relatório da intervenção:

Chegou o dia do encerramento da nossa unidade didática. O Festival, assim como as outras intervenções que traziam grande impacto à rotina da escola (visita à Piscina da UFES e à praia) foi realizado numa sexta-feira, dia do meu planejamento para evitar transtornos e desgastes com a Coordenação. Neste dia, o oitavo ano foi dispensado de todas as demais aulas, num acordo feito entre mim, a coordenação, a supervisora pedagógica e os outros professores, que concordaram com a organização.

Na verdade, o que eu percebi ao longo de dois meses de intervenção era que os professores do oitavo ano ficavam bastante aliviados quando eu lhes solicitava seus horários com a turma. Os problemas que os professores enfrentavam com a indisciplina e com as dificuldades de relacionamento com a turma fazia com que as minhas intervenções fossem vistas por eles como um presente, ou um horário de descanso. Era comum eu ouvir dos meus colegas comentários em tom de brincadeira, como por exemplo: “você não tem nenhuma saída com o oitavo ano hoje não? Pega a turma para você!”. Ou ainda: “se quiser pode ficar com todas as minhas aulas com eles. Não ligo não.”

Por outro lado, embora, no início das intervenções, eu tivesse dificuldades semelhantes com alguns alunos da turma, fui observando uma transformação gradual do nosso relacionamento, para melhor. A turma passou a me ouvir mais, o que era uma grande mudança. Alunos que antes exageravam na conversa, saíam de sala e quadra sem autorização, corriam pela sala e tinham atitudes inconvenientes, passaram a colaborar, pediam silêncio para os colegas e demonstravam maior interesse pelas aulas e compreensão sobre as propostas, sobre o tempo das

atividades, etc. Evidentemente, problemas ainda aconteciam, como o incidente em que precisei convidar três alunos a se retirar da sala durante a palestra da Cartiane. Porém, eram bastante amenizados em comparação ao que se via antes das aulas sobre os esportes náuticos.

Vale lembrar que parte dos problemas do oitavo ano diziam mais respeito à falta de atitude da gestão e da coordenação do que de indisciplina da turma em si. O fato de eu não esperar ações externas e, seguindo as recomendações da minha orientadora, insistir nas intervenções mesmo diante de um cenário desafiador na escola acabou criando, forçadamente, um ambiente favorável para essas aulas diferenciadas. Para isso foi necessária uma dose de resiliência e de sacrifício do meu tempo pessoal. Alternativas como a realização das saídas e do Festival nos meus dias de planejamento me ajudaram a contornar alguns desses problemas, pois me deixava menos dependente da Coordenação, me permitiam passar mais tempo com a turma e a criar minhas próprias estratégias para resolver as dificuldades que eu encontrasse. Em contrapartida me levavam a trabalhar sozinho, na grande maioria das vezes, e numa carga horária muito maior durante a semana. Assim, cheguei ao dia do Festival superando vários obstáculos.

Iniciamos o dia com os preparativos para abrir o evento às 14 horas. Eu e a supervisora pedagógica havíamos estabelecido um horário de visitação à cada turma da escola. De três em três, as turmas cumpriram as três estações do Festival em forma de rodízio, permanecendo 15 minutos em cada uma delas: as Oficinas, a Exposição (onde também aconteceria a palestra com o surfista) e a Palestra com relato de experiência dos estudantes no Auditório.

Antes de abrimos o Festival, nos reunimos na sala de aula para acertarmos os últimos detalhes do evento e para eu recolher os diários de bordo e os trabalhos de pesquisa. Para minha surpresa, dos 26 estudantes, apenas 4 tinham para apresentar seu diário de bordo com o relatório individual das nossas aulas e dos 4 grupos, apenas 2 haviam realizado o trabalho avaliativo sobre a acessibilidade da prática dos esportes náuticos. Fiquei bastante assustado e desapontado com isso porque em todas as aulas, inclusive no dia anterior e nos grupos de *WhatsApp* da turma eu os lembrava da importância dos registros no diário de bordo e do trabalho avaliativo, de forma que ficou nítido que não era uma questão de esquecimento, mas sim de falta de compromisso com as atividades da disciplina.

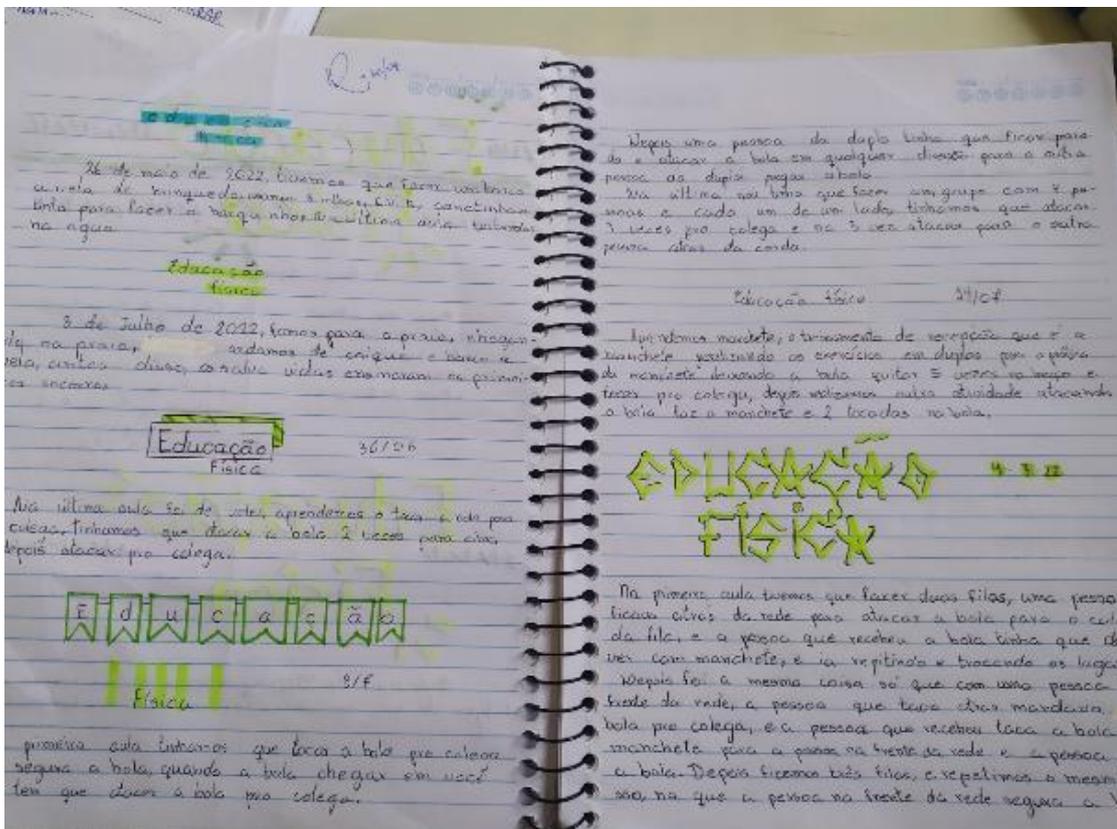
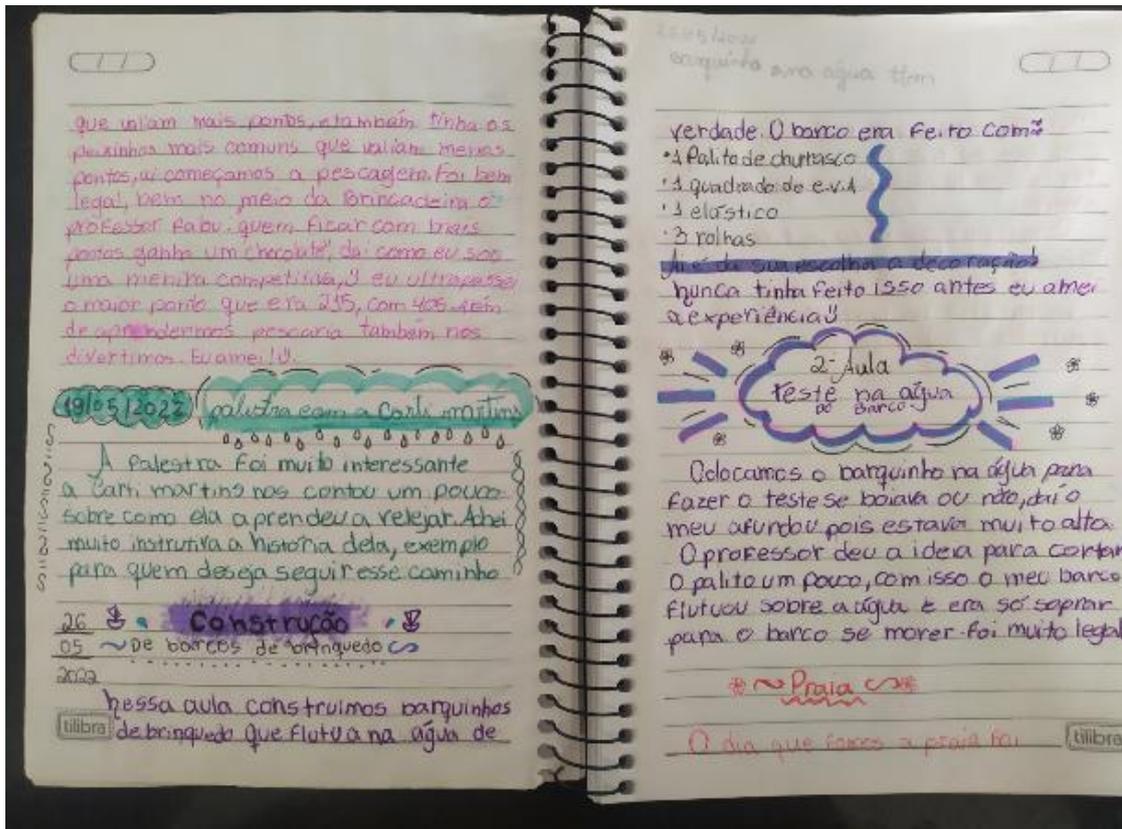
Fiquei tão chateado com isso que passou pela minha cabeça cancelar o Festival, pois eu entendia que a exposição dos diários de bordo dos alunos era uma das atrações mais significativas do evento. Externei à turma toda a minha decepção com tamanha negligência com os dois trabalhos da unidade didática e perguntei-lhes como se sentiriam se eu não assumisse meus compromissos com a turma, se depois de apresentar a ideia das aulas que teríamos na piscina, na praia eu simplesmente esquecesse disso e não me dedicasse a realizá-las. A turma havia acompanhado, dia a dia, os desafios que eu encontrei para concretizar aquelas aulas diferenciadas e sabiam que eu não tinha desistido delas, mesmo diante dos vários problemas que apareceram. Questionei a eles:

“E se no dia da saída para a piscina, para a praia, com todo mundo pronto, eu chegasse e dissesse que havia me esquecido da atividade e que ficaríamos na escola, como vocês se sentiriam? Imagina vocês chegando aqui com uma expectativa e eu não cumprindo meus compromissos com vocês, como vocês se sentiriam? Porque é assim que estou me sentindo diante de 22 alunos que se esqueceram de fazer um trabalho que era para ter sido feito todos os dias, ao final de todas as aulas. Um trabalho que eu estou lembrando todos os dias, falando da importância dele estar aqui hoje, pronto, desde abril! Quero saber se vocês têm esquecido dos trabalhos de Ciências, História e Matemática também, ou se é só de Educação Física. Vocês só esquecem os trabalhos do professor que leva vocês para piscina, que faz piquenique com vocês, que leva vocês para a praia, né?”. (REGISTRO NO CADERNO DE CAMPO, 10/06/2022)

A turma ficou em profundo silêncio, bastante constrangida. Eu estava consciente da chantagem emocional que eu estava fazendo e foi proposital, porque de fato eu sentia uma certa displicência com as atividades avaliativas de Educação Física, ao passo que percebia grande dedicação da turma nas tarefas de outras matérias, inclusive era comum tentarem usar o tempo da aula de Educação Física para fazer trabalhos de outras disciplinas.

Percebi que minhas palavras tinham sido tocantes e me pareceu que eles se sentiram envergonhados por aquela falha. Alguns alunos pediram desculpas e prometeram levar o diário de bordo e o trabalho na aula seguinte. Outros sustentaram o argumento do esquecimento, alegando confusão com troca de caderno. Como o diário de bordo e o trabalho de pesquisa eram atividades avaliativas, disse à turma que eu aceitaria os trabalhos com atraso, mas a cada dia de atraso eles valeriam 20% a menos do seu valor e que por ora, faríamos a exposição com os quatro trabalhos que haviam sido entregues naquele dia, que por sinal estavam bastante caprichados (ver **Figura 28**).

Figura 28 - Diários de bordo dos estudantes



Fonte: Elaboração própria

Figura 29 – Abertura do Festival Náutico



Fonte: Elaboração própria

Seguimos com a organização do Festival, apesar do inconveniente dos trabalhos. Recomendei que os alunos tivessem uma atuação muito dedicada no evento, para compensar a falha e o prejuízo de nota por causa dos trabalhos não realizados. Percebi que essa situação ajudou a reforçar o comprometimento dos alunos com o Festival e que ao longo do dia eles fizeram questão de demonstrar um maior empenho e dedicação com as tarefas do evento.

Depois, tratamos de organizar os espaços do evento, espalhando cartazes, organizando os equipamentos a serem expostos, ensaiando a palestra no auditório, montando o monitor que faria a exposição de fotos e preparando os espaços da oficina. Às 14 horas, quando tudo estava pronto, demos início ao evento, recebendo as primeiras turmas visitantes.

Organizamos o Festival em rodízios pelas três principais atrações, enquanto uma turma realizava as Oficinas, outra assistia a Palestra dos alunos e a terceira acompanhava a exposição com a palestra do surfista. Permaneci durante toda a tarde auxiliando e acompanhando a realização das atrações, organizando o rodízio de turmas, orientando os estudantes em suas funções.

As Oficinas (ver **Figuras 30 e 31**) foram as atrações que mais cativaram os visitantes, cada uma delas contava com dois estudantes “coordenadores”, responsáveis pela instrução e pelo acompanhamento da atividade. A pescaria, a simulação de caiaque e *stand up paddle* com *skate* e a oficina de nós geraram filas de crianças muito ansiosas por experimentar. Muitas vezes foi difícil encerrar as Oficinas para fazer o rodízio com as outras estações do Festival porque as crianças estavam muito entretidas com as atividades e não queriam parar. Algumas vezes os 15 minutos não foram suficientes para que as crianças participassem das três oficinas e elas reclamavam disso. Fiquei feliz pois concluí que as atividades eram divertidas, diferentes e estavam despertando o interesse dos alunos visitantes, mas reconheci que o tempo era realmente curto, pois todas as turmas da escola precisariam passar pelo Festival ao longo do dia.

A Exposição aconteceu na Biblioteca e contou com os equipamentos náuticos emprestados pela Vix Náutica, com os equipamentos do surfista Marcelo Delmaestro, os diários de bordo elaborados pelos alunos, os trabalhos de pesquisa sobre a acessibilidade dos esportes náuticos, cartazes com ilustrações, descrição e fotos das diferentes modalidades, as gravuras com linhas, curvas e ondas elaborados por outros estudantes com a professora de Artes e as fotografias tiradas pelos alunos durante as aulas que tivemos apresentadas num monitor de TV (ver **Figura 32**).

Os alunos responsáveis pela exposição permaneciam na sala explicando aos visitantes o que era cada item exposto, descrevendo as imagens apresentadas. Além disso, as três primeiras turmas que visitaram a exposição assistiram a palestra do Marcelo, falando sobre sua trajetória no *surf* e sobre a prática do esporte no Espírito Santo. Devido a compromissos pessoais, o surfista não pode ficar o restante do dia no Festival, mas a sua presença abriu portas para que outros projetos fossem pensados junto à escola, pois ele nos fez um convite para visitar uma escolinha de *surf* de um projeto social que ele fazia parte e assim aprendermos um pouco mais sobre a modalidade.

Figura 30 – Festival Náutico: Oficinas



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Figura 31 – Festival Náutico: Oficina de Nós

Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022

Por fim, a terceira estação do Festival era a Palestra dos alunos do oitavo ano, que apresentavam um slide contando sobre o que eles aprenderam ao longo daqueles meses e como foram as experiências de cada um. Um grupo de cinco alunos, dois meninos e três meninas ficaram no auditório apresentando o conceito de esportes náuticos, as suas diferentes classificações, particularidades de cada modalidade e narraram o que foi de mais marcante ao longo da unidade didática, apresentando vídeos e fotos. Foi dada a responsabilidade deles operarem todo o sistema de som do auditório, os computadores e organizar a entrada dos estudantes, bem como de orientar para o preenchimento da pesquisa de satisfação do participante do Festival, no final. Durante quinze minutos quatro alunos falavam sobre sua aprendizagem e respondiam a perguntas dos visitantes (ver **Figuras 33, 34 e 35**).

Inicialmente, quando foi apresentada a proposta do Festival, eu estimei que planejassem alguma apresentação artística, um teatro, uma coreografia, um recital, algo que mobilizasse a criatividade dos estudantes para construir uma narrativa diferente, inusitada para o tema dos esportes náuticos. Entretanto, como foi dito

anteriormente, eles ficaram um tanto envergonhados e preferiram algo mais formal, chegando assim ao formato da Palestra. Contudo, no dia do Festival, dominando totalmente o palco e os recursos do auditório e percebendo que os visitantes estavam encantados e admirados com os trabalhos da turma, que era a mais velha do turno da tarde, os palestrantes se empolgaram e foram criando formas diferentes de se apresentar.

Figura 32 – Festival Náutico: Exposição de equipamento náutico e Palestra com o surfista



Fonte: Estudantes do oitavo ano C, EMEF ODL 2022 e Alexandre Flores

Nas primeiras sessões da palestra eu fiquei no auditório para iniciar a apresentação e “quebrar o gelo”, ajudando os alunos que estavam um tanto inseguros em falar em público. Depois fiquei apenas circulando por lá, observando como tudo estava fluindo. Em certa hora, fui ao auditório e vi que o ambiente estava totalmente escurecido e as cortinas do palco estavam fechadas. A plateia estava em total silêncio. “Mas o que está acontecendo?”, pensei.

De repente, um aluno começou a cantar no microfone, e as luzes do palco se acenderam. A plateia vibrou, cantando junto. As cortinas se abriram e os quatro estudantes começaram a entrar no palco cantando e dançando (ver **Figura 34**). Os visitantes, que eram de uma turma de sétimo ano começaram a aplaudir e a assoviar, e tudo virou um show. Tive receio que a coordenação viesse até o local preocupada com o barulho ou investigando o que estava acontecendo, mas deixei as coisas caminharem.

Figura 33 – Festival Náutico: Palestra dos estudantes



Fonte: Elaboração própria.

Figura 34 – Festival Náutico: Estudantes improvisam durante a palestra



Fonte: Elaboração própria.

Depois de cantarem e dançarem, os alunos se apresentaram, super desenvoltos, fazendo piadas, apreciando a fama que estavam ganhando naquele momento, recebendo a admiração dos outros alunos da escola. Então começaram a palestra narrando as aulas de esportes náuticos, as experiências que tiveram e com o conteúdo na ponta da língua. Fiquei admirado, feliz e até um pouco emocionado com a forma como eles criaram um modo próprio de fazer seu relato de experiência.

Em suas falas (numa linguagem típica de sua idade) ouvi frases, como “Essas aulas foram muito top gente, sério”, “A gente tem muita sorte de ter um professor como o Randley aqui na escola”, “Eu passei a gostar muito desses esportes, me deu muita vontade de praticar tudo de novo”. A espontaneidade dessas falas, compartilhadas com os outros alunos, e ditas sem que esses estudantes tivessem consciência de que eu estava ali me fez ter consciência da riqueza de experiências que meu projeto havia proporcionado àqueles alunos. À medida que as turmas encerravam a visitação às atrações do Festival outras vinham chegando. Algumas crianças de primeiro a quinto

ano chegavam até mim e falavam que queriam que eu fosse seu professor, outras diziam que eu era o professor mais legal da escola e outros ainda perguntavam em que ano que eu daria aula para eles. Essa era uma pergunta imensamente satisfatória de ouvir, pois significava um reconhecimento profissional preciosíssimo vindo daqueles que nem mesmo eram meus alunos, mas queriam ser, por verem valor e significado nas minhas aulas. Eu sorria e dizia que não ia demorar, que em breve estaríamos juntos.

Figura 35 – Festival Náutico: Palestra dos estudantes



Fonte: Elaboração própria.

Figura 36 – Festival Náutico: Pesquisa de satisfação

AUDITÓRIO
FESTIVAL NÁUTICO

LISTA DE VISITANTES E AVALIAÇÃO DO EVENTO - 10/06, DE 14H30 ÀS 18H00

NOME	TURMA	AVALIAÇÃO DO FESTIVAL		
Henriquez Aguilera	6 ^o C	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mario Claxo D ^o de Souza	6 ^o C	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
LARA GABRIELLY C. DOS SANTOS	6 ^o C	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
STHEFANY C. DOS SANTOS	6 ^o C	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Guilherme Jesus de Almeida	6 ^o C	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
VINÍCIUS	6 ^o C	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lucyeli L.	7 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ADRYANA	7 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Robertth	6 ^o C	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PEDRO H.	7 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Samuel	7 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Miguel	2 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
GIULIANA	2 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ISABELLY	2 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ALICE	2 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ALANA	2 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
DENER	2 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
MARIA JUCIA	2 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
AHILE	2 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
MATEUS	2 ^o B	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Fonte: Elaboração própria

Por volta de 17h40 encerramos o Festival e começamos a recolher os materiais. As últimas turmas visitantes foram para sala organizar a saída. Neste momento observei as pesquisas de satisfação, que haviam sido distribuídas nas quais cada aluno deveria assinar seu nome, turma e um emoji que representasse seu estado

de humor depois de participar do Festival. A grande maioria, cerca de 80% das avaliações foram positivas. Segundo os aplicadores da pesquisa, a principal justificativa das avaliações negativas foi a falta de tempo para as Oficinas, ou porque algum colega havia atrapalhado sua atividade, ou lhe roubado a vez de participar.

Tentei reunir toda a turma do oitavo ano para uma foto final, que encerrasse tanto o Festival como a unidade didática, mas não foi possível. Percebi que os alunos estavam muito cansados, felizes também, mas bastante ansiosos por ir embora, já que era uma sexta-feira e havia um feriado na semana seguinte. Agradei a participação de todos, parabeneizei o empenho e a dedicação da turma, e nos despedimos.

Na aula seguinte começamos com uma avaliação coletiva do evento. Comecei dizendo que a entrega e o envolvimento que cada um deles demonstrou com o evento havia compensado a displicência com os trabalhos. Anunciei que todos tiveram bom desempenho na avaliação do Festival, pois percebi que toda a turma havia dado seu melhor e realizado além das suas responsabilidades iniciais. Mas ainda faltaria a nota dos diários de bordo e da pesquisa em grupo.

Perguntei à turma como cada um havia percebido o Festival. Os alunos disseram que gostaram muito do evento, que foi um dia diferente e que se sentiram professores por um dia. Os que eram responsáveis pelas oficinas relataram que se sentiram muito cansados, que as crianças dos anos iniciais davam muito trabalho e eram muito levadas e por vezes eles ficavam sem paciência com elas. O grupo da exposição, um grupo formado por alunos mais tímidos, contou que sentiu dificuldades em falar em público e muita vergonha, e de fato, esse grupo precisou da minha ajuda várias vezes para apresentar a exposição aos visitantes. Por fim, os palestrantes afirmaram que gostaram muito do evento e da responsabilidade que tiveram e disseram ter se arrependido de não terem pensado em algo diferente e engraçado para fazer, pois no final a palestra havia ficado muito formal.

Com isso, encerramos a unidade didática, colecionando muitos aprendizados, experiências extremamente marcantes e muitas histórias para contar. Eu, particularmente, senti uma gigantesca realização pois superei todas as minhas expectativas iniciais com o projeto. Por muitas vezes me senti inseguro e pensei que parte do que eu havia planejado não daria certo, não se concretizaria devido às dificuldades que semana a semana iam surgindo. Ao ver todo o trabalho realizado,

apresentado pelos estudantes e concluído daquela forma, me senti bastante orgulhoso e agradecido pela sincronia de ações positivas, parcerias e ideias que se somaram ao longo desses dois meses de intervenções e que possibilitaram que tudo acontecesse. Enfim, havíamos navegado bastante e chegado ao nosso cais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: AFINAL, ATÉ ONDE FOI POSSÍVEL NAVEGAR?

Diz-se que a melhor parte de algumas viagens não é o destino, mas o percurso, e a experiência pedagógica que tivemos no nosso encontro com os esportes náuticos foi um exemplo dessa máxima. Ao longo de 3 meses embarcamos numa empreitada de resultados inesperados. Tínhamos altas aspirações e desafios imensos pela frente, mas boa parte deles foram superados com a ajuda de parceiros e apoiadores do projeto e do que ele significava para a comunidade escolar da EMEF ODL. Com a certeza de que o percurso foi uma aventura satisfatória, me questiono: até onde essa viagem nos levou?

Através de um planejamento participativo realizado em 2021 identifiquei uma barreira severa que apartava os estudantes da EMEF ODL dos esportes náuticos e marítimos da cidade de Vitória. Nessa constatação inicial percebi a falta de curiosidade e interesse dos jovens sobre esse tema, o que culminou com a não escolha deste conteúdo para a ocasião. No entanto, em 2022, os esportes náuticos foram apresentados como conteúdo para os estudantes, provocando-os com experiências, debates e reflexões inéditas. O resultado foi apresentado neste trabalho e ele deixou claro que o desinteresse dos estudantes era consequência do desconhecimento, da distância e da desconexão daquelas modalidades com seu contexto de vida – algo que poderia ser transformado e superado na escola.

Estas circunstâncias mostraram que o planejamento participativo pode ser uma ferramenta bastante democrática para o ensino, no entanto, há conteúdos que os estudantes dificilmente escolherão, especialmente aqueles com os quais eles não têm vínculo prévio. Logo, a participação do estudante pode carecer de consciência nas decisões tomadas pois ele pode não possuir elementos ou condições para opinar e sugerir. Sendo assim, há casos e momentos em que a intencionalidade do professor é que garantirá o acesso à riqueza de aprendizagens da cultura corporal de movimento.

Inicialmente, nossos esforços resultaram na derrubada do mito de que os esportes náuticos e aquáticos, de modo geral, não combinam com a Educação Física escolar e mostraram que há, sim, espaço, meios e formas de desenvolver esse tema dentro e fora da escola, com os recursos disponíveis no ensino público. As iniciativas aqui construídas ainda evidenciaram que é possível trabalhar esse conteúdo numa escola periférica, sem a disponibilidade de uma piscina, distante da praia e ainda assim garantir experiências corporais e marcantes aos estudantes.

Planejamos, desenvolvemos e realizamos algumas estratégias que se mostraram viáveis para o trato pedagógico dos esportes náuticos nos anos finais do ensino fundamental, que incluíram: brincadeiras e jogos com simulação de movimentos e com água na escola, construção de brinquedos, aulas expositivas com vídeos e imagens, observação de materiais náuticos, bate papo com praticantes de modalidades náuticas, visita a parques públicos e experimentação de modalidades na piscina e na praia. As atividades foram realizadas com uma turma de oitavo ano da EMEF ODL e contou com o suporte de muitos parceiros, nos quais se destacaram o CEFD - UFES, a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Vitória, A Escola de Vela Vix Náutica, a Agência de Turismo de Aventura Alma Nativa e outras várias pessoas e profissionais que somaram forças conosco.

Foi com ajuda, e somente com ela, que conseguimos desenvolver algumas das ações pedagógicas apresentadas nesse trabalho. Isso me permite afirmar que o tema dos esportes náuticos e das práticas corporais de aventura aquáticas é sim um conteúdo possível para ser incluído no currículo da Educação Física escolar, contudo, os professores que assim como eu não tiverem acesso facilitado ao equipamento náutico e aos espaços em que esses esportes são praticados terão um certo grau de dificuldade de aproximar os estudantes destes lugares e precisarão formar e conquistar parcerias, além de, eventualmente, investir recursos próprios e dedicar parte do seu tempo pessoal no planejamento das aulas, tal como foi feito aqui.

Certamente as intervenções pedagógicas testaram os limites e a criatividade de um professor de Educação Física e de uma escola sem muitos recursos para o aprendizado e vivências significativas dos estudantes com os esportes náuticos. Mais do que isso, também buscaram transformar a realidade e conectar a comunidade escolar com a cultura do mar, romper barreiras sociais e estigmas, estimular a criticidade, o questionamento e a curiosidade, assim como ampliar o horizonte de

práticas e experiências dos alunos com parte representativa da cultura corporal de movimento de sua cidade.

A pesquisa revelou dificuldades e obstáculos consideráveis ao trabalho do professor, que evidentemente limitam o aprendizado dos estudantes, mas que poderiam deixar de existir se houvesse interesse do poder público e das instituições educacionais responsáveis. Sem esses obstáculos, o docente teria um rico horizonte de possibilidades pedagógicas. Entretanto, parte dos objetivos desse trabalho foi identificar esses desafios e buscar meios de superá-los, o que considero ter atingido com as intervenções.

Parte desses desafios se traduziu em situações delicadas e conflituosas com a gestão da escola, em visões distorcidas sobre o papel da Educação Física que ainda persistem no nosso meio, em dificuldades de construir um trabalho coletivo e interdisciplinar, em lacunas e obstáculos impostos por reforma curricular implementada sem o devido debate com os profissionais de educação do município de Vitória. Em suma, os desafios encontrados e vividos revelaram que os esportes náuticos não são um conteúdo de fácil abordagem para a maioria das escolas e realidades no Brasil, mas o professor poderá ir tão longe quanto for seu alcance, disposição, conhecimento prévio e motivação. Caso ele se dedique a essa aventura, poderá transformar a vida dos estudantes com experiências singulares e descobrirá, como eu descobri, o sem número de temas enriquecedores e transversais que surgem a partir desse direcionamento, percebendo que o debate sobre os esportes náuticos poderá ir além da cultura corporal e chegar à educação ambiental, às tecnologias, ao direito ao lazer e ao esporte, à meteorologia e ao clima, à constituição geográfica das nossas cidades, dentre muitos outros assuntos.

Diante desse fato, ao perceber a riqueza de temas que orbitavam os esportes náuticos e as possibilidades pedagógicas deste conteúdo, procurei ir o mais longe possível. Na realidade em que eu estava, o mais longe que eu poderia deslumbrar seria provocar discussões, instigar a curiosidade, estimular a criatividade e levar os estudantes para a prática de esportes náuticos na praia, com os equipamentos reais, no ambiente natural onde eles de fato são praticados em sua cidade. E isso aconteceu e foi extremamente impactante para todos os envolvidos.

Se antes eu havia percebido desinteresse, falta de curiosidade e apatia dos estudantes pelos esportes náuticos, ao fim dessa jornada observei um outro cenário

que começou a se mostrar de modo muito sutil na apropriação do vocabulário e da nomenclatura referente a algumas modalidades. O questionário diagnóstico aplicado no início da unidade didática havia refletido que muitos deles não conheciam, nunca tinham experimentado nem sabiam o nome de várias modalidades praticadas, mesmo nas praias de Vitória. Com o tempo, eles aprenderam a nomear tais atividades e também a dizer algumas de suas características, comentar sobre seus equipamentos, tecer algum tipo de julgamento sobre aquela prática.

Posteriormente, à medida que aumentávamos a quantidade e a qualidade de nossas experiências, percebi que os estudantes começaram a colecionar histórias pessoais com os esportes náuticos. Avalio que a unidade didática trouxe sobretudo, histórias. E ter histórias para contar é um forte indício de que algo significa alguma coisa para nós. Se vivemos uma experiência, se sentimos aquilo na pele, se guardamos alguma memória sobre o que vivemos em um determinado momento, aquilo faz sentido para nós e é importante de alguma forma.

Assim, enquanto as nossas aulas proporcionavam novas histórias aos estudantes, eles descobriam que os esportes náuticos existiam, que eram divertidos, emocionantes, desafiadores e possíveis – pelo menos ali na escola, na aula de Educação Física. É possível que muito tempo passe, que daqui a alguns anos, quando já adultos, eles sigam suas vidas longe do mar e dos esportes náuticos, mas ainda assim se lembrarão daquele momento na aula de Educação Física em que entraram num barco à vela pela primeira vez, ou que remaram num caiaque e numa prancha de *stand up paddle*, que fizeram uma guerra de balão d'água na escola, que aprenderam a fazer nós e a construir veleiros de brinquedo. Talvez quando eles forem à praia, saibam dizer o que é o *kitesurf*, o *windsurf*, a canoagem e o *stand up paddle*. Poderão observar e dizer que já praticaram e aprenderam sobre algumas dessas atividades na escola.

Dito isso, observo que as experiências trouxeram significado para os esportes náuticos na vida dos estudantes e isso ficou ainda mais evidente quando eles organizaram e apresentaram o Festival Náutico para a toda escola, compartilhando o que tinham aprendido com os colegas. O evento foi o momento de contar a história e dizer o que realmente significou aprender sobre aquelas modalidades. Impressionei-me com o fato de que foi somente no Festival, na intervenção conclusiva, que eu pude ter uma dimensão real do que esse trabalho de fato significou para os estudantes: a

apropriação de parte da cultura corporal de movimento mais emblemática da sua cidade. Eles se sentiram parte do mar, trouxeram a praia e os esportes náuticos para a escola.

Em virtude disso considero que o Festival foi uma ferramenta de avaliação muito oportuna para trazer à tona tudo aquilo que eu não tinha percebido durante as aulas e com as outras ferramentas de avaliação como as rodas de conversa, diários de bordo e o trabalho de pesquisa. Foi interessante como o Festival propiciou o protagonismo dos alunos no seu percurso de aprendizagem e os colocou na posição de professores dos demais colegas.

Enquanto as intervenções corriam, algumas histórias paralelas aconteceram e representaram um claro sinal de que os alunos estavam interessados e motivados com o tema dos esportes náuticos. Uma delas foi de um estudante do oitavo ano que estava para ser transferido pela sua família para o turno matutino e pediu aos seus pais que esperassem alguns meses, pois assim ele poderia participar das aulas de Educação Física sobre esportes náuticos. A família felizmente atendeu ao seu pedido.

Houve ainda toda a repercussão dada para as intervenções nas mídias da Secretaria de Educação, em especial para a atividade realizada na piscina e na praia e para o Festival Náutico, que ganharam notícias no site da Prefeitura e no informe digital da Secretaria (ver Anexo III). Também a Universidade Federal de Minas Gerais, onde me graduei, fez uma matéria sobre meu trabalho na Prefeitura de Vitória e recebi o apoio de diversos colegas e professores da instituição. Por último fui convidado para falar sobre a minha experiência para professores de Educação Física de todo o Brasil no canal de Youtube Conexão Educação Física Escolar²⁶ e em algumas formações continuadas para professores.

Toda a riqueza de experiências provocadas por essa pesquisa-ação abriu um grande campo de possibilidades e desdobramentos para sua continuidade, em diferentes meios e formatos. Uma possibilidade, já construída é a cartilha “Escola a Bordo: Possibilidades Pedagógicas para a abordagem dos Esportes Náuticos na Educação Física escolar”, produto dessa pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação e que tem como objetivo apontar caminhos e alternativas para que professores de Educação Física desenvolvam esse conteúdo em suas aulas, em escolas com diferentes realidades. A cartilha será publicada em formato digital num

²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7TfuhM52SOc>>

blog que escrevo e administro desde a minha graduação, intitulado “Estudos Náuticos”²⁷ e também poderá ser compartilhada em grupos de *e-mails*, *whatsapp* e *telegram* de professores de Educação Física da Grande Vitória, do grupo Conexão Educação Física escolar, que tem alcance nacional, e de Federações esportivas como a Confederação Brasileira de Vela (CBVela) com a qual já possuo certo vínculo.

Outro caminho possível e que já foi sugerido por alguns dos parceiros desse trabalho seria a apresentação da pesquisa e seus resultados à Secretaria de Educação para propor um projeto pedagógico extraclasse e itinerante, levando os esportes náuticos para outras escolas de Vitória, de modo a promover algumas das ações construídas na EMEF ODL em outras unidades escolares da Prefeitura como forma de disseminar a cultura náutica para outros estudantes e comunidades. Independente dessa iniciativa se concretizar ou não, eu mesmo posso incluir algumas das minhas ações pedagógicas em outras turmas com as quais eu trabalhar, em outras escolas. Ou seja, minha trajetória pessoal e profissional também foi profundamente marcada por esse conjunto de experiências.

Por último, vislumbro que a pesquisa também poderá ser divulgada em periódicos científicos, eventos e congressos na área da Educação Física escolar sob a forma de artigos, comunicação e relatos de experiência. Deste modo, estou seguro em afirmar que a viagem aqui iniciada sequer terminou. Ainda pode haver muitas milhas a serem navegadas.

Por fim, atracando o nosso barco no cais e abaixando as velas, defendo que os esportes náuticos podem ser abordados como conteúdo na Educação Física escolar em escolas brasileiras com distintas realidades. A abordagem desse tema pode garantir uma experiência corporal, estética, sensível, de liberdade e autonomia para os sujeitos muito peculiar, que certamente será memorável em suas vidas.

²⁷ www.estudosnauticos.wordpress.com

REFERÊNCIAS

BELLINI, A.K.Q.C. A fruição da orla e da paisagem marítima como recurso recreativo em Vitória/ ES. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 16., 2019, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3BDtPxs>>. Acesso em 21 jul. 2021.

BETRÁN, J. O. **Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha**: as atividades físicas de aventura na natureza. In: BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. (Org.). Turismo, lazer e natureza São Paulo: Manole, 2003. p. 157-202.

BAHIA, M.C.; SAMPAIO, T.M.V. **Na trilha dos sujeitos praticantes do lazer na natureza**: Um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente. Revista Licere, v.8, n.1, 2005, p.79-92.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.

BERTINI JÚNIOR, N.; TASSONI, E.C.M. **A Educação Física, o docente e a escola**: concepções e práticas pedagógicas. São Paulo, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v.27, n.3, 2013, p.467-483. Disponível em: <<https://bit.ly/3wVSeNo>>. Acesso em 5 fev. 2023.

BETTI, M. **Educação Física escolar**: ensino e pesquisa-ação. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2009.

_____. **Perspectivas na formação profissional**. In: Gebara A, Moreira WW. Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus; 1992

BRACHT, V. **Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?** In: SOUZA JUNIOR, M. (Org.). Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, p. 97-106, 2005.

BRAMANTE, A. C. **Lazer**: concepções e significados. Revista Licere do Centro de Estudos de Lazer e Recreação, Belo Horizonte, v.1, n.1, 1998. Disponível em: <<https://bit.ly/3roraCS>>. Acesso em 23 jul. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 20 mai. 2022.

BRUHNS, H.T. **A busca pela natureza**: turismo e aventura. São Paulo: Manole, 2009.

_____. **O corpo visitando a natureza**: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.). Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente. Campinas: Papirus, 1997.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.

CAMPOS, E.A.; COUTO, A.C.P.; BARROS, C.F.; REZENDE, F.H.F. **Lazer, juventude e violência: Uma análise da literatura vigente.** Movimento, Porto Alegre, v.27, n. 27047, 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3ka3lzf>>. Acesso em 13 jan. 2023.

CERQUEIRA, P.G.; SILVA JÚNIOR, C.F.; SOUZA, L.B.H.S.; COUTINHO, L. **Mapeamento de espaços públicos, práticas de lazer e atividade física de alunos e da comunidade no entorno do Coluni/ UFF.** Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.114-131, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3Wfk5IT>>. Acesso em 13 jan. 2023.

CUNHA, E.R. **Os saberes docentes ou saberes dos professores.** Revista Cocar, Belém, v.1, n.2, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/40jZReg>>. Acesso em 30 jan. 2023.

DAYRELL, J. **A escola como espaço sócio-cultural.** In: _____ (org) Múltiplos olhares sobre educação e cultura. 2ª. reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DEBORTOLI, José Alfredo. **As crianças e a brincadeira.** In. CARVALHO; SALES; GUIMARÃES (orgs.) Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

DIAS, C.A.G.; ALVES JUNIOR, E.D. **Entre o mar e a montanha: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: EDUFF, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2UEmxJj>>. Acesso em 23. Jul. 2021.

DIAS, C. A. G. **Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza.** Licere, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 1-36, 2007.

DOMINGOS, K.; DUTRA, R. **Vivência do estágio docente nos anos finais: as possibilidades metodológicas para a docência.** Desafios e aplicações de saídas de campo. Florianópolis, Pesquisar, v.5, n.8, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3Rw8Vc1>>. Acesso em 05 fev. 2023.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

GONZALEZ, F.J.; FRAGA, A.B. **Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar.** Erechim: Edelbra, 2012.

GOUVÊA, C. **Infância, Sociedade e Cultura.** In. CARVALHO; SALLES; GUIMARÃES (orgs.) Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

FARIAS, I. M.S.; SALES, J.O.C.B.; BRAGA, M.M.S.C.; FRANÇA, M.S.L.M. **Didática e Docência: aprendendo a profissão.** Fortaleza: Liber Livro, 2008.

FAZENDA, I.C. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papyrus, 1994.

FRANÇA, R.; RECHIA, S. O estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de esporte e lazer: apropriação, desapropriação ou reapropriação? In: CAVICHIOLLI, F.; MEZZADRI, F.; SOUZA, D.L. (Orgs.). **Esporte e Lazer: Subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas.** Jundiaí, SP: Fontoura, 2006. p. 61-74.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 25ª ed. 2002

FRANCO, L.C.P.; OLIVEIRA, E.C.; OLIVEIRA, I.L.; OLIVEIRA, M.A. **Atividades físicas de aventura: proposta de um conteúdo na Educação Física escolar no ensino fundamental**. Arquivos em movimento - Eletrônica, Rio de Janeiro, v.7, n.2, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/3x17ebr>>. Acesso em 26 jun. 2021.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. 2 Ed. São Paulo: Perspectiva. 2014.

GOMES, C.L. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

HAYMAN, J. L. **Investigación y educación**. Buenos Aires: Paidós, 1974.

KLUG, L.B. A Vitória do Futuro: uma análise do discurso da sustentabilidade urbana em Vitória (ES). In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR, 11., 2005, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ANPUR, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/3kRkuMn>>. Acesso em 21 jul. 2021.

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 1998.

_____. **Ensino e Mudanças**. Ijuí: Unijuí, 2001.

_____. (Org.). **Didática da Educação Física 1**. Ijuí: Unijuí, 2003.

INÁCIO, H. L. D.; SILVA, A.P.S.; PERETI, E.S.; LIESENFELD, P.A. **Travessuras e artes na natureza: movimentos de uma sinfonia**. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (Org.). **Práticas corporais Florianópolis: Nauemblu**, 2005. p. 81-105. Disponível em: <<https://bit.ly/3Z5yhAe>>. Acesso em 20 nov. 2022.

INACIO, H. L. D. **La enseñanza de las prácticas corporales de aventura en la educación física escolar: Experiencias en Brasil**. Tandém - Didáctica de la Educación Física, v. 45, p. 01-12, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/3ksoXaA>>. Acesso em 20 nov. 2022.

_____. **Proposta de classificação das práticas corporais de aventura para o ensino na educação física escolar**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.43, 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3yuuizd>>. Acesso em 29 ago. 2021.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação [online]: Campinas, n.19, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2z9HFHH>>. Acesso em 25 jan. 2023.

LIMA, L.G.; TSCHOKE, A.; DRULA, A.J.; RECHIA, S. **"O tempo além da escola" - O papel do professor de Educação Física no contra turno escolar**. Revista Kinesis, Santa Maria, v.32, n.2, 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/3Duab83>>. Acesso em 30 ago. 2021.

MAFRA, M.V.P.; FLORES, D.A.C. **Trabalho de campo no ensino da geografia na educação básica: dificuldades e desafios para professores**. Uberlândia, Revista de Ensino de Geografia, v.8, n.15, p.6-16, 2017. Disponível em <<https://bit.ly/3RyOmvk>>. Acesso em 05 fev. 2023.

MARCELLINO, N.C. **Estudos do lazer**: Uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. **Lazer e humanização**. Campinas: Papyrus, 1983.

MARIN, A.A. **A educação ambiental nos caminhos da sensibilidade estética**. Interação, Goiânia, v.2, n.2, p. 277-290, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/3Haun1v>>. Acesso em 25 jan. 2023.

MARINHO, A. **Introdução aos estudos das atividades de aventura**: características, concepções e conceitos. In: Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física. Rio de Janeiro: Phorte, 2013.

_____. **Lazer, aventura e risco**: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. Movimento, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 181-206, 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/3mRJm81>>. Acesso em 29 ago. 2021.

MASCARENHAS, F. **Lazer e trabalho**: Liberdade ainda que tardia. In: Seminário "O lazer em debate" 2. Belo Horizonte, Coletânea... Belo Horizonte: Imprensa Universitária, UFMG, 2001, p.81-93.

MELO, L.P.; SALLES, L.M.F.; **Lazer bairro e escola no depoimento de jovens protagonistas de violência**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 42, n.1, p.12-22, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3QFDaNH>>. Acesso em 13 jan. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasil, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/3iJqqo1>>. Acesso em 21 jul. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Educação Física. Brasil, 1998. Disponível em: <<https://bit.ly/3y1JtzR>>. Acesso em 27 jun. 2021

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Boletim de inteligência de mercado no turismo - Turismo Náutico**. 8ª edição. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3BDauMM>>. Acesso em 22 jul. 2021.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa em Educação Física**. Porto Alegre: UFRGS/SULINA, 1999. p. 61-93.

OLIVEIRA, R.C. **"Não levo jeito, professor..."** In: DAOLIO, J. (Org.) Educação Física escolar: olhares a partir da cultura. Campinas: Autores Associados. 2010.

PACHECO, R. **Lazer e cidades**: protagonismos e antagonismos nas lutas por espaço. Revista do Centro de Pesquisa e formação SESC-SP, São Paulo, n.2, p. 92-103. Disponível em: <<https://bit.ly/3GIBTQZ>>. Acesso em 13 jan. 2023.

PADILHA, P. R. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. 2ª ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2002.

PADILHA, V. (Org.) **Dialética do lazer**. São Paulo: Cortez, 2006.

PAIXÃO, J.A. **Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de Educação Física escolar**. Motrivivência, Florianópolis, v.29, n.50, 2017. P. 170-182. Disponível em: <<https://bit.ly/3qrgjb2>>. Acesso em 26 jun. 2021.

PEREIRA, A.Q.; DANTAS, E.W.C. **Dos banhos de mar aos esportes nas zonas de praia e no mar**. Sociedade e Natureza, Uberlândia, v.31, 2019, p. 1-24. Disponível em: <<https://bit.ly/3rwnZo6>>. Acesso em 21 jul. 2021.

PICCOLO, G.M. **A escola como ferramenta à educação para o lazer**. Licere, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/3zzyUFx>>. Acesso em 29 ago. 2021.

PIMENTA, G.S. **Pesquisa-ação crítico-colaborativa**: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/3oZWZow>>. Acesso em 21 jun. 2021.

SANTOS, K.V.; RECHIA, S.A.; VIVAN, A.T. **Educação para o lazer em aulas de Educação Física: Desvendando "Boas Práticas"**. Revista Científica Interdisciplinar, Paranaguá, v.5, n.1. 2009, p.77-90. Disponível em: <<https://bit.ly/2WCcYec>>. Acesso em 30 ago. 2021.

SALLES, L.M.F.; DE PAULA E SILVA, J.M.A. **A legitimação da violência nos espaços de lazer e na rua**. Revista mal-estar e subjetividade, Fortaleza, v. 10, n.1, p.211-232, 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/3H6kYJv>>. Acesso em 13 jan. 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos**. Prefeitura Municipal de Vitória, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3iGmjsW>>. Acesso em 22 jul. 2021.

_____. **Portaria Nº 19/2013 de 08/06/2013**. Normatiza medidas a serem adotadas pelas unidades de ensino da rede municipal de Vitória/ ES para a realização de atividades pedagógicas fora do âmbito escolar. Atos oficiais, Vitória, ES, 2013, p. 32-37.

SEVERINO, A.J.; PEREIRA, D.W.; DOS SANTOS, V.S.F. **Aventura e educação na Base Nacional Comum**. EccoS Revista Científica, São Paulo, n.41, p. 107-125, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/3XQIP6N>>. Acesso em 30 jan. 2023.

SILVA, M.M.C.; SILVA, C. R.; SILVA, R.P.; SILVA, L.A.P. **Dificuldades de aprendizagem no ensino de geografia no 7º ano da U.E. Florisa Silva em Canto do Buriti-PI**. Pesquisar, v. 1, n. 2, out. 2014, p. 77-96.

SILVA, R.C.M. **A urbanidade na cidade contemporânea entre fronteiras e trincheiras**. In: SILVA, R.C.M. A cidade pelo avesso: desafios do urbanismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Viana Mosley/ ProUrb, 2006. p. 23-40

SETUR - SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO. **Marlim azul é declarado peixe-símbolo do Espírito Santo**. 15/10/2015. Disponível em: <<https://bit.ly/41EMiH0>>. Acesso em 13 set. 2022.

SNYDERS, G. **Alunos Felizes, reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. São Paulo, Paz e Terra, 1993.

SPINK, M.J.; SPINK, S.P. **A Aventura esportiva na modernidade tardia**. In: DIAS, C.A.G.; ALVES JUNIOR, E.D. Em busca da aventura: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Rio de Janeiro: EDUFF, 2007.

TARDIF, M. GAUTHIER, C. O saber profissional dos professores - fundamentos e epistemologia. In: Seminário de pesquisa sobre o saber Docente, 1996, Fortaleza. **Anais...** .Fortaleza: UFCE, 1996.

TARDIF, M. LESSARD, C. LAHAYE, L. **Os professores face ao saber - esboço de uma problemática do saber docente**. Teoria & Educação, Porto Alegre, n.4, 1991.

TAHARA, A.K.; CARNICELLI FILHO, S. **A presença das atividades de aventura nas aulas de Educação Física**. Arquivos de Ciências do Esporte, Uberaba, v.1, n.1, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3lFw5bY>> . Acesso em 27 jun. 2021.

TAHARA, A.K.; CAGLIARI, M.S.; DARIDO, S.C. **Celular, corrida de orientação, Educação Física Escolar**: elaboração e avaliação de um material didático. Arquivos de Ciências do Esporte, Uberaba, v. 5, n. 1, p. 02-05, 2017. Disponível em:

TANAJURA, L.L.C.; BEZERRA, A.A.C. **Pesquisa-ação sob ótica de René Barbier e Michel Thiollent**: Aproximações e especificidades metodológicas. Revista Eletrônico Pesquiseduca, Santos, v.7, n.13, 2015, p.10-23. Disponível em:<<https://bit.ly/377F2bt>>. Acesso em 28 jul. 2021

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

TSCHOKE A.; RECHIA, S.; ASSIS, T.S.; TARDIVO, T.G.; MARANHÃO, M.C.; RAMOS, P.V.; MORO, L. **Espaço, lugar e brincadeiras**: o que pensam os professores e o que vivem os alunos. Pensar a Prática, Goiânia, v.15, n. 2, p. 272-550, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/3GFdhZ9>>. Acesso em 13 jan. 2023.

TSCHOKE, A.; RECHIA, S.; SANTOS, K.R.V.; VIEIRA, F.G.L.; MORO, L. **As experiências no âmbito do lazer e o princípio da inércia**: uma analogia para pensar sobre os fatores que influenciam a apropriação dos espaços públicos. Revista Movimento, Porto Alegre, v.17, n.1, p. 117-136, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2UWMOT2>>. Acesso em 29 ago. 2021.

UVINHA, R.R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Barueri: Manole; 2001.

VAGO, T.M. **Pensar a Educação Física na escola**: Para uma formação cultural da infância e da juventude. Cadernos de Formação RBCE, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2009, p. 25-42. Disponível em: <<https://bit.ly/3f7zimj>>. Acesso em 23 jul. 2021.

VARNIER, T.R. Os clubes esportivos e a produção da cidade moderna: o caso de Vitória/ES/ Brasil. In: Congresso Argentino y Latinoamericano de Educacióón Física y Ciencias, 9., 2011, La Plata. **Anais** [...]. La Plata: UNLP, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/3zwRzkW>>. Acesso em 21 jul. 2021.

VASCONCELOS, F.N. **A voz da cidade portuária: a presença do porto urbano em Vitória/ ES**. Revista Interseções, Rio de Janeiro, v.16, n.2, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3i0RcJy>>. Acesso em 21 jul. 2021

VERNE, J. **Twenty thousands leagues under the sea**. New York: Airmont Books, 1963. Disponível em: < <https://bit.ly/3SApMei>>. Acesso em 22 jul. 2021.

VIEIRA, J.R. **Estratégias de ensino dos esportes de aventura**: perspectivas para os conteúdos da Educação Física escolar. In: PEREIRA, D.W. Pedagogia da aventura na escola. Várzea Paulista: Fontoura, 2019.

ANEXO I – FORMULÁRIO DE DIAGNÓSTICO DAS EXPERIÊNCIAS DOS ESTUDANTES COM MODALIDADES NÁUTICAS E AQUÁTICAS

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



QUESTIONÁRIO

Este questionário tem o objetivo de conhecer suas experiências anteriores com atividades de lazer na água e com esportes náuticos. Sua resposta nos ajudará a construir e planejar as atividades das próximas aulas, portanto, responda às questões abaixo com sinceridade, mas fique à vontade para deixar em branco as perguntas que você não se sentir confortável de responder. Fique tranquilo(a), sua identidade será preservada e nenhuma informação pessoal obtida deste questionário será divulgada.

1. Nome: _____
2. Idade: _____ anos
3. Bairro em que mora: _____
4. Cidade em que nasceu: _____
5. Se não nasceu em Vitória, há quanto tempo mora na cidade? _____ anos
6. No seu tempo de lazer, costuma ir à praia? () Sim () Não
7. Se você respondeu sim na pergunta acima, com que frequência vai à praia?

() Uma vez por Semana	() Mais do que uma vez por mês
() Mais do que uma vez por semana	() Nunca fui à praia
() Uma vez por mês	
8. Das atividades abaixo, marque aquela(s) que você não conhece ou nunca ouviu falar:

() Vela	() Pescaria
() Stand Up Paddle	() Rafting
() Canoagem	() Wakeboard
() Windsurf	() Kitesurf
() Remo/ Caiaque	() Surf
9. Das atividades abaixo, marque aquela(s) que você conhece e sabe o que significa, mas nunca teve oportunidade de experimentar/ praticar:

() Vela	() Pescaria
() Stand Up Paddle	() Rafting
() Canoagem	() Wakeboard
() Windsurf	() Kitesurf
() Remo/ Caiaque	() Surf
10. Das atividades abaixo, marque aquela(s) que você já teve oportunidade de observar sendo praticadas na sua cidade:

() Vela	() Pescaria
() Stand Up Paddle	() Rafting
() Canoagem	() Wakeboard
() Windsurf	() Kitesurf
() Remo/ Caiaque	() Surf

**Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)**



11. Das atividades abaixo, marque aquela(s) que você já teve oportunidade de experimentar/praticar:

- | | |
|--|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Vela | <input type="checkbox"/> Pescaria |
| <input type="checkbox"/> Stand Up Paddle | <input type="checkbox"/> Rafting |
| <input type="checkbox"/> Canoagem | <input type="checkbox"/> Wakeboard |
| <input type="checkbox"/> Windsurf | <input type="checkbox"/> Kitesurf |
| <input type="checkbox"/> Remo/ Caiaque | <input type="checkbox"/> Surf |

12. Sobre seu tempo de lazer, você considera:

- Ter tempo suficiente para desfrutar de atividades de lazer
 Ter pouco tempo para desfrutar de atividades de lazer
 Não ter tempo nenhum para desfrutar de atividades de lazer

13. Sobre seu tempo de lazer ao ar livre, você considera:

- Ter tempo suficiente para desfrutar de atividades de lazer ao ar livre
 Ter pouco tempo para desfrutar de atividades de lazer ao ar livre
 Não ter tempo nenhum para desfrutar de atividades de lazer ao ar livre

14. Sobre as condições financeiras da sua família para desfrutar de atividades de lazer ao ar livre, você considera:

- Ter condições financeiras que te permitem desfrutar de qualquer tipo de atividades de lazer ao ar livre
 Ter condições financeiras que te permitem desfrutar de vários alguns tipos de atividades de lazer ao ar livre, que não exigem grandes investimentos
 Não ter condições financeiras que te permitem desfrutar de nenhum tipo de atividades de lazer ao ar livre

15. Sobre suas experiências de lazer com a água, você:

- Tem o hábito de se divertir na água no ambiente doméstico (como em banhos de mangueira, banheira ou piscina) e fora de casa (em piscinas de clube ou no mar)
 Tem o hábito de se divertir na água somente no ambiente doméstico (como em banhos de mangueira, banheira ou piscina)
 Não tem o hábito de se divertir na água

16. Sobre suas experiências com a natação, você:

- Já teve aulas de natação, sabe nadar e se sente seguro(a) sozinho(a) numa piscina
 Já teve aulas de natação, sabe nadar mas não se sente seguro(a) sozinho(a) numa piscina
 Já teve aulas de natação mas sabe nadar e não se sente seguro(a) sozinho(a) numa piscina
 Nunca teve aulas de natação, aprendeu a nadar sozinho(a) e se sente seguro(a) sozinho(a) numa piscina
 Nunca teve aulas de natação, aprendeu a nadar sozinho(a) e mas não se sente seguro(a) sozinho(a) numa piscina
 Nunca teve nenhuma experiência com natação, não sabe nadar e não se sente seguro(a) sozinho(a) numa piscina



- 17. Se você tivesse oportunidade de entrar em contato com a água, numa piscina ou no mar, com adultos e professores por perto, como você se sentiria?**
- () Se sentiria feliz, relaxado(a) e descontraído(a)
 () Se sentiria feliz, mas tenso(a) e inseguro(a)
 () Se sentiria angustiado(a), tenso(a) e inseguro(a)
 () Preferiria não entrar em contato com a água nessas circunstâncias
- 18. Sobre suas condições atuais de saúde, você considera que:**
- () Você tem boas condições de saúde e não tem nenhuma contraindicação médica para realização de atividades físicas na água
 () Você tem boas condições de saúde, mas tem contraindicações médicas para realização de atividades físicas na água
 () Você não tem boas condições de saúde, mas não tem nenhuma contraindicação médica para realização de atividades físicas na água
 () Você não tem boas condições de saúde, e tem contraindicações médicas para realização de atividades físicas na água
- 19. Se nas aulas de Educação Física você tivesse atividades práticas numa piscina e no mar, como acha que sua família reagiria?**
- () Minha família me estimularia a participar, desde que soubesse que eu estaria seguro(a) nas aulas
 () Minha família não recomendaria minha participação, mesmo sabendo que eu estaria seguro(a) nas aulas
- 20. Sobre os assuntos abordados neste questionário, há alguma outra consideração ou observação que você gostaria de fazer?**

ANEXO II – ATIVIDADE AVALIATIVA DA UNIDADE DIDÁTICA DE ESPORTES NÁUTICOS: PESQUISA DE ACESSIBILIDADE DAS MODALIDADES NÁUTICAS A PARTIR DA REALIDADE DOS ESTUDANTES

	PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA	
	EMEF ORLANDINA D'ALMEIDA LUCAS	EDUCAÇÃO FÍSICA - VESPERTINO
	PROF.: RANDLEY CASTRO	TURMA: 8º ano

ATIVIDADE AVALIATIVA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - VALOR: 10 pontos

ACESSIBILIDADE DE PRÁTICA DOS ESPORTES NÁUTICOS

TRABALHO EM GRUPO PARA ENTREGAR E APRESENTAR NO DIA 09/06/2022

Objetivo: Investigar a acessibilidade da prática de uma modalidade de esportes náuticos na região da Grande Vitória para os estudantes de escolas públicas e seus familiares.

Instruções: Formem grupos de até 6 pessoas. Cada grupo ficará responsável por pesquisar a acessibilidade de uma modalidade náutica, definida em sorteio na sala de aula.

A pesquisa poderá ser feita:

- Pela internet, através do site de escolas de esportes náuticos, de Federações Esportivas, de portais de notícias, etc.;
- Pelas redes sociais como Instagram, Youtube e Facebook;
- Entrando em contato com as escolas por e-mail, Facebook, Instagram, Whatsapp, Telefone ou se preferir, pessoalmente.
- Sites de lojas esportivas como Centauro, Decathlon, NetShoes, etc.

O que deverá ser pesquisado:

- Qual o custo para aprender a modalidade náutica (valor do curso ou mensalidade)?
- Para praticar essa modalidade é preciso alugar ou comprar algum equipamento ou vestimenta, se sim, quais compras devem ser feitas?
- Qual o valor do aluguel do equipamento para quem já sabe praticar?
- Se o praticante desejar adquirir seu próprio equipamento para a prática da modalidade, o que ele deverá comprar e quanto vai gastar?
- Qual o custo do deslocamento de alguém que mora na região do bairro da escola até o local de prática da modalidade (pensar no deslocamento de ônibus ou carro de aplicativo)?
- Refita com o grupo e escreva as conclusões que vocês tiraram com a pesquisa: Essa modalidade é acessível ou inacessível para um estudante como você, ou para um familiar seu? Você conseguiria hoje, adotá-la como um estilo de vida e praticá-la regularmente? Por que?

Como o trabalho deve ser apresentado:

- O grupo poderá escolher a forma de apresentação do trabalho entre confeccção de cartazes, produção de slides e gravação de vídeo. O trabalho ficará exposto no dia do Festival Náutico.

Recomendações:

- Use sua criatividade!
- Pense além do que foi pedido. Se conseguir informações extras sobre a modalidade pesquisada, curiosidades, relatos interessantes, registre-os na apresentação!
- Na pesquisa na internet, use as palavras-chave como “escola de remo Vitória ES”, “aprender remo em Vitória ES”, “onde remar Vitória ES” para encontrar as informações que você precisa.

ANEXO III – REPERCUSSÃO MIDIÁTICA DA PESQUISA

A CIDADE
CIDADÃO
EMPREENDEDOR
PREFEITURA
TURISTA
SERVIDOR
IMPRENSA
CORONAVÍRUS

Home do Portal
Imprensa
Todas as notícias
Aula de vivência em esportes náuticos para estudantes de Emef em São Cristóvão

IMPRENSA

- Atos Oficiais
- Lista de assessores
- Manual do Assessor
- Política de Comunicação
- Política de uso
- Todas as notícias

Notícias

Aula de vivência em esportes náuticos para estudantes de Emef em São Cristóvão

Publicada em 09/05/2022, às 14h55

Por Brunella França (blfranca@seme.vitoria.es.gov.br), com edição de Andreza Lopes

Com a colaboração de Luis Oliveira

IMPRIMIR

Luis Oliveira

Aula de vivência em esportes náuticos para estudnates da Emef Orlandina D'Almeida Lucas. 🔍

Luis Oliveira

Aula de vivência em esportes náuticos para estudnates da Emef Orlandina D'Almeida Lucas. 🔍

O uniforme deu lugar aos coletes salva-vidas, e a bola foi substituída pelo remo. Muita diversão e aprendizado para os estudantes da turma do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Orlandina D'Almeida Lucas, que fica em São Cristóvão, na aula de campo de vivência em esportes náuticos, realizada no parque aquático da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

A oportunidade permitiu aos estudantes vivenciar dois esportes náuticos por impulso de força humana: o caiaque e o stand up paddle, modalidade em que o atleta rema de pé, em cima de uma prancha. Eles conheceram os equipamentos, procedimentos de segurança e técnicas necessárias para a prática correta e segura. Antes, em sala de aula, os estudantes já haviam treinado os movimentos utilizando skates, além de terem conversado sobre a proposta dos esportes, suas características e ainda sobre o direito ao esporte e lazer.

Os trabalhos são coordenados pelo professor de educação física Randley Castro, com apoio da pedagoga Fernanda Santos, e contou ainda com uma parceria da agência de turismo de aventura Alma Nativa e da escola de vela Vix Náutica, que forneceram os equipamentos necessários e apoiaram o ensino técnico.

A aula foi um sucesso absoluto com os estudantes, como conta o Daniel Amorin, 14 anos. "Eu gostei muito mesmo, foi a primeira vez que andei de stand up, já tinha visto pessoas praticando mas ainda não tinha tido essa oportunidade". Já sua colega Samyra Rocha já havia praticado stand up, mas não conhecia o caiaque. "Foi uma oportunidade incrível. Jamais imaginava que um dia teria uma aula de Educação Física assim".

O projeto

A aula diferenciada, levando os esportes náuticos para dentro da escola, faz parte do mestrado profissional cursado pelo professor Randley Castro na Ufes, e tem o objetivo de investigar as possibilidades e estratégias pedagógicas para o ensino dos esportes náuticos na Educação Física



Publicada em 06/06/2022, às 14h00

Por Brunella França (bfranca@seme.vitoria.es.gov.br), com edição de Fernanda Sant'Anna

Com a colaboração de Luis Oliveira

Esportes náuticos: caiaque e barco a vela empolgam estudantes em aula de campo



Mais uma tarde de diversão e muito aprendizado prático. Dando continuidade ao projeto de vivência em esportes náuticos, realizado com os estudantes do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) "Orlandina D'Almeida Lucas", que fica em São Cristóvão, a turma foi até a Curva da Jurema para mais uma aula prática de esportes náuticos por impulso de força humana.

Antes de começar os trabalhos, segurança em primeiro lugar. Uma aula de primeiros socorros e procedimentos visando à segurança durante a prática de esportes na praia foi ministrada pelo Sargento Chagas, do Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo (CBMES), com apoio dos guarda-vidas da Prefeitura de Vitória, que atuam no posto Salvamar.

Após a conscientização dos estudantes, que não viam a hora de adentrar no mar, o professor Randley Castro relembrou com a turma as técnicas da prática do caiaque e utilização do remo, que eles já haviam conhecido na última aula, na piscina da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Ele também explicou o circuito que fariam no mar, de forma que todos estivessem próximos e praticassem os movimentos corretos.

A grande novidade para essa aula foi o barco a vela, que possibilitou a prática da vela ou iatismo, esporte olímpico que os estudantes só conheciam pela televisão. A estudante Lara Francesca ficou feliz com a oportunidade de conhecer o esporte. "Nunca havia pensado que teria uma aula assim, na praia e podendo andar em um barco a vela. Foi muito legal, e também gostei muito da aula de primeiros socorros, agora me sinto mais segura no mar e sei o que fazer caso haja problemas", contou.

A estudante Jéssica Lopes, que é atendida pela educação especial, fez questão de aproveitar o máximo possível o caiaque e o barco a vela. "Temos que ter muito cuidado e fazer tudo sempre com segurança. Foi muito legal poder aprender aquele dia na piscina e agora botar em prática no mar de verdade. Pela primeira vez na vida pude praticar esses esportes graças a esse projeto", contou.

Múltiplas aprendizagens

O professor Randley considera que a atividade na praia foi o momento mais importante dentro do projeto.

"Com certeza foi o momento mais importante até agora na nossa jornada. No último, mês estávamos discutindo e experimentando as modalidades náuticas de modo adaptado nos espaços da escola e na piscina, mas vivenciar esses esportes no mar, no ambiente habitual em que são praticados, foi essencial para que os estudantes sentissem as emoções e sensações provocadas pelo contato com a areia, com o mar, com o vento e com os equipamentos. Foi uma experiência enriquecedora, de múltiplas aprendizagens", disse.

O projeto

Os trabalhos são coordenados pelo professor de educação física Randley Castro, com apoio da pedagoga Fernanda Santos, e contou mais uma vez com uma parceira da agência de turismo de aventura Alma Nativa e da escola de vela Vix Náutica, que forneceram os equipamentos necessários e apoiaram o ensino técnico.

A aula diferenciada, levando os esportes náuticos para dentro da escola, faz parte do mestrado profissional cursado pelo professor Randley Castro na Ufes, e tem o objetivo de investigar as possibilidades e estratégias pedagógicas para o ensino dos esportes náuticos na Educação Física escolar. O projeto prevê a realização de 20 aulas planejadas pelo professor para trabalhar esse conteúdo.

Essa foi a terceira saída pedagógica da turma com o professor. A primeira foi em um piquenique no Parque Horto de Maruípe, e a segunda foi no parque aquático da Ufes, em que os estudantes tiveram o primeiro contato com o caiaque e também conheceram o Stand Up Paddle.

Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória. Disponível em: < <https://bit.ly/3EFr69J> >

IMPrensa	<p>Notícias</p> <h2>Festival Náutico: encerramento de projeto cativa estudantes em São Cristóvão</h2> <p style="text-align: right;"><i>Publicada em 10/06/2022, às 16h35</i></p> <p style="text-align: center;">Por Brunella França (bifranca@seme.vitoria.es.gov.br), com edição de Andreza Lopes</p> <p style="text-align: right;">Com a colaboração de Luis Oliveira</p> <p style="text-align: right;">IMPRIMIR</p>
Atos Oficiais	
Lista de assessores	
Manual do Assessor	
Política de Comunicação	
Política de uso	
Todas as notícias	



Luis Oliveira



Festival náutico envolve estudantes da Emef Orlandina D'Almeida Lucas.

Luis Oliveira



Festival náutico envolve estudantes da Emef Orlandina D'Almeida Lucas.

Troca de experiências, aprendizagem coletiva, socialização e integração entre as turmas. Assim foi o "Festival Náutico" realizado na tarde desta sexta-feira (10), na Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) Orlandina D'Almeida Lucas, que fica em São Cristóvão, envolvendo todas as turmas do turno vespertino.

Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória. Disponível em: < <https://bit.ly/3KFFtD3> >

EEFFTO

INSTITUCIONAL
GRADUAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO
PESQUISA
EXTENSÃO
CURSOS E EVENTOS
BIBLIOTECA
NOTÍCIAS
CONTATOS



Ex-aluno do curso de Educação Física da EEFFTO dá aulas práticas de esportes náuticos em Vitória - ES

04/07/2022 | 16:16

Por Melissa Souza*

O professor de educação física Randley Castro, formado em 2020, pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG, dá aulas práticas de caiaque e barco a vela para alunos do 8º ano em escola municipal de Vitória - ES. As aulas fazem parte do projeto "Educação Física escolar e esportes náuticos: uma experiência pedagógica", no qual Randley é coordenador, como parte da pesquisa de seu mestrado orientada pela professora Ana Carolina Rigoni, do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e promove o acesso de estudantes aos esportes náuticos.



Estudantes realizam aula prática de esportes náuticos na praia da Curva da Jurema, em Vitória.
Foto: Arquivo pessoal/Fernanda Perini Santos

Fonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG